

LEIA O LIVRO. SIGA AS PISTAS. VENÇA O JOGO

INFINITY RING™



LIVRO 4

A MALDIÇÃO DOS ANCESTRAIS

MATT DE LA PEÑA

SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





LIVRO 4

**A MALDIÇÃO
DOS ANCESTRAIS**

MATT DE LA PEÑA

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SÉQUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

*Para os professores do mundo inteiro,
principalmente meus dois favoritos:
Al e Roni de la Peña.*

SEMPRE QUE SERA VIAJAVA PELA HISTÓRIA com Dak e Riq, era uma coisa instantânea. Ela era sugada para uma espécie de vácuo, seu estômago ia parar na boca e seu corpo inteiro se transformava em partículas flutuantes em vez de um todo sólido e coeso — uma sensação que ia além de qualquer queda livre possível e imaginável. Então, quando sentia que estava prestes a vomitar, ela abria os olhos e já estava em outro lugar e outra época.

Esta viagem, no entanto, não está sendo como as outras.

Em vez de acelerar, o tempo parece em câmera lenta.

Ela se vê correndo em meio a ruas alagadas, sem fôlego, sob um céu de fim de tarde. Ao longe, tornados enormes devoram bairros inteiros. O Sol, vermelho como sangue, espreita a Terra a uma distância tão próxima que parece impossível, emanando descargas elétricas de seu núcleo, tornando as rajadas de vento insuportavelmente quentes e úmidas. A chuva ácida cai com toda a força em pingos grossos. As pessoas espreitam pelas janelas nos andares mais altos. Todas com os olhos arregalados, gritando. Abraçadas umas às outras.

Sera, porém, não pode se dar ao luxo de parar e ajudar.

Ela precisa seguir em frente. Precisa chegar a seu destino antes que seja tarde demais.

Está sozinha, mas chegou ali acompanhada. Ilsa estava com ela. Ilsa, sua inimiga. Quando ela desmaiou, Sera a deixou para trás, prometendo que voltaria, que tiraria as duas dali em segurança.

Mas não agora. Sera tem algo a fazer primeiro.

A água que inunda as ruas sobe depressa e logo chega à altura da cabeça, forçando Sera a subir por uma escada de incêndio e se apoiar a uma parede. Ela respira fundo e observa a cena. O mundo está acabando. Bem diante de seus olhos.

Sera vê um pequeno bote motorizado amarrado a um caminhão de bombeiros abandonado. Não há ninguém ali. Ela mergulha e sai nadando freneticamente naquela direção. Corta a corda com um canivete, sobe a bordo e aciona o motor. Em questão de segundos está navegando em alta velocidade, dobrando as esquinas, desviando dos corpos que boiam com o rosto mergulhado na água. Alguns são de crianças. Outros, de idosos. Ela passa por homens agachados em cima de carros levados pela correnteza. Como zumbis, eles não têm nenhuma expressão no rosto.

Um deles se vira e olha direto para Sera, provocando nela um calafrio. Naqueles olhos sem vida, ela enxerga a verdade sobre o Cataclismo.

Não é apenas a desintegração do mundo, mas das pessoas também.

Neste momento, Sera percebe que está gritando. Gritando e chorando em cima do bote, berrando para quem quiser ouvir:

— Alguém nos ajude! Isso não pode estar acontecendo!

Mas está.

Ao redor, tudo o que ela vê são caminhões militares tombados, restos carbonizados de árvores destruídas e pessoas arrancadas de suas casas pela força da enchente. Crateras se abrem na crosta terrestre, rachando as estradas e engolindo edifícios inteiros; pessoas fogem em busca de ajuda, gritando os nomes de entes queridos que se foram.

Sera testemunha tudo isso enquanto segue na direção da rua em que passou sua infância.

Ela desacelera o motor ao se aproximar de sua antiga casa, depois pula na água e segue pela calçada alagada, temendo os horrores que encontrará quando entrar, o que verá lá dentro, o que...

Quando ela estende a mão trêmula para a maçaneta, porém, a memória se esvai.

Alertas de tempestade

SERA ABRIU OS OLHOS E PISCOU ALGUMAS VEZES.

Estava ajoelhada no chão de terra, completamente sem fôlego, apertando com força o Anel do Infinito junto ao peito. A primeira coisa que viu foi uma mulher de pele morena vestida com uma túnica *huipil*, segurando um bebê em cada braço e caminhando com pressa na direção do que parecia uma espécie de templo antigo. Um menino e uma menina, ambos mais novos que Sera, passaram correndo, seguidos por um homem com um cocar elaborado.

Sera se virou para Dak e Riq. Eles observavam a mesma coisa: dezenas de pessoas se deslocando às pressas, tentando fugir de alguma coisa.

Mas o quê?

O coração de Sera ainda estava acelerado.

As viagens no tempo em geral produziam efeitos colaterais em seu corpo, mas aquela tinha sido diferente. Parecia ter liberado parte de suas lembranças reprimidas do Cataclismo. Em uma missão anterior, ela tinha acidentalmente viajado para o futuro e testemunhado o início do fim do mundo. Quando voltou, porém, estava tão traumatizada com a experiência que só conseguia se lembrar de alguns detalhes, como se seu subconsciente a estivesse protegendo de algo que ela não seria capaz de suportar. Portanto, tecnicamente, ela não mentiu quando disse a Dak e Riq que não tinha nada interessante para contar a respeito de sua viagem sem eles.

No entanto, agora que sabia que tinha ido até sua casa, estava desesperada para se lembrar do que tinha visto lá dentro. Por que não estava conseguindo?

Sera resolveu deixar o Cataclismo de lado por um tempo e tentou se concentrar nos arredores. Os três estavam parcialmente escondidos atrás de uma fileira de árvores. O céu estava nublado. O ar parecia limpo, como ficava às vezes antes de chover.

— Cara, por que você está chorando?

Sera se virou e viu que Dak estava olhando para ela.

— Não estou chorando — ela disse, endireitando a postura. — Por que estaria?

— Hã, não sei — respondeu ele. — Por isso que eu perguntei.

Sera descartou a ideia com um aceno e se levantou, passando a mão disfarçadamente pelo rosto e sentindo as lágrimas molharem as pontas dos dedos.

— Eu *não* estou chorando! — ela repetiu para o melhor amigo. — Vai ver é a viagem no tempo, que está castigando a gente cada vez mais. Você nunca parou para pensar nisso, Dak?

— Para mim está cada vez mais difícil, com certeza — concordou Riq. Ele fez um aceno discreto com a cabeça em solidariedade.

Dak se levantou também.

— Em que época nós estamos, aliás? Deveria ter um monte de conquistadores espanhóis por aqui, não? E frades franciscanos. Esse pessoal já estava todo na península de Yucatán em 1562. Só estou vendo maias assustados por aqui.

Sera observou as pessoas que se dirigiam às pressas para o templo logo em frente. Dak tinha razão, eram todos maias. Ela olhou para o Anel do Infinito. Eles deveriam ter viajado para 1562. As coordenadas tinham sido programadas corretamente, com certeza.

— Quem está com o SQuare? — Riq perguntou.

Sera entregou o dispositivo para ele e informou:

— De acordo com a tela, estamos em Izamal. Não sei o que deu errado.

Riq examinou os dados na tela e em seguida saiu de trás das árvores para abordar um menino que passava.

— Com licença, amigo — ele falou em uma língua cheia de consoantes que o dispositivo de tradução de Sera demorou um pouco para decifrar. — Aonde todos estão indo?

O menino começou a andar mais devagar. Depois de medir dos pés à cabeça os três viajantes do tempo, ele gritou:

— A grande tempestade está chegando! Todos precisam procurar abrigo agora mesmo!

Então se virou e saiu correndo outra vez.

Sera olhou para Dak e Riq. Havia algumas nuvens escuras no céu, mas nada de extraordinário. Com certeza, nada que parecesse uma “grande tempestade”. Pelo que aprendera na escola, ela sabia que os maias eram extremamente supersticiosos. Talvez alguma coisa tivesse dado errado em uma de suas cerimônias.

Dak devia estar pensando a mesma coisa, pois sacudia a cabeça sem parar.

— Que engraçado, pensei que a gente é que precisaria correr para se salvar. — Ele se virou para Riq e Sera, claramente se preparando para mais uma de suas exposições infames sobre fatos históricos. — Vocês sabem que os maias são considerados uma civilização violenta e hedonista, né? Eles faziam sacrifícios humanos, estavam sempre em guerra e comiam o coração dos membros mortos da família.

— Nunca li nada a respeito de comer corações — rebateu Riq.

— Tudo bem, pode ser que a última parte não seja verdade, mas...

— Já chega, Dak — interrompeu Sera.

— Como assim? A maior contribuição deles para o mundo foi o Grande Códice Maia. E ele só é considerado importante porque traz um alerta sobre a maldição, dizendo que o nosso mundo está a caminho de um Cataclismo...

— ... e que a nossa única esperança é um grupo que um dia seria conhecido como SQ — completou Riq. — Todos nós lemos os mesmos livros de história, Dak.

Sera fez uma careta diante da menção ao Cataclismo. Ela se viu de novo tentando abrir a porta de casa. E tudo voltou a se apagar. *Concentre-se no aqui e agora*, ela disse para si mesma, tomando o SQuare das mãos de Riq e reexaminando as instruções. Elas pareciam bem

claras. “Ajuda aos maias. 1562.” E depois uma série de coordenadas para o Anel.

Dak apoiou a mão no ombro de Sera e fez um sinal na direção de Riq.

— Eu gostava mais de quando a gente odiava esse cara.

— Isso nunca aconteceu — respondeu Sera.

— Ah, comigo aconteceu.

— E pode ter certeza — disse Riq — de que o sentimento era correspondido.

— Seria bom se a gente pudesse voltar no tempo e recomeçar... — comentou Dak. Ele cutucou Sera com o cotovelo e abriu um sorriso abobalhado. — Entendeu? Voltar no tempo?

— Ele apontou para o Anel do Infinito, que Sera mantinha guardado em segurança dentro de uma bolsa amarrada à cintura.

— Como você é infantil — disse Riq.

— E você é um palhaço!

— Parem com isso — repreendeu Sera. — Por favor. Eu preciso pensar. Se os conquistadores não estão por aqui, como Dak falou, podemos estar na época errada. O local sem dúvida está certo.

— Você acha que não estamos em 1562? — Riq perguntou.

— Acho que não.

Sera olhou para a tela do SQuare. Deveria haver alguma explicação científica para aquilo. A ciência nunca a havia deixado na mão.

— Não tem como a gente estar no ano certo — Dak garantiu. — É só olhar para o templo ali na frente. Se fosse 1562, ele já teria sido transformado em uma igreja. A primeira coisa que os franciscanos fizeram quando vieram da Espanha foi instalar suas igrejas onde antes funcionavam os templos. Eles queriam ensinar aos nativos que existiam outros modos de vida. Não acredito que vocês não sabem disso!

— Pega leve, Dak — Sera avisou. — A minha paciência está no limite.

Nesse exato momento, um trovão soou no céu logo acima deles.

Uma garoa começou a cair.

Sera olhou para cima, protegendo os olhos com a mão livre. As nuvens pareciam bem mais escuras e o vento estava mais forte. Os maias continuavam passando apressados pela trilha branca mais à frente.

— Procurem abrigo! — gritou um homem. — A grande tempestade está chegando.

Que “grande tempestade” é essa?, pensou Sera. O que aquele pessoal sabia sobre meteorologia, afinal? Mesmo no futuro, dispondo dos melhores equipamentos já produzidos pela humanidade, os meteorologistas só acertavam um terço das previsões.

— Vamos — chamou Riq. — A gente precisa encontrar um lugar para se proteger da chuva. E também fazer alguma coisa a respeito dessas roupas típicas japonesas.

— Ser um samurai foi divertido enquanto durou — Dak comentou em tom de lamento.

Quando saíram de trás das árvores e começaram a cruzar a trilha, Dak cutucou o ombro de Sera.

— Parecia mesmo que você estava chorando. Foi porque o Anel trouxe a gente para a época errada?

Sera sacudiu a cabeça e manteve o olhar adiante. Ela precisava parar de pensar no Cataclismo. Eles tinham muito trabalho pela frente.

— Você teve uma daquelas Reminiscências?

— Eu não estava chorando, Dak! — ela gritou. — Agora me deixe em paz.

— Nossa — Dak murmurou. — Não precisava da patada. Só queria saber se você está bem.

Um relâmpago rasgou os céus, seguido pela explosão de outro trovão. Os três começaram a correr.

Sera seguiu Dak e Riq até algumas cabanas de pedra, sem esquecer os detalhes tenebrosos do que tinha visto e ouvido do Cataclismo. Os gritos de desespero, as sirenes incessantes. Os tremores violentos do chão a cada poucos minutos.

Eles precisavam corrigir as Fraturas de qualquer jeito.

E viajar para a época errada não era exatamente um início promissor.

Elegantemente adiantados

QUANDO DAK VIU SERA SAIR DE TRÁS DA PAREDE de pedra esculpida, teve que pôr a mão sobre a boca para não cair na risada.

— Que foi? — ela perguntou.

— Nada — ele respondeu, fingindo um acesso de tosse.

Ela vestia uma espécie de saco com um buraco para a cabeça, além de uma saia colorida comprida demais, que arrastava a poeira por onde passava. Mas o mais estranho é que ela estava parecidíssima com os maias. Tinha o mesmo tom de pele e o mesmo formato de rosto, os traços pronunciados, os cabelos escuros... Para Sera não seria difícil se passar por uma nativa.

Mas aquele não era o momento de dizer isso, obviamente. Eles tinham acabado de acessar um enigma no SQuare quase impossível de decifrar. E Dak conhecia Sera havia tempo suficiente para saber quando era melhor não mexer com ela.

— Fala logo, Dak — Sera disse.

— Juro que não é nada — ele falou.

— Desembucha! — ela mandou.

Pelo olhar em seu rosto, Dak percebeu que ela não ia deixar o assunto morrer.

— Tudo bem, tudo bem — ele concordou. — Eu só estava pensando que... hã, essa sua roupa é muito legal.

— Ah, e de certo essa sua saia é muito melhor! — Sera comentou, apontando para a peça que ele usava abaixo da cintura.

— Não é uma saia — respondeu Dak, instintivamente cobrindo o corpo com as mãos. — É uma tanga indígena. — Ele olhou para as roupas que Riq havia pegado para ele em uma árvore, perto de algumas cabanas vazias. — E não sei se a sua visão ficou comprometida com aquela choradeira toda, mas caso não tenha percebido, estou usando calças também...

— Estão mais para leggings — comentou Sera.

Dak se virou para Riq em busca de apoio. Ele usava roupas idênticas, mas parecia ocupado demais, abrigado sob o beiral que o protegia da chuva, espiando os maias que continuavam passando apressados.

Dak suspirou.

Às vezes a missão de salvar a história era muito solitária.

— Posso ver o enigma outra vez? — perguntou Riq, virando-se para os outros.
Sera entregou o SQuare, e os três leram aquelas palavras sem sentido pela décima vez.

Um encantador de serpentes e um palhaço
Um tesouro que nunca existiu
Um presente da divindade Itzamna: de
9.10.5.10.7 a 11.17.2.13.10
Desenhe o símbolo da mafumeira para a
verdade da maldição

Dak jogou as mãos para cima.

— Impossível!

Ele não fazia ideia de como decifrar aquilo. E em geral Dak era muito eficiente desvendando as pistas criptografadas que os Guardiões da História haviam deixado para indicar a Fratura que precisava ser corrigida.

— Precisamos tomar uma decisão — disse Riq, olhando para Dak e Sera. — Ou procuramos um lugar melhor para esperar a chuva passar, ou ignoramos o mau tempo e nos concentramos em resolver o enigma.

— Não tem nem discussão — Sera respondeu. — A gente precisa descobrir onde deveria estar e o que deveria fazer.

— E você acha isso possível nessas condições? — Riq perguntou.

— Eu sei que sim. Nós já deciframos um monte de pistas com números antes.

— Então, ao trabalho!

— Hã, pessoal? Com licença? — chamou Dak. Quando ambos se viraram, ele falou: — Vocês não acham que eu também tenho o direito de opinar?

— O que foi, Dak? — perguntou Sera.

— Bom, já faz um tempão que a gente não come, né? Tecnicamente, centenas de anos.

Sera revirou os olhos.

— Que tal ir direto ao assunto?

Dak apontou para Riq.

— Que tal a gente mandar o sujeito ali ir buscar um bom queijo? Um gruyère ou um cheddar. De repente alguns figos e umas uvas também. E umas bolachas água e sal.

Sera ficou de boca aberta.

— Você não está falando sério, né?

— Tudo bem, esquece as bolachas — disse Dak. — Acho que entendi: você está a fim de uma coisa mais elaborada. Então vamos trocar por biSQuoitos.

— É um criançação mesmo — comentou Riq, sacudindo a cabeça.

Sera e Riq voltaram a se concentrar no SQuare.

— Mas, falando sério — continuou Dak —, vocês não estão com fome?

Eles o ignoraram.

Dak observou os dois por alguns minutos. Sera obviamente sabia o que estava fazendo. Ela

era um gênio da ciência e trabalhava muito bem com números. E, por ser um especialista em linguagens e códigos, Riq sempre se saía melhor que Dak quando o enigma envolvia mensagens cifradas. Mas é claro que ele não estava disposto a admitir.

— Que seja — Dak murmurou baixinho.

Ele caminhou alguns metros rente à parede de pedra e se recostou nela, observando a chuva e pensando no enigma. Um encantador de serpentes. Um palhaço. Um tesouro que nunca existiu. A verdade sobre a maldição. Nada ali parecia inspirar alguma ideia.

Ficar sozinho com seus pensamentos fez Dak se lembrar de como tinham ido parar naquela situação. Poucos dias antes... Quer dizer, como ele poderia contar os dias, se estava viajando no tempo? Naquela situação, não havia como consultar um calendário moderno, e o calendário maia não seria muito útil.

Fosse quando fosse, na última vez em que esteve em casa ele cometeu o erro de deixar Sera entrar no laboratório de seus pais, onde ela descobriu e ficou obcecada com o Anel do Infinito, ignorando a presença dele por horas e horas — assim como estava fazendo naquele momento. Dak sacudiu a cabeça, pensando naquele dia fatídico. Se ele nunca tivesse mostrado a ela o trabalho de seus pais, Sera jamais teria encontrado a peça que estava faltando no quebra-cabeça. E, se isso não tivesse acontecido, eles não teriam feito aquela viagem de teste idiota até a época da Guerra de Independência dos Estados Unidos, e os pais dele não estariam perdidos no tempo.

Dak viu mais uma porção de maias correndo pela trilha, carregando os filhos nos braços. Era uma situação estranha, pois a chuva era pouco mais que uma garoa, apesar de o vento já estar bem mais forte.

Ele encostou a cabeça na parede, passando a mão pela chave de ferro que havia prendido na calça. Tinha sido um presente de seus pais no ano 911. De alguma forma — ele não conseguia entender como —, eles sabiam que a chave seria útil para que Dak pudesse escapar da SQ em 1850.

Dak fechou os olhos com força, apertou a chave na mão e se lembrou do rosto de seus pais. O que ele, Sera e Riq estavam fazendo era importantíssimo, ele sabia. Eles estavam literalmente tentando salvar o mundo. Além disso, ele adorava viajar pela história, testemunhar eventos célebres se desenrolando diante de seus olhos. Mas, secretamente, Dak vinha questionando cada vez mais se não trocaria todos os seus feitos heroicos por ter os pais de volta — nem que fosse por um dia.

Esses pensamentos o faziam se sentir culpado, então ele voltou para junto de Sera e Riq, dizendo:

— Não temam, companheiros de viagem no tempo: estou aqui para salvar o dia! Por favor, me digam como meus talentos podem ser mais bem utilizados.

Eles ignoraram completamente sua presença.

— Pessoal?

Nada.

Dak encolheu os ombros. Se os outros não precisavam dele, tudo bem, a recíproca também era verdadeira.

Ele se virou e partiu para explorar a aldeia maia sozinho, sob a chuva. Se tivesse sorte, encontraria uma pista importante para o enigma... e não a compartilharia com ninguém.



Dak estava atravessando a trilha na direção de uma pequena construção abobadada ali perto. Parecia um observatório. Ele cobriu os olhos com a mão para que a chuva não atrapalhasse sua visão. O tempo estava tão quente e úmido que ele quase achou bom estar vestindo uma tanga. Ao mesmo tempo em que o mantinha geladinho, ela permitia a passagem de um ventinho tremendamente refrescante. E se ele começasse a usar uma daquelas em sua época? Será que a moda ia pegar? Ele imaginou os caras do quinto ano vestidos daquela maneira. Sentados no refeitório, batendo papo. Parados na fila. Seu rosto poderia acabar estampado no jornal da escola, com a legenda “Dak Smyth, muito mais do que um aluno nota dez em história”.

Foi quando se lembrou de um detalhe importante:

Nenhum dos caras eram seus amigos.

A não ser que Sera contasse — e ele decidiu que contava.

Dak tentou abrir as portas do observatório, mas elas estavam trancadas. Ele ficou surpreso com o tamanho da construção. De acordo com suas pesquisas sobre as civilizações pré-colombianas, os maias tinham interesse em astrologia. E arte. E música. Sua tecnologia, porém, não era das mais refinadas — por exemplo, eles provavelmente não passavam queijo em biSQuitos.

Um trovão explodiu tão alto que Dak se encolheu todo. A chuva estava caindo com mais força também, e em um ângulo bem esquisito.

Ele sabia que precisava se apressar para se reunir com os outros e fugir da tempestade que se formava, mas justamente quando pensava em fazer isso localizou uma pequena abertura na parede do observatório, uma espécie de janelinha sem vidro. Foi até ela e espiou lá dentro, sentindo a chuva castigar suas costas. A escuridão era total, a não ser por algumas velas acesas perto da parede dos fundos do salão espaçoso. Perto dessa parede, que era adornada com a grande pintura de uma árvore, havia três homens ajoelhados no chão, escrevendo em uma enorme folha de um material parecido com papel, que media mais do que os homens.

Dak notou, no chão perto deles, a presença de algo mais. Uma máscara colorida. Do tipo que um palhaço usaria. Ele pensou imediatamente no enigma. Talvez houvesse alguma ligação. Logo depois se deu conta de outra coisa. Algo que podia ser incrível. E se aqueles homens estivessem trabalhando no Grande Códice Maia? Ele sabia que muitos códices (uma espécie de livro) tinham sido produzidos naquela época. Mas seu coração se acelerou mesmo assim, porque tudo ao redor levava a crer que ele estava no século VII. Então era possível que ele estivesse testemunhando a composição de um dos textos mais reverenciados de toda a história.

Dak bateu com as mãos na parede, tão empolgado que mal conseguia respirar. Quando os homens olharam para cima, porém, ele achou melhor se esconder. Afinal, se os autores do Grande Códice Maia haviam profetizado que um dia a SQ surgiria para salvar a humanidade, era possível que os próprios escribas pertencessem à SQ. Ou talvez fossem Guardiões do

Tempo, agentes treinados pela SQ ao longo dos séculos para proteger seus interesses contra a ação de viajantes do tempo... como Dak.

Ele ficou agachado ali por vários minutos, tentando raciocinar melhor.

A chuva molhava seu corpo inteiro e escorria pelos joelhos e cotovelos.

Por fim, Dak se afastou do observatório e voltou correndo pela trilha. Ele precisava contar para Riq e Sera sobre a máscara de palhaço. E sobre o códice. Apesar de eles não merecerem saber.



Quando Dak por fim contornou a parede curvada de pedra e reencontrou seus amigos, ficou paralisado.

— *Não* — murmurou.

Riq e Sera estavam cercados por três maias grandalhões, e um deles segurava o Anel do Infinito nas mãos imundas.

O alívio em meio à tempestade

A CHUVA BATIA SOBRE O ESTREITO BEIRAL DO TELHADO com tanta força que Riq não conseguia ouvir direito o que o homem parado à sua frente dizia.

— Desculpe, Itchik — ele o interrompeu. — Você disse que sua casa era onde mesmo?

Enquanto o homem respondia, Riq percebeu, com o canto do olho, que um vulto vinha correndo na direção deles. Ele se virou para ver melhor e murmurou:

— Dak?

— Mexeu com os meus amigos, mexeu comigo! — Dak gritou antes de se arremessar contra o homem que segurava o Anel do Infinito. Os dois caíram no chão e o Anel saiu voando. Riq instintivamente saltou para apanhá-lo em meio à chuva, mas o dispositivo caiu longe de seu alcance, com um baque surdo.

— O Anel! — gritou Sera.

Riq o apanhou às pressas e examinou o estrago. Estava amassado em um ponto e coberto de lama. A tela estava apagada. Ele viu Sera se posicionar entre Dak e o homem que havia acabado de ser agredido.

— Pelo amor, o que você pensa que está fazendo? — ela perguntou.

— Protegendo vocês — respondeu Dak.

— *Protegendo a gente? Do quê?*

— Desses Guardiões do Tempo maias! — ele falou, apontando para os três homens.

Sera bateu com a mão na testa.

Riq voltou para a cobertura do beiral, todo ensopado.

— Eles vieram aqui para ajudar! — gritou para Dak por cima do ruído da tempestade. — Itchik estava oferecendo abrigo para a gente!

— E como vocês sabem que não é uma armadilha? — Dak berrou de volta.

Itchik se virou para Riq, parecendo confuso.

— O que esse menininho está dizendo, “uma armadilha”?

Riq suspirou.

— Sinceramente, é melhor ignorar o que esse menininho diz.

Um forte trovão retumbou, sacudindo toda a aldeia.

— A tempestade! — gritou um dos maias em meio ao vento cada vez mais forte. — Está chegando à aldeia! Precisamos sair daqui imediatamente!

— Por favor — pediu Itchik —, venham conosco.

Riq entregou o Anel de volta para Sera, que o examinou rapidamente.

— Bom, vamos torcer para que ainda funcione — ela comentou, e o guardou de volta na bolsa.

Riq e Sera fuzilavam Dak com os olhos.

— Que foi? — ele perguntou.



O rugido da tempestade impossibilitava qualquer tentativa de comunicação.

Todos ficaram em silêncio enquanto os maias conduziam Riq, Sera e Dak pela aldeia movimentadíssima. Muita gente parecia ir na direção contrária, o que deixou Riq preocupado. Talvez eles estivessem seguindo os homens errados. Quando pararam diante de uma cabana de pedra especialmente grande, no entanto, ele viu que outras famílias maias também estavam abrigadas ali.

Itchik e seus homens abriram a porta e entraram, e com um gesto convidaram Riq e os outros a fazerem o mesmo.

— Mas nós estamos ensopados — disse Riq, apontando para as roupas molhadas e sujas de lama e para a poça que havia se formado em torno de seus pés.

— Não tem problema — garantiu Itchik. — Por favor, vamos entrar.

Enquanto penduravam as roupas molhadas perto da porta, Riq deu uma rápida olhada para o interior da cabana. Ele sentia que Itchik e seus amigos eram de confiança, mas também não conseguia se esquecer do que acontecera em 1850, quando traficantes de escravos da SQ se disfarçaram de Guardiões da História para enganá-los. Seus olhos foram imediatamente atraídos para um grupo de maias reunidos no centro do recinto. Estavam cantando. Pelo que conseguiu entender da letra, a música era dedicada a uma espécie de deus da chuva. Ele observou o rosto das pessoas, que estampava uma mistura de medo e fascínio pela tempestade.

Uma menina mais ou menos de sua idade se virou de repente e o encarou. Ainda estava cantando, como todos os demais, mas Riq notou que seus lábios se curvaram levemente. Esse sutil esboço de sorriso fez ele sentir que estava seguro ali. No entanto, também fez com que sentisse outra coisa. Algo que não conseguia entender muito bem.

A garota se virou de novo para o restante do grupo, mais ou menos no mesmo instante em que Dak murmurou:

— Pessoal, escutem só. Acho que eles não são Guardiões do Tempo, não.

Sera deu um tapinha nas costas dele.

— E como você chegou a essa conclusão, Dak? Foi porque a gente disse exatamente isso lá fora? Ou porque eles se deram ao trabalho de ir até lá resgatar a gente do meio de uma tempestade tropical?

— E depois ainda trouxeram a gente para sua própria casa — Riq acrescentou.

Dak franziu a testa para Riq e se virou de novo para Sera.

— Olha, sinto muito por ter estragado o Anel, tá bom? Mas quando vi vocês cercados por

esses caras, e o Anel na mão de um deles, meio que entrei em pânico.

Sera suspirou.

— Não esquentar, a gente dá um jeito — ela falou. — *Eu* dou um jeito.

— Pelo menos já descobri em que época estamos — Dak contou. — Mais ou menos. Com certeza estamos no século VII, não em 1562. Estamos adiantados em quase um milênio.

— Essa parte foi culpa minha — Sera sussurrou. — Apesar de eu ainda não saber o que fiz de errado.

— Ainda não estou convencido de que viemos parar aqui por engano — argumentou Riq. — Talvez esteja acontecendo alguma coisa importante nesta época também. Por exemplo, e se essa tempestade tiver alguma ligação com o enigma?

— A-há! — Dak ficou tão empolgado que começou a saltitar. — Tenho mais uma coisa para contar a vocês. Vi algo importante lá dentro do observatório. Vocês não vão acreditar. Sério mesmo.

— Vá em frente — disse Sera. — Desembucha.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, porém, Itchik bateu palmas e os chamou.

— Amigos, por favor, juntem-se à nossa pequena cerimônia. Estamos pedindo aos deuses para não destruírem nossas plantações. E pedimos também uma viagem tranquila para nossos vizinhos de Calakmul, que estão vindo estudar nossas descobertas.

Riq fez um sinal para que Sera e Dak o seguissem até o centro do recinto. Enquanto caminhavam, Dak disse baixinho:

— Eu conto sobre o observatório mais tarde. Mas acho que pode ter a ver com o enigma. Além disso, tenho uma nova teoria sobre esse pessoal. Acho que eles podem ser Guardiões da História.

— Eles não são Guardiões da História — Riq disse, virando-se para ele.

— Como você sabe?

— Nós já perguntamos isso para eles — Sera contou. — Não diretamente, claro.

Dak sacudiu a cabeça.

— Não, eu acho que eles são Guardiões da História mesmo. Por que outro motivo seriam muito mais legais do que contam os livros?

Riq ignorou o restante da conversa sussurrada entre Dak e Sera. Sua cabeça estava ocupada demais tentando elaborar sua própria teoria sobre tudo aquilo. Ele encarou a menina maia que havia aberto um sorriso — queria que ela se virasse e o olhasse mais uma vez. Precisava ver como ele reagiria.

Demorou alguns segundos, mas ela enfim se virou de novo, ainda cantando, e o olhou bem nos olhos. E abriu outro sorriso também — dessa vez sem disfarçar.

As suspeitas de Riq se confirmaram.

No instante em que seus olhares se cruzaram, uma estranha sensação se instalou no estômago dele. Era quase como uma Reminiscência, só que mais agradável, de certa maneira. Uma inquietação boa. O que aquilo significava? Qualquer que fosse a resposta, era algo diferente de tudo que Riq já tinha sentido antes.

A ira de Chaac

ENQUANTO TODOS CANTAVAM PARA CHAAC, a divindade maia da chuva, Sera sentia em silêncio a Reminiscência mais profunda de sua vida. Sua barriga estava contorcida em um nó. Ela cerrou os dentes e sentiu o gosto metálico e familiar de sangue invadir a boca. Estava tão tonta que teve de se apoiar com as duas mãos no chão, mesmo estando sentada.

Dak e Riq não perceberam nada. Haviam acabado de aprender a música, e se juntaram aos maias na cantoria. O homem chamado Itchik foi o único que pareceu notar o desconforto de Sera. Por sorte, não disse nada.

Sera sabia bem como funcionavam as Reminiscências — a sensação de que havia alguma coisa faltando, de que, se a história tivesse se desenrolado de uma forma um pouco diferente, ela estaria vivendo sua vida real, e não aquela versão distorcida. Quando estava em casa, muitas vezes passava pelo celeiro e era dominada pela sensação de que seus pais, que nunca chegou a conhecer, estavam lá dentro, cuidando de três cavalos lindíssimos. Ao abrir a porta, porém, ela não encontrava nada.

Suas Reminiscências ficaram mais intensas desde que eles começaram a viajar no tempo, mas aquela era sem dúvida a mais poderosa. Ela respirou fundo e se perguntou por que aquilo estava acontecendo justamente naquele momento. Em meio a uma tempestade. Em meio a todos aqueles maias.

Quando a Reminiscência enfim se dissipou, Sera soltou um suspiro de alívio e fingiu estar cantando como todos os outros. Ela notou a intensidade com que a tempestade caía sobre o telhado, reverberando pela cabana ampla, e observou as expressões preocupadas das pessoas ao redor. A chuva estava muito mais forte do que ela achava que seria — apesar de não ser nada de mais em comparação ao Cataclismo.

Poucos minutos depois, Itchik ergueu uma das mãos e a cantoria cessou.

— Jovens visitantes de uma terra distante — ele começou —, gostaria de lhes dar as boas-vindas à nossa aldeia e apresentar meu povo.

Ele começou a falar uma porção de nomes maias que Sera jamais aprenderia — principalmente depois de uma Reminiscência daquela magnitude. Havia três famílias diferentes ali, cada uma com várias crianças e alguns idosos. O único nome que Sera guardou foi o de Kisa, uma garota alguns anos mais velha que ela e muito bonita.

Itchik se virou para o povo e falou:

— E esses são Riq, Sera e... Me desculpem, acho que não me disseram o nome do menininho.

— Não sou um menininho! — protestou Dak.

— É um prazer conhecer vocês — Riq se apressou em dizer.

Sera chegou mais perto de Dak e murmurou:

— Não esqueça que, se não fosse por eles, a gente estaria lá fora no meio da tempestade.

Dak se virou para Itchik.

— Meu nome é Dak Smyth.

— Ótimo — disse Itchik. — Em nome da minha família, gostaria de lhes dar as boas-vindas ao nosso lar.

— Bem-vindos — todos disseram em uníssono.

Uma das mulheres tirou de dentro de um saco uma porção do que pareciam ser tortilhas de diversos tamanhos e foi passando ao redor. Sera só percebeu o quanto estava faminta quando começou a devorar aquele pão feito de milho.

Minutos depois, ouviu-se um tremendo impacto sobre o telhado, e todos olharam para cima.

— O que foi isso? — perguntou a garota chamada Kisa.

— A tempestade está ficando mais forte — explicou um dos anciãos. — Está derrubando as árvores.

Duas meninas pequenas começaram a chorar baixinho e se esconderam sob os braços da mãe.

— Não precisam ficar com medo — tranquilizou o ancião. — Chaac está olhando por nós.

Itchik se virou para Sera, Dak e Riq e falou:

— De onde vocês são, amigos viajantes? Certamente não se parecem com nossos vizinhos do norte ou do sul. Com exceção da menina — ele acrescentou depois de fazer uma breve pausa.

— Pode apostar que não sou sua vizinha — ela respondeu, irritada.

Riq lançou um olhar de censura para ela.

Sera encolheu os ombros. Até mesmo Riq deveria saber que associá-la aos maias não fazia o menor sentido. E, para completar, durante uma aula sobre civilizações extintas no segundo ano, a burrinha da Sylvia Walker desenhou uma menina sentada no alto de um templo maia e escreveu na legenda que era uma ancestral de Sera. Os outros alunos caíram na risada, e no recreio ficaram perguntando se havia sangue de cabra na garrafa térmica dela.

Não era à toa que Sera ficava tão irritada com esse tipo de comentário.

— De onde nós somos? — repetiu Dak. Ele estava com um sorriso enorme no rosto, o que era motivo de sobra para Sera ficar preocupada. — Está aí uma pergunta interessante, Atchim.

— Itchik — corrigiu Riq.

Dak deu uma piscadinha para Sera e Riq e se virou de novo para o maia.

— Nós somos de uma terra muito, muito distante... Acho que você sabe de onde estamos falando.

— Dos planaltos remotos? — arriscou Itchik.

— Dak — disse Sera, olhando feio para ele. — Nós já falamos sobre isso...

— Vamos tentar de outro jeito — insistiu Dak, ignorando a amiga. — Sabe aquele calendário todo complicado de vocês?

— Ah, uma das grandes invenções dos nossos ancestrais — comentou Itchik.

— Então, nós viemos lá do final daquela coisa.

Sera olhou para Riq, que escondeu o rosto entre as mãos.

Itchik estava olhando para Dak com uma expressão de interrogação no rosto.

— De onde nós viemos? — repetiu Dak. — Digamos que de um lugar onde as pessoas consideram estas coisas aqui bem ultrapassadas — ele falou, apontando para a tanga.

— É sério, Dak — Sera tentou de novo. — Para com isso. Por favor.

Dak não conseguia enfiar na cabeça dura que nem todo mundo que eles encontrassem seria um Guardião da História ou um Guardião do Tempo. Ele sorriu para Sera e se virou mais uma vez para Itchik.

— Estou falando do futuro. De um lugar onde as pessoas andam em automóveis, voam em aviões e comem tortilhas com corte simétrico. Recheadas com queijo derretido. A palavra para isso é *quesadilla*, meu amigo.

Sera revirou os olhos. Ela olhou para Riq, que jogou as mãos para o alto.

— Não entendo o que o seu amigo está dizendo — Itchik falou para os dois.

— Nem ele entende — respondeu Sera. — Por favor, ignore...

— Será que eu vou ter que desenhar para vocês entenderem? Vocês são Guardiões da História, e nós viemos do fu-tu-ro. Anda, Sera. Mostra para eles o Anel do Infinito e como ele funciona. E você, Riq, põe o enigma na tela do SQuare. Não acredito que vou ter que explicar tudo sozinho.

— O que é um Guardião da História? — perguntou Kisa.

Estavam todos olhando para Dak, completamente perplexos, inclusive Sera e Riq.

Até o bebezinho maia presente ali estava com os olhos pregados nele.

O sorriso aos poucos foi desaparecendo do rosto de Dak, e ele se virou para Sera.

— Espera aí, será que eles não são Guardiões da História?

Antes que Sera pudesse responder, ouviu-se outro impacto logo acima deles. Ela viu que as vigas de madeira do telhado estavam sendo arrancadas e carregadas pelo vento. A chuva invadiu a cabana, fazendo o grupo se dispersar. As crianças começaram a gritar, e os pais tentaram protegê-las e levá-las para a parede dos fundos, longe do buraco que crescia cada vez mais.

Sera, Dak e Riq correram para a parede oposta.

— A tempestade está forte demais! — gritou Riq. — O telhado vai desabar!

Sera olhou para cima. Mais pedaços de madeira estavam se partindo. Fragmentos de rocha começaram a cair na cabana.

— Precisamos sair daqui! — ela gritou.

Quando ela tentou se levantar, no entanto, Riq a segurou pelo pulso.

— A gente não pode se separar! — ele berrou.

A balbúrdia dentro da cabana prestes a desabar era tamanha que Sera não conseguia nem pensar. A chuva caía com força ao redor deles. O vento uivava alto. Crianças choravam. Um

enorme galho de árvore desabou lá de cima, espatifando-se no chão a poucos centímetros do rosto de Sera.

— Cuidado! — Dak gritou de repente.

Sera pensou que fosse com ela, mas quando ergueu a cabeça viu uma garotinha maia de pé perto da porta da cabana, aos prantos, e parte da parede ameaçava ceder. Antes que Sera pensasse em se mexer, Dak se pôs de pé e disparou na direção da menina. Ele a puxou para longe do perigo, para perto da mãe, e nesse exato momento a parede desabou, atingindo-o na nuca e levando-o ao chão.

— Dak! — gritou Sera.

Ela foi correndo até ele, ajoelhou-se e ergueu o rosto do garoto. Ele estava preso entre os escombros da cabana de pedra, com os olhos arregalados de medo. O sangue manchava seus cabelos e escorria em linhas grossas pelo pescoço e os ombros.

— Dak! — ela gritou mais uma vez. — Dak, por favor! Está me ouvindo?

— O observatório — ele resmungou.

— Quê?

— O pessoal que estava lá dentro escrevendo — ele completou, piscando os olhos e fazendo força para engolir. — Vocês precisam ir lá ver. Talvez faça parte do enigma.

— Não estou entendendo — ela afirmou.

Riq também tinha corrido até ele.

— Fala comigo, Dak! — gritou Sera. — Continua falando comigo!

Mas os olhos de Dak se voltaram lentamente para cima.

E ele perdeu a consciência.

Uma noite sem dormir

RIQ FEZ FORÇA PARA MANTER AS MÃOS FIRMES sob os braços de Dak enquanto ajudava a carregá-lo em meio à violenta tempestade. Itchik e mais outro homem o carregavam pelos pés. Sera ia correndo ao lado, segurando um cobertor sobre o rosto de Dak para protegê-lo da chuva.

— Dak! — ela gritava sem parar. — Está me ouvindo, Dak? É a Sera! Por favor, Dak, olha para mim!

Mas ele não olhou para ninguém.

Estava desmaiado.

Riq nunca tinha visto alguém levar uma pancada tão forte.

Quando passaram pelo templo, uma súbita rajada de vento os jogou na lama. Riq e os dois maias tiveram de fazer força para levantar, erguendo às pressas o corpo inerte de Dak e continuando seu caminho para longe da aldeia, na direção dos morros que ladeavam as habitações. As mulheres, as crianças e os idosos da cabana iam mais à frente, abraçados uns aos outros, castigados pela tempestade.

Riq se movia lentamente em meio à lama, fazendo uma careta a cada passo. Sua perna doía demais. Quando o telhado da cabana desabou, uma viga partida atingiu seu joelho. Não dava para saber por quanto tempo conseguiria continuar. Cada vez que pensava em pedir para descansar, no entanto, lembrava-se de Dak salvando a garotinha, recebendo no lugar dela o impacto da parede de pedra.

Dak tinha salvado a vida daquela criança.

Relembrar isso dava em Riq a injeção de adrenalina necessária para espantar a dor e o cansaço.

Dak foi carregado morro acima por entre as árvores caídas, atravessando poças de água que batiam na altura dos joelhos, passando por longas extensões de lama que mais parecia areia movediça. Por fim, eles chegaram à entrada de uma caverna, onde diversos guerreiros maias estavam agachados sobre as rochas, observando a tempestade.

Itchik gritou para eles:

— Chamem Jasaw imediatamente! Precisamos ajudar este menino!

Dois guerreiros entraram correndo na caverna. Os demais desceram das rochas e saíram na chuva para ajudar a levar Dak para dentro.

Riq ficou aliviado por não precisar mais carregar Dak quando entraram. Itchik e os outros o conduziram pela caverna mal iluminada, seguidos de perto por Sera. Os olhos de Riq demoraram um pouco para se adaptar à luz discreta das velas, mas, assim que sua visão se normalizou, ele ficou impressionado com o que viu. Havia centenas de maias deitados sobre cobertores espalhados pelo chão irregular da caverna. Alguns dormiam. Outros estavam sentados em pequenos grupos, cantando. Alguns se viraram para os recém-chegados.

Um maia usando um cocar indicou para os homens que carregavam Dak um cobertor pendurado em um canto, como um biombo. Riq concluiu que ali deveria estar o homem que Itchik chamou de Jasaw e se apressou para alcançá-los. Ao passar por baixo do cobertor, viu os homens colocarem Dak em uma espécie de leito. Havia outros pacientes deitados por perto. Riq ficou aliviado por estarem a salvo da tempestade, em um lugar onde Dak poderia receber ajuda, e só então levou a mão ao joelho dolorido. Quando trouxe os dedos de volta para perto do rosto, viu que estavam sujos de sangue. A madeira do telhado havia feito um corte em sua perna.

Riq foi na direção do leito de Dak e, no caminho, acenou para os homens que haviam ajudado a carregá-lo e já estavam de saída.

— Quem é você, aliás? — Sera perguntou para o homem que examinava os ferimentos de Dak.

— Sou Jasaw — ele disse sem desviar o olhar. — O *ahmen*, curandeiro da aldeia. Seu amigo está muito machucado.

— E como é que você sabe? — rebateu Sera. — Você nem é um médico de verdade.

— O que é um “médico”? — Jasaw quis saber, olhando para ela.

Riq pôs a mão no braço de Sera, tentando acalmá-la.

— Os ferimentos são graves? — ele perguntou para Jasaw.

O homem voltou sua atenção para Dak e sacudiu a cabeça. Ele passou a palma da mão de leve pelo rosto e pelo pescoço do garoto, e depois a aproximou dos olhos, como se tentasse ler alguma coisa ali. Em seguida, encostou o ouvido no peito do viajante do tempo.

— Seu amigo levou uma pancada na cabeça, certo?

Riq e Sera assentiram.

— Ele está respirando normalmente, mas temo que o cérebro esteja inchado, o que seria muito ruim. — Riq observou o homem reunir diversos tipos de ervas, misturá-las com um líquido que parecia vinho e despejar algumas gotas na língua de Dak. Depois disso, Jasaw esfregou as mãos e apalpou a cabeça e as costas do garoto. — Nenhum osso quebrado — ele falou.

— Como você sabe? — contestou Sera. — Você nem fez uma radiografia. Não tem nenhum equipamento aqui.

— Sera — disse Riq. — Ele está fazendo o que pode.

— Tenho tudo de que preciso aqui — garantiu Jasaw.

Sera se virou para Riq.

— Ele precisa ir para um hospital. Agora!

Riq notou o medo nos olhos de Sera.

— Mas Itchik disse que Jasaw é o melhor da região — Riq argumentou.

— O melhor o quê? — questionou Sera. — O melhor místico?

— Curandeiro.

— Dak precisa de um médico de verdade — decretou Sera. — Você viu aquela parede caindo em cima dele.

Riq passou a mão no ombro de Sera.

— Não podemos fazer uma viagem no tempo com Dak inconsciente. Como você mesma falou, as viagens estão castigando cada vez mais nosso corpo. Precisamos esperar até que ele se recupere.

Jasaw estava passando as mãos pelo peito de Dak, na direção de seu rosto.

— O que você está fazendo? — perguntou Sera.

— Livrando o corpo dele dos espíritos do mal — respondeu Jasaw, sem desviar a atenção.

Sera lançou um olhar desesperado para Riq.

— Não vou sair daqui — ela afirmou. — Vou ficar a noite inteira para garantir que ele vai cuidar direito do Dak.

Jasaw acendeu um incenso à base de ervas sobre o corpo inerte de Dak. O cheiro era bem forte. Riq sabia que Sera não acreditava em misticismos. Ela só acreditava na ciência pura. Mas aquela era a única esperança para Dak.

Ele repassou na cabeça o que havia acontecido. Dak correndo para o meio da cabana, empurrando a menina para um lugar seguro, a parede desabando sobre suas costas. Riq chegou mais perto do ouvido de Dak e disse, em um tom de voz tão baixo que nem Sera conseguiu ouvir:

— Você salvou a vida daquela menina. Sabe de uma coisa? Você é um herói.

Ele ficou esperando que Dak abrisse os olhos e fizesse um comentário sarcástico.

Mas isso não aconteceu.

Dak ficou lá deitado, completamente imóvel, enquanto Jasaw esfregava cinzas em sua testa.



Riq tentou dormir sobre o cobertor que Itchik estendeu para ele, mas não conseguia desligar a cabeça. Continuava pensando na parede de pedra caindo sobre Dak e no enigma que aparecera na tela do Square. Também pensava no que vivera em 1850. Ele tinha conseguido livrar um menino, James, das mãos de traficantes de escravos. Por que se sentia tão sem esperanças agora?

No fim, acabou desistindo de dormir. Caminhou silenciosamente em direção à entrada da caverna e sentou sobre uma rocha para observar a tempestade. A chuva ainda caía com força sobre a bela paisagem verde. O vento agitava as árvores, mas os relâmpagos e trovões pareciam mais distantes, um indício de que o pior já havia passado.

Riq sempre teve interesse por desastres naturais. Estranhamente, ele às vezes se surpreendia torcendo para que acontecessem tempestades, terremotos e tornados. É claro que ele não queria que ninguém se machucasse, e sabia que a maior frequência desses eventos era um

resultado direto das Fraturas que a SQ tinha criado na história — as Fraturas que ele, Dak e Sera estavam tentando corrigir. No entanto, Riq sempre imaginava que um desastre nas proporções certas poderia afetar seriamente a SQ, comprometendo seu poderio político. Seria como apertar o botão RESET do mundo.

Mas havia um motivo não relacionado à SQ para ele ser tão fascinado por fenômenos naturais. Um motivo que ninguém sequer desconfiava. Secretamente, Riq às vezes tinha vontade de apertar o botão RESET da própria vida.

Desde quando era capaz de lembrar, ele se esforçava ao máximo para ser o melhor que podia. Na escola, no futebol, no aprendizado de idiomas, na Arte da Memória... No começo era divertido, e os elogios que recebia o faziam se sentir especial. Mas em algum momento tudo mudou. A pressão para se destacar em tudo começou a pesar em seus ombros. Ele se dedicava por horas a fio, não por prazer, mas por medo de fracassar. Ultimamente, andava tendo um pesadelo terrível, em que Brint e Mari o seguiam por toda parte, balançando a cabeça, decepcionados. Enquanto isso, seus colegas de sala espalhavam aos cochichos que ele havia tirado um nove.

Enquanto via a chuva cair, Riq sonhava com uma vida normal: poder acordar tarde no fim de semana, passear no shopping. Foi quando ouviu o som de passos atrás de si.

Ele se virou às pressas e levantou em um pulo.

Era Kisa.

— Oi — ela falou, rindo da reação dele.

— Oi — respondeu Riq, abrindo os punhos cerrados.

— Também não consigo dormir. — Ela segurava uma pequena caixa na mão direita. — Não consigo parar de pensar no que aconteceu com o seu amigo. Sinto muito, de verdade.

Riq acenou com a cabeça.

— Jasaw é um bom curandeiro. Ele vai fazer o melhor possível pelo seu amigo.

— Obrigado — disse Riq. Ele tentou pensar em algo para dizer, mas não estava acostumado a conversar com meninas como Kisa e limitou-se a olhar para ela, deixando que um silêncio desconfortável pairasse no ar.

— E você? — ela perguntou. — Como está seu joelho?

Ele franziu a testa, confuso.

— Como você sabe que machuquei o joelho?

Ela passou a caixa de madeira da mão direita para a esquerda.

— Vi você mancando enquanto carregava seu amigo. E lá dentro da caverna vi você esfregando a perna. É melhor contar para Jasaw o que aconteceu.

— Vou ficar bem — garantiu Riq. — É só um cortezinho.

Riq a encarou por longos segundos, tentando pensar o que dizer, algo que a mantivesse ali fora com ele. Mas sua mente não respondia, e seu estômago começou a ficar esquisito de novo.

— Tem problema se eu sentar um pouquinho aqui? — ela perguntou.

— Claro! — ele disse, empolgado demais. — Quer dizer, não, nenhum problema... Claro, pode ficar.

Ele sentiu um calor subir pelo rosto até a ponta das orelhas.

Kisa sentou na rocha ao lado dele e pôs a caixa de madeira à sua frente.

— O que tem aí dentro? — Riq quis saber.

— Joias — ela contou. — Eu achei que, se fosse para passar a noite em claro, era melhor aproveitar para fazer alguma coisa.

Riq observou enquanto ela pegava um pequeno bloco de madeira, uma faca, e começava a esculpir.

— Minha mãe diz que trabalhos artísticos são coisa de homem — ela falou. — Mas eu sei que as minhas joias são tão boas quanto a de qualquer homem, senão melhores. — Ela olhou para Riq. — Detesto o que dizem ser de menina. Quem disse que há coisas que posso fazer e outras que não?

Kisa sacou uma peça de metal de sua caixa e mostrou para Riq.

Ele apanhou o bracelete e o virou nas mãos.

— Uau! — exclamou. A joia tinha a forma de uma serpente enrolada. Cada escama era meticulosamente esculpida, assim como os olhos e a língua. A peça possuía o aspecto bem acabado de qualquer outra encontrada no mundo moderno. — Estou impressionado — ele falou, devolvendo o bracelete.

Kisa sorriu e guardou a joia.

— Posso te perguntar uma coisa, Riq? Fiquei pensando nisso a noite inteira.

— Claro — ele disse.

— O que é um Guardiã da História?

Ele encarou os olhos castanhos da garota. Durante seu treinamento, os instrutores foram bem claros quanto à importância de proteger as informações sobre a atividade dos Guardiões da História. Até o cardápio da cantina era protegido por senha. Riq, no entanto, se sentia exaurido pelas viagens no tempo. E pela tempestade. E pelo acidente de Dak. Ele precisava conversar com alguém.

E foi isso o que fez.

Ele contou a Kisa sobre a SQ e a teoria de Aristóteles a respeito das Grandes Fraturas. Explicou que o mundo entrava em desequilíbrio toda vez que a história era alterada pela SQ, o que causava acontecimentos bizarros por toda parte, muito piores que aquela tempestade. Revelou que os Guardiões da História eram pessoas treinadas em diferentes épocas para localizar os viajantes que Aristóteles previu que um dia viriam do futuro para tentar corrigir o rumo da história e salvar o mundo.

Quando terminou, Kisa o olhou por um bom tempo antes de dizer:

— Então vocês três são mesmo do futuro? Como seu amigo falou?

Riq sabia que tinha falado demais. Ele pensou que fosse se sentir culpado, mas isso não aconteceu. Por algum motivo, ele confiava em Kisa.

— Tudo bem — ela falou. — Não precisa responder.

Ela voltou a esculpir a madeira.

Riq viu o que ela estava esculpindo. Uma serpente se erguendo de um cesto.

— E eu, posso te fazer uma pergunta, Kisa?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Você morava naquela cabana que foi destruída?

— Não — ela respondeu. — Mas passava bastante tempo lá. O meu tio Itchik vivia lá com a família.

— E como ele vai fazer para consertar? E onde vai morar enquanto isso?

— Eles podem ficar na casa de alguém — ela falou. — Aqui na aldeia as pessoas sempre ajudam umas às outras.

Eles conversaram mais um pouco, principalmente sobre a família de Kisa e a aldeia. Riq ficou comovido com a solidariedade que havia entre eles e com o respeito que tinham pela natureza. Os maias pareciam bem diferentes da forma como eram descritos nas aulas de história. E, para sua surpresa, Riq descobriu que Itchik não era um homem qualquer. Era o rei de Izamal, um posto que já ocupava havia muitos anos.

Depois disso, eles ficaram sentados em silêncio, Kisa esculpindo e Riq observando a chuva cair e o céu clarear pouco a pouco. Era bom estar ali com ela sem precisar dizer nada. Ele já não se sentia desconfortável.

Por fim, Kisa recolheu suas coisas, levantou e deu boa-noite para Riq. Mas ela não entrou logo em seguida. Ficou ali de pé, observando a chuva por alguns momentos.

— Um dia — ela disse, virando-se para Riq —, quero fazer alguma coisa especial também.

— Aposto que você vai conseguir — ele respondeu.

Ela sorriu, então se virou e voltou para dentro da caverna.

Só um bom tempo depois de Kisa entrar Riq percebeu que o bracelete de serpente ainda estava lá. Ele pensou em apanhá-lo e correr atrás dela, mas então viu a mensagem entalhada na rocha. Riq ficou examinando aqueles glifos por um bom tempo. Ele era um dos poucos Guardiões da História que conheciam a escrita maia, mas não era nada fácil. Por fim, conseguiu decifrar a mensagem: “Para o meu novo amigo, Riq”.

Ele pôs o bracelete no pulso, sentindo uma onda de empolgação se espalhar pelo corpo. Depois ergueu a joia até os olhos, para examinar os detalhes da serpente metálica — e foi então que um pensamento lhe ocorreu.

E se o encantador de serpentes mencionado no enigma fosse Kisa?

O símbolo da mafumeira

SERA ESTAVA DESCENDO O MORRO AO LADO DE RIQ, se consumindo em culpa por ter deixado Dak sozinho. Seu melhor amigo ainda não tinha recobrado a consciência, e ela queria ser a primeira pessoa que ele visse quando abrisse os olhos. Além disso, quem seria capaz de imaginar que tipo de poção maluca aquele curandeiro daria a ele sem sua supervisão? Mas quando Riq acordou de um sono inquieto, ele a lembrou da última coisa que Dak havia falado, sobre certas pessoas em um observatório. O mínimo que eles podiam fazer, ele argumentou, era seguir a vontade do amigo e ir até lá verificar.

Por isso, lá estava Sera.

Descendo o morro a caminho do observatório.

A cada passo que ela dava para longe da caverna, a culpa a angustiava como uma corda enrolada no pescoço.

— Quer dizer, dá só uma olhada nisso — Riq continuou seu discurso. — É incrível o que Kisa consegue fazer mesmo sem a ajuda de ferramentas modernas.

— Uau, é mesmo — concordou Sera, revirando os olhos.

Desde que eles saíram, Riq não tinha parado de falar de Kisa e do tal bracelete. Já havia dito inclusive que achava que o encantador de serpentes do enigma era ela. Ele acreditava que ela era a chave para revelar a Fratura a ser corrigida. Riq narrou também a conversa profunda que teve com Kisa, que durou até o dia amanhecer. E ainda por cima estava obcecado pelo mérito artístico do bracelete que havia ganhado. Ele estava tão distraído falando de Kisa que nem parecia notar o perigo que corriam ao percorrer aquele terreno logo após a tempestade. Havia galhos de árvores caídos por todo lado, além de poças de lama e raízes expostas. As cabanas menores na periferia da aldeia tinham sido reduzidas a um aglomerado de pedras.

— E é bem confortável — falou Riq, girando o bracelete no pulso para Sera ver. — Nunca pensei que fosse do tipo que usaria um bracelete, mas este aqui é diferente. Eu achei incrível.

— Claro que achou.

Não havia muito tempo que Sera conhecia Riq, mas, se fosse arriscar um palpite, diria que ele estava diferente. Não que naquele momento ela pudesse se dar ao luxo de se preocupar com o temperamento de seu companheiro de viagem. Ela estava concentrada em chegar ao observatório, descobrir o que era preciso e voltar para a caverna, onde ficaria com Dak.

Alguns minutos depois, ao erguer a cabeça de novo, ela arregalou os olhos e parou onde

estava. O observatório.

Riq se virou.

— Aposto que Kisa faria alguma coisa para você também se...

— Olha! — interrompeu Sera, apontando para o terreno logo adiante. No dia anterior, o observatório tinha quase a mesma altura do templo. Naquele momento, porém, ela estava olhando para uma pilha de destroços.

— A tempestade — Riq murmurou.

Sera sentiu o corpo inteiro gelar. A maior parte do telhado havia sido arrancada. As paredes tinham entrado em colapso e ruído pouco acima do chão. Uns dez homens, entre eles Itchik, estavam por ali, gritando nomes e afastando os escombros, pedra por pedra.

Sera e Riq desceram correndo o restante do morro.



Sera logo ficou sabendo que havia três anciãos presos lá embaixo: Cocom, Kan Boar e Pacal. Era por causa deles que todos estavam tão desesperados. Itchik não parava de gritar seus nomes enquanto remexia os escombros, tentando localizar a fonte das vozes que ocasionalmente respondiam. Sera e Riq trabalhavam lado a lado com os maias.

A princípio, havia uma dúzia de homens ajudando no resgate. Logo depois, já eram duas dúzias. Depois três. E todos eles levantavam pedras quase tão grandes quanto seus corpos. As mulheres começaram a aparecer. E as crianças mais velhas também. No fim da tarde, já havia mais de duzentas pessoas removendo os escombros do observatório, carregando as pedras. Os que eram novos ou velhos demais para o trabalho pesado serviam água e frutas para os que estavam lá desde a manhã e se recusavam a descansar. Quase todo mundo que Sera vira na caverna na noite anterior estava lá, ajudando a resgatar os anciãos dos escombros.

O sol começou a se pôr, mas isso não pareceu intimidar os maias. E Sera muito menos. Ela carregava tantas pedras menores quanto possível, levando-as até uma das muitas pilhas de escombros formadas perto do templo. Riq fazia o mesmo, com Kisa a seu lado. De tempos em tempos, Sera esquadrihava os rostos da multidão em busca de Dak, torcendo para que ele já estivesse acordado e de volta ao trabalho. Ela sabia que era exatamente isso que ele faria.

No entanto, não havia nem sinal de Dak por ali.

— Cocom! — Itchik gritava sem parar. — Kan Boar! Pacal!

— Quem são essas pessoas, aliás? — Sera perguntou a Riq e Kisa ao arremessar em uma pilha algumas pedras do tamanho de seu punho.

— São os sábios, certo? — arriscou Riq, virando-se para Kisa.

Kisa limpou o suor da testa e fez um aceno positivo com a cabeça.

— São os escribas da aldeia.

— E por que estavam no observatório durante a tempestade? — Sera perguntou enquanto os três voltavam ao local do desabamento.

— Isso só Itchik sabe dizer — respondeu Kisa. — Mas muita gente acha que eles estavam trabalhando em um projeto secreto, que seria estudado pelos homens de Yuknoom, o Grande,

rei de Calakmul. Eles devem chegar à aldeia nos próximos dias.

— Ainda nem acredito que Itchik seja o rei — disse Sera, recordando-se do que Riq havia contado enquanto desciam o morro. — Ontem à noite ele não disse nada.

— Ele é, sim, o nosso rei — confirmou Kisa —, só que, de acordo com o próprio Itchik, o que mais importa é seu papel como pai, marido e tio.

Sera concordou com a cabeça, mas era difícil estabelecer um paralelo entre aqueles maias e os que ela conhecera nos livros. Itchik não se achava superior a ninguém, e Sera imaginava que todos os reis faziam isso. Ela ficou comovida ao vê-lo participar dos trabalhos de resgate.

Quando Kisa se afastou para beber água, Sera puxou Riq pelo braço.

— Você perguntou para ela sobre o enigma?

Ele confirmou com a cabeça.

— De uma forma meio velada. Ao que parece, quando era criança ela sobreviveu a um ataque da serpente mais mortal das planícies. Seu tio disse que ela precisava homenagear a serpente por ter salvado sua vida. É por isso que ela faz serpentes em suas joias. Seria estranho demais se isso fosse só uma coincidência. Vou investigar um pouco mais.

Sera soltou um suspiro desolado.

— O que nós estamos fazendo aqui, Riq? Dak está machucado, o Anel está com defeito e nós não estamos nem perto de entender o enigma. Estou muito confusa.

— Eu também, Sera. Mas não podemos parar de investigar.

Sera viu que Kisa se aproximava com dois copos d'água. Pelo menos Riq tinha feito uma amiga. O que a fez pensar no pobre Dak, deitado sozinho em uma caverna.

Kisa entregou um copo para Riq e um para Sera, que agradeceram.

Quando terminou de beber, Sera ouviu uma pequena comoção na construção ao lado do desabamento. Ela largou o copo ao lado dos de Riq e Kisa, e os três contornaram correndo os escombros, na direção da multidão que se formava.

— O que está acontecendo? — Kisa perguntou a uma mulher maia atarracada.

— Encontraram os escribas debaixo dos escombros — respondeu a mulher, animada. — Eles estão vivos!

Sera abriu caminho aos empurrões em meio a uma porção de gente para constatar com os próprios olhos.

Itchik estava na linha de frente, gritando:

— Fique calmo, Pacal! Nós vamos tirar vocês daí! — Ele se virou para os homens mais próximos de si e comentou: — É um milagre que eles estejam bem. Agora vamos ao trabalho, depressa!

Demorou mais uma hora para que se abrisse um túnel largo o suficiente para a passagem dos escribas. Sera os viu emergir, um a um, sujos porém intactos. O último a sair carregava uma tabuleta com papel de cor amarronzada, cheia de estranhos glifos e pinturas. Ele entregou a tabuleta para Itchik, que a apanhou e perguntou:

— Como vocês conseguiram sobreviver, Pacal?

Pacal apontou para dentro do túnel.

— Nos encolhemos na parede com a mafumeira. Ela salvou nossa vida.

Itchik sorriu e assentiu, desviando o olhar da tabuleta para os três homens imundos.

— Ela foi nosso amuleto da sorte, como sempre — ele comentou.

— Enquanto estávamos presos, decidimos pintar a imagem da árvore na primeira e na última página do códice — disse Pacal. — Acho que vai valer a pena.

— Sim, com certeza.

Sera não conseguia acreditar no que estava vendo. Um códice maia de verdade. Ela se agachou para espiar dentro do buraco. Estava escuro lá dentro, mas quando seus olhos se acostumaram ela notou a enorme árvore pintada na parede. Sera ficou toda arrepiada, e se virou para Riq.

— O enigma!

— Eu estava pensando a mesma coisa — ele concordou.



Já era tarde quando Sera voltou para a caverna, para junto do leito de Dak. Ele ainda estava inconsciente, mas seu estado já era melhor, segundo Jasaw. Sera não tinha tanta certeza. Na verdade, os ferimentos de Dak pareciam ainda piores. Havia um galo do tamanho de uma bola de beisebol na parte de trás da cabeça. E a parte posterior dos braços e dos ombros estava coberta de hematomas.

— Está muito feio — comentou Sera.

— A aparência não é importante agora — disse Jasaw, passando mais incenso no peito de Dak. — O que importa é o que está por dentro. E o perigo de o cérebro inchar já passou.

Sera ficou olhando para Dak. Ela estava começando a confiar um pouco mais em Jasaw.

Ainda assim, sentia falta de um diagnóstico baseado em algo mais concreto, como uma tomografia computadorizada.

Quando Jasaw saiu, Sera ligou o SQuare. Ela e Riq tinham se escondido atrás de uma árvore nos arredores da aldeia para tentar decifrar o enigma antes de voltar à caverna. Mesmo sabendo que o símbolo da mafumeira fazia parte daquele códice, eles continuavam totalmente perdidos.

O enigma apareceu, e ela leu em voz alta para Dak, várias e várias vezes, em busca de alguma inspiração:

Um encantador de serpentes e um palhaço

Um tesouro que nunca existiu

Um presente da divindade Itzamna: de

9.10.5.10.7 a 11.17.2.13.10

Desenhe o símbolo da mafumeira para a
verdade da maldição

Sera leu cada uma das frases mais de dez vezes, mas não chegou a conclusão nenhuma. Enquanto isso, Dak ficou lá deitado, imóvel.

Logo em seguida, ela acionou o Anel. Conseguiu fazer a tela funcionar de novo, mas havia algo errado. O dispositivo estava recusando a entrada de dados. Toda vez que ela digitava novas coordenadas, aparecia uma mensagem de erro. Era uma sensação perturbadora.

No fim, ela desligou os dois aparelhos, se aninhou no chão ao lado do leito de Dak e fechou os olhos. Ela tentou afastar da cabeça o enigma e a condição do amigo, concentrando-se no Cataclismo em vez disso. Lembrou-se das ruas inundadas. Do sol cor de sangue. Mas, assim que se viu virando a maçaneta da porta de casa, as lembranças sumiram.

De novo.

O que ela poderia ter visto de tão ruim a ponto de sua mente bloquear as recordações?

Um novo objetivo

RIQ PAROU DE CAMINHAR DE UM LADO PARA O OUTRO e espiou por cima do ombro de Sera, que continuava a mexer no Anel do Infinito. Ele sentia que ela estava frustrada e desejava poder fazer alguma coisa para ajudar. O conhecimento de Sera em física, no entanto, era muito maior que o dele. Eles já estavam fora da caverna havia horas, e a solução não parecia nem um pouco mais próxima. Ela conseguira fazer a tela voltar a acender, mas só o que aparecia desde então era uma série de mensagens de erro.

Riq voltou a andar nervosamente de um lado para o outro. Ele precisava voltar à aldeia e falar com Kisa. Durante mais uma noite de insônia, ele havia decidido pedir a ajuda dela para resolver o enigma. Era algo que ia contra todos os princípios dos Guardiões da História, mas Riq estava disposto a revelar tudo a ela. Talvez Kisa fosse capaz de decifrar alguma coisa que ele e Sera não estavam enxergando.

Sera colocou o Anel sobre a grama espessa e cerrou os punhos.

— Acho que já entendi o que aconteceu — ela anunciou. — Mas você não vai gostar de saber.

— O que foi?

— Resumindo, o Anel foi reiniciado quando caiu no chão. Está tudo funcionando normalmente... mas o Anel “esqueceu” em que data estamos. Ele perdeu nossas coordenadas. E, sem esses dados, não temos como sair daqui. O dispositivo não tem a informação do nosso ponto de partida.

— Até que não é tão ruim — comentou Riq. — Nós só precisamos descobrir a data?

— Pensa bem — argumentou Sera. — Os maias têm um calendário, certo? Mas é diferente do nosso. A programação do Anel se baseia no calendário europeu, e os maias ainda nem tiveram contato com os europeus.

— Nós vamos conseguir, Sera. — Riq achou que era uma boa ideia manter o pensamento positivo. — Mesmo que tenhamos de cruzar o oceano para isso.

Sera sacudiu a cabeça e continuou olhando para o Anel.

Depois de um longo silêncio, ela pegou o dispositivo de volta e recomeçou a digitar. Riq se limitou a olhar, sabendo que não podia compartilhar os outros pensamentos que rondaram sua cabeça durante a noite: ele não se importaria em ficar por ali mais um dia ou dois, pois havia algo muito especial naquele lugar.

E, apesar de saber o quanto sua missão era fundamental, Riq não estava com muita pressa de voltar para casa.

Ele nunca tinha falado sobre aquilo com os outros. E talvez nunca falaria. O fato era que a visita ao ano 1850 tinha sido complicada demais para Riq. Ele fora obrigado a interferir na própria árvore genealógica, o que podia significar que sua família no presente não existia mais. Ele mesmo poderia deixar de existir se voltasse ao século XXI. Riq não conseguia nem imaginar qual das duas possibilidades era mais assustadora.

Ele estava conseguindo manter as emoções sob controle, mas toda aquela incerteza começou a pesar mais do que nunca na tarde anterior, quando ele e Kisa ajudaram a remover os escombros do observatório. Esses pensamentos o atingiram com tanta força que ele se agachou na lama e escondeu o rosto entre as mãos.

Kisa se ajoelhou ao seu lado, lhe deu um tapinha nas costas e perguntou se estava tudo bem. Mas parou por aí. Ela não insistiu para obter detalhes. Entendia que havia coisas sobre ele que eram impossíveis de explicar. E aceitava isso. No fim, amizade não era justamente isso?

Nesse momento, Riq se deu conta de duas coisas.

Primeiro: a não ser por seus parceiros na viagem no tempo, ele nunca tivera um amigo de verdade antes — sua avó não contava.

Segundo: se Kisa era mesmo sua amiga, ele precisava confiar nela e abrir o jogo sobre o enigma.

Sera jogou as mãos para cima.

— Não sei mais o que tentar, Riq. Será que vamos ficar presos aqui pra sempre?

Riq parou por um momento e refletiu a respeito. Como ele se sentiria se ficasse preso ali? A ideia não era tão ruim quanto poderia parecer.

— Escuta — ele começou, tentando se concentrar —, por que a gente não esquece o Anel por enquanto e se preocupa com o enigma? Podemos ir até a aldeia e perguntar para Itchik sobre a mafumeira. E eu tenho umas perguntas para fazer a Kisa também.

O olhar angustiado no rosto de Sera fez Riq se sentir culpado. Ele nunca a tinha visto tão abalada.

— Acho que você tem razão — ela falou, guardando o Anel de volta na bolsa. — Só deixa eu dar uma olhada no Dak e a gente vai.



Eles encontraram Itchik assim que chegaram à aldeia. Ele estava parado ao lado dos escombros do observatório, dando risada.

— Itchik? — Riq chamou.

O maia se virou para Riq e Sera, e o riso sumiu de seu rosto.

— Como está seu amigo? Espero que já esteja melhor.

— Jasaw disse que ele está melhorando — contou Sera. — Mas ainda não acordou.

Itchik balançou a cabeça.

— Minha família inteira tem uma dívida de gratidão com ele. Aquela que ele salvou é a

minha filha mais nova.

— O que você está fazendo aqui? — Riq perguntou. Parecia um tanto estranho que o rei ficasse rindo da queda de seu próprio observatório. — Está tudo bem?

— Ah, sim — Itchik falou e se voltou para os escombros. — Eu só estava pensando em quanto tempo demoramos para construir isso. Muitos anos. A aldeia inteira colaborou. Entre essas paredes, fizemos muitas descobertas importantes a respeito do mundo.

— Então por que você estava rindo? — questionou Sera.

— Meus escribas escaparam ilesos — respondeu Itchik. — E eu acredito que uma grande fatalidade traz consigo uma grande oportunidade. Vamos construir um observatório novo. Maior e melhor. Um que não vai cair, por mais poderoso que seja o vento.

Riq gostaria de poder encarar a vida daquela maneira. Ele olhou para a aldeia, para as dezenas de cabanas de pedra que as pessoas já começavam a reconstruir, o templo gigantesco, a trilha branca coberta de lama. Devia haver uma razão para Riq, Dak e Sera estarem ali. Não podia ser coincidência. E se eles tivessem ido parar ali por causa de Riq? Para que ele conhecesse aquele povo e aprendesse como eles viviam e no que acreditavam?

Ele ouviu vozes ao redor e ergueu a cabeça. Avistou um grupo de crianças correndo pela trilha que levava até onde estavam.

— Rei Itchik! — elas gritavam em uníssono. — Rei Itchik!

Itchik e Sera olharam também. Riq viu que havia um grupo menor vindo logo atrás. Crianças mais velhas. Adolescentes como ele. Kisa estava entre eles.

— Rei Itchik!

— Sim, crianças, o que foi? — perguntou Itchik.

O menino que vinha mais à frente respondeu, esbaforido, ao chegar aos escombros do observatório:

— Os homens chegaram da floresta! Os homens do rei Yuknoom. Lá de Calakmul!

— Chegaram antes do esperado — comentou Itchik. — Onde eles estão, crianças?

— Lá no campo do norte — respondeu o menino mais velho.

Itchik se virou para Riq e Sera.

— Preciso receber os homens do grande rei — ele falou. — Eles vieram avaliar nossas descobertas. Vocês estão convidados para vir também.

Ele partiu atrás das crianças, fazendo o caminho oposto.

Riq e Sera se entreolharam.

— Vou com ele — anunciou Sera. — De repente descobro mais sobre o códice.

— A gente se encontra depois, então — disse Riq.

Sera fez que sim com a cabeça e correu para alcançar o grupo que ia na direção do campo de jogo de bola. Riq foi atrás de Kisa. Antes que ele pudesse abrir a boca para dizer algo, ela o puxou pelo braço e falou:

— Vem comigo.



Kisa o levou até uma cabana vazia cujo teto havia desabado. Era menor que aquela que Riq tinha visitado na noite da tempestade.

— Não confio nesses homens — Kisa disse assim que se viu sozinha com ele.

— No pessoal do rei? — ele perguntou. — Por que não?

— Itchik acha que eles querem conhecer e estudar nosso códice. Ele está sendo inocente demais. Eu acho que a intenção por trás disso é roubar nosso trabalho e se apropriar dele. Todo mundo sabe que Pacal é o melhor escriba desta e de qualquer aldeia.

Riq olhou pela porta aberta. Uma fila de mulheres maias varria a estrada. Os homens entravam e saíam das cabanas carregando ferramentas antigas.

— A gente não devia avisar Itchik? — ele sugeriu, virando-se para Kisa.

— Ele não vai ouvir. Só está preocupado em mostrar nosso progresso para os outros — Kisa respondeu e segurou o braço de Riq. — Você também precisa tomar cuidado — ela alertou. — Você e o menininho que se feriu. Esse pessoal é conhecido por aprisionar as pessoas que consideram diferentes. Ouvi dizer que eles levam os prisioneiros para jaulas em Calakmul. O povo de lá paga para ver esse tipo de coisa.

— Pode ter certeza de uma coisa... — disse Riq, lembrando-se do que sofrera em 1850. — Não vou deixar ninguém me trancar em uma jaula.

Kisa assentiu e pegou uma das vigas do telhado caídas no chão. Ela ficou olhando para o pedaço de madeira por alguns segundos e se virou para Riq com os olhos marejados.

— Acho que estou só preocupada com as pessoas de quem gosto. Essa tempestade destruiu uma porção de casas. E o nosso observatório. Todo mundo está trabalhando duro na reconstrução. E agora aparecem esses homens da aldeia mais rica das planícies, querendo o fruto do nosso trabalho. Isso não me parece certo.

— Eu queria poder ajudar mais — disse Riq.

Kisa sacudiu a cabeça.

— Você tem seus próprios problemas.

Riq olhou para o chão, pensativo. O que quer que acontecesse com ele, era preciso garantir a segurança de Sera e de Dak. Ele precisava ter certeza de que a missão dos Guardiões da História não terminaria ali. Sacou o SQuare da bolsa e olhou para Kisa.

Ele esperava que ela perguntasse o que era, mas Kisa se limitou a observar enquanto ele ligava o dispositivo.

— Eu queria que você desse uma olhada em uma coisa para mim — ele falou.

— Claro. Mas nunca vi nada parecido com isso. Acho que não vou poder ajudar.

Riq digitou a senha e o enigma apareceu. Ele ergueu a tela para que Kisa pudesse ver. Ela lançou um olhar de interrogação para o objeto, e ele sentiu seu rosto queimar. Era óbvio que ela não conseguiria ler. Estava escrito em inglês. Ele traduziu em voz alta.

— Foi por isso que você perguntou sobre as serpentes nas minhas joias — comentou Kisa.

Riq fez que sim com a cabeça.

— Alguma dessas coisas faz sentido para você?

— Não sei o que pode ser esse palhaço. Nem o tesouro. Mas conheço Itzamna, claro. Ele foi o deus que nos deu o calendário. E esses números que você leu são datas. Uma delas é o dia

de hoje. A outra fica num futuro bem distante. Se você conhece a primeira, a segunda fica fácil de deduzir.

Riq sentiu os pelos dos braços se arrepiarem.

— Uma delas é o dia de hoje?

Kisa confirmou com um aceno de cabeça.

Riq desligou o SQuare e o guardou de volta na bolsa, olhando ao redor da cabana semidestruída, tentando pensar. Ele viu utensílios de cozinha primitivos e vigas do telhado caídas no chão. Viu também um pedaço de madeira semioculto, no qual havia sido entalhada uma cabeça de serpente. Riq sabia que precisava contar a Sera o quanto antes sobre a importância daquele dia. Os Guardiões da História os mandaram para lá de propósito. Eles só precisavam descobrir por quê. Dezenas de imagens passaram por sua cabeça: Itchik os guiando até sua cabana; os escribas emergindo das ruínas; a tempestade observada da entrada da caverna; Jasaw passando incenso queimado no corpo inerte de Dak.

— Está tudo bem? — perguntou Kisa.

— Não sei — respondeu Riq. — Só sei que preciso encontrar Sera. Você me ajudou muito, Kisa. E, por favor...

— Não se preocupe — interrompeu Kisa. — Não vou falar com ninguém sobre o enigma.

Riq fez que sim com a cabeça.

— Obrigado.

— Muito cuidado, Riq. Não quero que nada de ruim aconteça a você.

Riq apertou a mão dela e se virou para sair, mas quando chegou à porta acabou dando meia-volta.

— Preciso contar uma coisa pra você, Kisa. Uma coisa que ficou na minha cabeça o dia todo.

— O quê?

— Nós três, eu, Dak e Sera, estamos viajando de lugar em lugar, de época em época, para tornar o mundo um lugar melhor. Eu me preparei a vida toda para fazer isso. Mas, quando cheguei aqui na sua aldeia, percebi uma coisa.

Kisa agarrou a viga com força, esperando que ele concluísse.

— Talvez ajudar o mundo inteiro não seja tão importante quanto salvar uma comunidade específica. Porque assim dá para ver o rosto de cada um. Conhecer as pessoas, e ser conhecido por elas. — Riq caminhou até Kisa, pegou a viga de madeira das mãos dela e observou a peça por alguns segundos. — Quem morava aqui antes da tempestade? — ele quis saber.

Kisa baixou os olhos.

— Eu e a minha família.

Riq assentiu.

— Durante toda a minha vida, sempre dei mais valor à missão do que às pessoas, sabe? Eu achava que ter amizades desviaria meu foco daquilo que realmente importa. Mas eu estava enganado, Kisa. Ter amigos é a coisa mais importante do mundo.

— Para você também? — questionou Kisa.

— De hoje em diante, sim.

— E nós somos amigos?

Riq fez que sim com a cabeça.

— Eu gosto de pensar que sim. Apesar de nos conhecermos há pouco tempo. — Ele entregou a viga de volta para Kisa. — Você acha que teria algum problema se eu ficasse aqui para participar da reconstrução da aldeia? Seria uma grande honra se o seu povo aceitasse minha ajuda.

— Nós aceitamos com o maior prazer — disse Kisa, largando a viga e segurando a mão dele. — Eu só queria poder fazer alguma coisa para retribuir. Alguma coisa importante.

— Você já fez isso — garantiu Riq.

O coração dele estava disparado. Mas pelo menos a questão estava resolvida. Ele ficaria para ajudar Kisa e sua família. Dak e Sera saberiam se virar sem ele. Eram eles os viajantes do tempo que mais importavam. Além disso, caso a missão fosse bem-sucedida, a volta para casa de Riq não seria como a dos outros dois. Ele nem sabia se ainda teria uma vida. Ali, pelo menos, havia um objetivo a cumprir: participar da reconstrução de uma aldeia. E ser amigo de Kisa. E talvez até ajudar os escribas em seu próximo projeto.

— Eu preciso ir — falou Riq. — Tenho que contar para Sera o que você acabou de me dizer.

— E eu preciso ajudar minha mãe com as crianças — disse Kisa.

Riq largou as mãos dela e já estava passando pela porta quando Kisa falou:

— Ah, Riq...

Ele se virou.

— Por favor, muito cuidado com aqueles homens. Não quero que nada de ruim aconteça a você.

— Nada pode acontecer comigo agora, Kisa.

Riq saiu da cabana e correu pela aldeia na direção do campo de jogo de bola. Suas pernas pareciam incrivelmente fortes, como se ele fosse capaz de correr para sempre. Nada no mundo poderia segurá-lo.

A importância daquele dia

SERA FICOU MARAVILHADA ao ver Pacal abrir o códice como se fosse um acordeão e apontar para uma parte no canto superior direito.

— Aqui nós mostramos a trajetória de Vênus — disse ele. — Nós acompanhamos sua movimentação pelo céu durante anos.

Ela observou aqueles símbolos estrangeiros. Seu mecanismo de tradução não ajudava em nada com textos escritos em idiomas arcaicos. Poder ver aquilo pessoalmente, no entanto, era incrível. Aquela era a primeira língua escrita desenvolvida no continente americano. E era de uma beleza quase sobrenatural. Cada glifo era uma obra de arte em miniatura.

Depois de seguir Itchik e as crianças até o campo de jogo de bola, Sera viu os quatro visitantes de Calakmul. Eram atarracados, no estilo brutamontes, com olhos e cabelos castanhos. Ela conheceu também os três escribas: Cocom, Kan Boar e Pacal. Itchik convidou os homens para uma refeição dentro do templo, preparada pelos melhores cozinheiros da aldeia. Sera já estava se preparando para voltar à caverna e ficar com Dak quando Pacal anunciou que dispensaria a refeição, pois ainda tinha trabalho a fazer. E ela ficou chocada ao ser convidada para acompanhá-lo.

Ela aceitou a oferta sem pensar duas vezes, imaginando que seria a oportunidade perfeita de ver o códice de perto.

— As gerações passadas já acompanhavam o movimento do Sol, da Lua e das estrelas — contou Pacal. — E, em nosso primeiro códice, nós fizemos o mesmo. Mas nesta versão aprimorada, creio que fomos os primeiros a registrar a trajetória de Vênus.

— Espera aí — disse Sera. — Existe outro códice?

— Um bem simples. Um rascunho, podemos dizer, apesar de ter nos custado alguns anos. Nós o chamamos de “códice de ensaio”. Eu queria destruí-lo, mas o rei Itchik insistiu que fosse mantido, como uma lembrança.

Ela olhou para Pacal, um velho baixinho com os dentes estragados. Havia algo de muito familiar nele. Toda vez que seus olhares se cruzavam ela sentia uma espécie de déjà-vu — não chegava a ser uma Reminiscência, mas era quase.

— Como vocês conseguiram observar Vênus sem um telescópio? — Sera quis saber.

— Telescópio? — perguntou Pacal. — O que é isso?

— Hã, deixa para lá. — Sera se repreendeu mentalmente. Claro que ele não sabia o que era

um telescópio. — Às vezes eu invento palavras quando estou cansada.

Pacal olhou fixamente nos olhos dela, e Sera se perdeu mais uma vez na sensação de déjà-vu. Dessa vez, porém, ela conseguiu identificar o rosto de um homem de seu próprio passado. Um homem em quem não pensava havia anos. Um dia, quando ela tinha três anos, estava brincando no jardim da casa do tio e um furgão enorme estacionou logo em frente. Vários homens desceram de lá, e o líder deles caminhou pela propriedade e conversou com o tio dela. Foi uma conversa longa e animada, depois da qual o homem andou até Sera. Ele abriu um sorriso largo e se ajoelhou para poder olhá-la bem nos olhos. Era um senhor de idade com cabelos compridos presos em uma trança e um rosto moreno e enrugado — do tipo que se vê no alto de um totem indígena.

Ele a acariciou no queixo e disse, com um sorriso:

— Você vai ser muito especial, Sera. Dá para ver nos seus olhos. Mas você também precisa entender que existe um preço alto a ser pago por ser especial. Você precisa suportar uma carga muito pesada. Você acha que aguenta, Sera?

Ela fez que sim com a cabeça, mas não disse nada.

O homem levantou e falou:

— Ótimo!

Depois disso, entrou no furgão e foi embora com os outros.

Quando o tio de Sera foi até ela, o primeiro comentário que fez foi:

— Está vendo como ele é grosseiro? Nem se apresentou.

— Quem era? — Sera perguntou, olhando para o tio.

— O seu avô — ele contou.

E era exatamente com ele que Pacal parecia. Com o homem que disse que ela seria especial. Seu avô.

Sera se recompôs e perguntou a Pacal:

— E por que Vênus é tão importante assim?

Pacal apanhou um pincel de ponta fina e começou a pintar uma mafumeira na última página.

— Nós aprendemos muito com Vênus — ele contou. — Esse planeta diz qual é a melhor época para plantar, e também quando devemos nos preparar para a batalha.

Sera tentou definir qual era sua opinião a respeito de tomar decisões importantes com base na trajetória dos planetas. Isso a fez se lembrar das meninas do colégio que viviam perguntando o signo dos outros. Sera nunca entendeu o motivo de tanta superstição. Só acreditava na ciência pura. Por outro lado, Pacal parecia muito inteligente.

— E esta parte aqui descreve como montamos o calendário — mostrou Pacal, apontando para a quinta página. — Usando o sistema de contagem longa, conseguimos calcular datas que se estendem longamente até um futuro distante.

Sera desejou ter permissão para contar as coisas impressionantes que aconteceram entre a época de Pacal e a modernidade. Ele parecia o tipo de pessoa que adoraria saber. Mas Sera não podia fazer isso. Ela preferiu manter o calendário como tema da conversa.

— Por acaso em algum momento o código de vocês menciona uma maldição?

— Uma maldição?

— É — insistiu Sera. — Uma maldição dizendo que estamos destinados a um Cataclismo, e que os únicos que podem nos salvar são os membros da SQ?

— Não existe maldição nenhuma no nosso códice — afirmou Pacal.

Sera tentou outra abordagem.

— Mas então o que acontece quando chegar a última data prevista no seu calendário? O mundo vai acabar?

— Ah, não! — respondeu Pacal, aos risos. — Só significa que um ciclo chegou ao fim. Um novo ciclo começará logo em seguida. Esperamos que seja uma época de ainda mais aprendizado.

Eles conversaram a respeito do conhecimento que os escribas compartilhavam nos códices, e uma luz aos poucos foi se acendendo na mente de Sera. Ela parou de escutar de fato e começou a pensar nas mensagens de erro exibidas na tela do Anel do Infinito. Ela não fazia ideia da data em que estavam. Porém os maias tinham sua própria maneira de marcar a passagem do tempo. E era um sistema detalhadíssimo, baseado em décadas de observação e registro científico. Ou seja, dados que podiam ser processados e que ela poderia cruzar com os números armazenados no Anel!

Sera sacou o Anel da bolsa e ficou olhando para ele. Pacal continuou sua pintura da mafumeira. Em um determinado momento, bateu os olhos no dispositivo e franziu a testa, mas, em vez de fazer perguntas, continuou concentrado no códice.

Alguns minutos depois, porém, ele limpou a garganta e falou:

— Você quer um conselho, Sera?

— Sou toda ouvidos — ela respondeu.

— Acredito que tudo o que existe vem da terra. Inclusive eu e você. Até a mais complexa invenção humana existiu em algum momento no nosso solo. Ninguém tenta fazer nada a partir do ar. Nós usamos os elementos já existentes, nascidos da terra, e os combinamos de outras formas. O progresso é uma simples questão de organização e criatividade.

Sera concordou com a cabeça, tentando decifrar o que tinha acabado de ouvir.

Pacal largou o pincel, pegou sua sacola e deu as costas para ela.

— E mais uma coisa — ele continuou. — Nunca se esqueça da importância do humor.

Quando se virou de volta, Pacal estava usando uma máscara de palhaço, com os polegares enfiados nas orelhas e os demais dedos balançando no ar.

— Normalmente só ponho isto para divertir as crianças pequenas.

Aquilo era totalmente inesperado para Sera.

— Ei, espera aí... Então para você eu sou só uma criança?

— A melhor parte de cada um de nós é a nossa parte criança — ele respondeu.

Sera deu risada. Era engraçado ver o homem mais inteligente da aldeia fazendo palhaçada com uma máscara esquisita.

Alguns segundos depois, a ficha caiu.

A referência ao palhaço no enigma. Talvez eles já tivessem encontrado o encantador de serpentes e o palhaço. Antes que Sera pudesse perguntar a Pacal tudo o que queria, no entanto, Itchik abriu a porta do templo e convidou os quatro visitantes de Calakmul a entrar, dizendo:

— Aqui, meus amigos, está a surpresa de que falei. — Ele apontou para o códice. — Nosso maior avanço em termos de conhecimento.

Os quatro se aproximaram e começaram a examinar o códice, enquanto Pacal tirava a máscara de palhaço e a enfiava na sacola.

Itchik conduziu os visitantes pelo templo, dizendo:

— Pacal explicará para vocês todas as informações que nosso códice contém.

Sera notou que um dos homens estava olhando para o Anel. Mas ela não deu muita bola. Estava ocupada demais revendo as coordenadas anteriores. Havia dados astronômicos ali, que ela cruzou com as informações detalhadas trazidas pelo códice a respeito de Vênus e da Lua. Ela chegou inclusive a deduzir uma data provável: 25 de julho de 638. Sua hipótese se confirmou quando ela reprogramou o Anel tomando essa data como base e as mensagens de erro desapareceram.

Ela deu vários soquinhos no ar em comemoração, guardou o Anel de volta na bolsa e se levantou.

Pacal estava explicando o códice aos visitantes, passo a passo. Um segundo grupo entrou no templo assim que o escriba começou a falar sobre o calendário. Alguns nativos. Os outros dois escribas.

— Sera — alguém chamou. Ela viu Riq aparecer e acenou para ele.

Enquanto Pacal continuava sua exposição, Sera passou pelos visitantes e foi até Riq.

— Que bom que você apareceu — ela falou. — Tenho ótimas notícias.

— Eu também — ele disse. — Acabei de falar com a Kisa. Ela me ajudou a entender a parte numérica do enigma. Aparentemente são duas datas.

— E...?

Riq parecia mais empolgado do que nunca.

— Sera, uma dessas datas é o dia de hoje.

— Hoje? — ela repetiu.

— Está vendo só? Era para nós estarmos aqui mesmo, como eu falei ontem à noite! Agora só precisamos descobrir o que o dia de hoje tem de tão importante.

Pacal começou a falar sobre a trajetória de Vênus.

— Isso é demais! — comentou Sera. — Por falar no enigma, você nunca vai adivinhar o que o tal do Pacal pôs na cara agora há pouco.

— O quê?

— Uma máscara de palhaço. Ele deve ser o palhaço do enigma!

Riq arregalou os olhos.

— Finalmente a gente está começando a decifrar essa coisa — ele comentou.

Sera fez que sim com a cabeça e falou:

— Isso me leva a pensar que Kisa realmente é a encantadora de serpentes. Precisamos descobrir o que isso significa. Mas tenho uma notícia ainda melhor — ela bateu na sacola onde estava guardado o Anel do Infinito. — Você está olhando para a garota que conseguiu acabar com aquelas mensagens de erro.

— Sério?

Sera explicou que a descrição que Pacal fez do calendário maia a ajudou a descobrir tudo.

— O mais importante é que — ela falou, dando um cutucão em Riq — agora a gente pode cair fora daqui quando quiser.

— Mas... — Riq de repente pareceu preocupado. — Quer dizer, bom trabalho, Sera.

— Que foi? — ela quis saber.

— Hã? Nada.

— Tem certeza?

Riq confirmou com a cabeça.

— Claro que sim. E é melhor a gente se concentrar na importância do dia de hoje, não?

— Com certeza — concordou Sera. Ela se virou quando percebeu que dois visitantes iam tomando o caminho da porta. Um deles a encarou antes de sair do templo.

Sera fez um sinal para que Riq esperasse e foi até o grupo de maias que ouvia a palestra de Pacal.

— Aonde eles estão indo? — ela perguntou a Cocom.

— Vão se encontrar com o restante dos seus homens. Eles dizem que foram atrasados pela tempestade e que precisam estar no vilarejo vizinho logo pela manhã.

— Eles não vão nem passar a noite aqui? — Sera resmungou consigo mesma enquanto voltava para onde estava Riq. — Que coisa mais estranha!



Em questão de vinte minutos, Pacal já havia terminado sua explicação sobre o códice. Os dois visitantes que restaram estavam impressionadíssimos. Eles expressaram sua admiração para Itchik, que abriu um sorriso enorme, e deram tapinhas nas costas de Pacal. O mais baixinho dos dois começou a dobrar o códice, dizendo:

— Yuknoom, o Grande, ficará honrado de exibir isso no centro do nosso império.

O sorriso logo sumiu do rosto de Itchik.

— Não podemos deixar que o códice saia de Izamal, obviamente. Mas o rei Yuknoom pode mandar seus escribas para fazerem uma cópia, se desejar.

— Ah, não — rebateu um dos visitantes. — As instruções do rei foram bem específicas. Nós devemos levar conosco todas as obras dignas de nota que encontrarmos na viagem.

Itchik olhou para seus homens, atrás de si.

— Sinto muito, amigos — ele falou, dando um passo à frente. — Não posso permitir que...

— Parado aí — ordenou o maior dos visitantes, sacando uma lâmina de obsidiana do cinto e apontando na direção de Itchik. — Vou deixar as coisas bem claras de uma vez por todas. Nós vamos levar o códice para Calakmul com ou sem a sua permissão.

Sera e Riq se entreolharam, com os olhos arregalados.

O homem se posicionou atrás de Pacal e pôs a faca em seu pescoço.

— Você não quer que o velho se machuque, não é? Escute bem, há mais de vinte homens nos esperando. Se alguém nos seguir, a situação pode terminar em morte para vocês.

Todos os homens de Izamal, inclusive Itchik, deram um passo para trás e os dois visitantes

saíram do templo, atirando Pacal ao chão. Assim que se foram, todos começaram a falar ao mesmo tempo, e Sera não conseguiu entender nada. Ela foi até Pacal para ajudá-lo a se levantar.

— Silêncio! — gritou Itchik.

Todos ficaram quietos.

— Não vamos deixar ninguém levar nosso códice — recomeçou Itchik. — E, principalmente, não vamos permitir que machuquem nosso querido Pacal. Temos que organizar um grupo grande para ir atrás daqueles homens. Cocom, convoque os guerreiros e mande os cozinheiros prepararem comida para vários dias. Kan Boar, você precisa fazer um mapa com todas as rotas possíveis até Calakmul. Alguns de nós devem partir agora mesmo; não acredito que estejam realmente em grande número. Os demais precisam se organizar para pegá-los de frente. Homens, não podemos voltar sem nosso códice!

Riq se virou para Sera e falou:

— Vou com eles.

— Não é uma boa ideia — argumentou Sera. — Como você mesmo disse, não podemos nos separar.

— Eu sei, Sera. Mas preciso ajudar. Essa pode ser a razão para a gente estar aqui.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Vou ver como o Dak está. Precisamos ficar prontos para ir embora a qualquer momento.

Sera observou enquanto Riq se juntava ao pequeno grupo de maias que se preparava para ir atrás dos visitantes. Um deles entregou ao viajante do tempo uma espada rudimentar. Riq se virou, olhou para Sera e então se voltou para o homem que passava as instruções. Para ela estava bem claro que alguma coisa em Riq havia mudado. Ela só não sabia exatamente o quê.

A garota saiu porta afora e tomou o caminho da caverna.

Ainda era dia, mas o sol estava baixo no horizonte. Sera deixou a aldeia e estava começando a subir o morro quando um homem apareceu de repente atrás dela. Era um dos visitantes que haviam deixado o templo pouco antes, o mesmo que tinha visto o Anel do Infinito.

Sera instintivamente começou a correr para o outro lado, mas acabou caindo nas garras do outro visitante que tinha escapulado mais cedo. Ele a virou nos braços para que ela ficasse de frente para o outro homem, que falou:

— Nós viemos até aqui por causa dos boatos sobre um códice que trazia grandes conhecimentos. No fim, vamos voltar com muito mais que isso. — Ele apontou para a bolsa de Sera e falou: — Tire a ferramenta da sacola.

— Que ferramenta? — Sera desconversou, tentando se livrar do outro homem.

— Você sabe do que estou falando — ele insistiu, caminhando na direção dela. — Pegue a ferramenta e me mostre o que ela faz.

Voltando à tona

DAK FICOU SONHANDO DURANTE UM PERÍODO que pareceu vários dias — um único sonho, longo e contínuo. Ele havia caído em um poço fundo perto de casa e tentava escalar de volta à superfície pouco a pouco. No entanto, ele só era capaz de escalar um passo por vez, porque tinha que escavar as aberturas na rocha com as próprias mãos, usando apenas um molho de chaves. Ele escavava durante horas usando a chave mais afiada, a que abria o laboratório secreto de seus pais, e então testava a firmeza da fenda com os dedos. Caso fosse profunda o suficiente para oferecer um bom apoio, ele subia mais um pouco, enfiando o pé em um dos buracos já escavados.

De tempos em tempos, ele ouvia uma voz acima de onde estava. Apesar de não conseguir enxergar nada por causa da escuridão intensa, ele sabia muito bem de quem era aquela voz. Afinal, Dak passara a vida inteira ouvindo Sera tagarelar em seu ouvido. Ela falava sobre a missão e suas preocupações e leu para ele o enigma, várias e várias vezes, a ponto de Dak já saber o texto de cor.

Naquele momento, porém, seu sonho estava mudando. Dak não estava mais escavando aberturas com as chaves do laboratório — agora usava a chave que seus pais lhe deram em um rápido encontro na França, no ano 911. Além disso, a abertura do poço estava ficando mais clara, à medida que a manhã ia avançando. A voz que o chamava também não era mais a de Sera, e sim de outra garota. E logo Dak estava perto da saída, e a menina que não era Sera lhe estendeu a mão e o puxou para a luz. Quando se viu livre, ele abriu os olhos e gritou:

— Já sei! Decifrei o enigma!

— Quê? — perguntou a garota.

Ele ficou assustado ao notar que não estava ao lado de um poço, e sim em uma caverna escura, sendo observado por dois estranhos. Um dos rostos era de uma menina que ele se lembrava de ter visto na cabana maia que desabou sob a tempestade — ele estremeceu ao reviver o evento em sua mente. O outro rosto era de um velho enrugado com um monte de penas sobre a cabeça.

— Dak? — chamou a garota. — Está me ouvindo?

Dak se sentou e olhou ao redor. Ele estava atrás de um cobertor pendurado como um biombo, e dezenas de buquês de flores e pratos de comida o cercavam.

— Onde eu estou?

— Você está acordado — comentou a garota. Depois se virou para o cara das penas e gritou:

— Ele acordou!

— Acho melhor você ficar deitado — aconselhou o homem.

Dak, porém, não estava a fim de ficar parado.

— Cadê a Sera? — ele perguntou. — E o Riq? O que vocês fizeram com meus amigos?

— Eles estão na aldeia — disse a menina. — Você desmaiou lá na cabana do meu tio. O pessoal trouxe você até aqui para nosso curandeiro tratar seus ferimentos. — Ela apontou para o homem a seu lado. — Este é Jasaw. E eu sou Kisa.

Dak esfregou os olhos e observou o ambiente à sua volta, sentindo a parte posterior da cabeça latejar.

— Está vendo todos esses presentes aqui em volta? — ela perguntou.

— Seria meio difícil não ver — respondeu ele, tentando alongar o pescoço.

— Foi o povo da aldeia que mandou. Se não fosse por você, não sei o que teria acontecido com a minha prima.

— Não mereço ganhar flores por isso — disse Dak, enfim voltando a raciocinar com clareza. — Essa é meio que a minha especialidade, Kisa.

— Como assim?

— Eu salvo vidas.

A menina pareceu não entender seu tom brincalhão.

— Bom, você tem a nossa gratidão.

Dak encolheu os ombros e voltou a atenção para o que parecia um belo pedaço de queijo americano processado, mas assim que deu uma mordida percebeu que era abóbora. Ele cuspiu tudo de volta no prato, praguejando consigo mesmo, pois deveria saber que naquela época os Estados Unidos ainda nem existiam, muito menos os alimentos industrializados produzidos por lá. Ele limpou a boca com o braço e se virou para o curandeiro.

— Esse cara não é de falar muito, né?

O homem estava guardando as ervas em caixas de madeira.

— Ele anda bem ocupado por causa da tempestade. Muitas pessoas ficaram feridas. — Kisa chegou mais perto e observou Dak. Ela se virou para o curandeiro e perguntou: — Você acha que ele consegue ir caminhando até a aldeia?

— Não acho uma boa ideia, mas o menino é livre para fazer o que quiser.

Kisa se virou de novo para Dak e disse:

— Sinto muito por trazer um monte de problemas enquanto você ainda está se recuperando...

— Mas...?

— Mas preciso da sua ajuda. Estou preocupada com seus amigos, na verdade.

Dak se sentiu subitamente energizado e se levantou em um pulo.

— Aconteceu alguma coisa com a Sera?

— Bom, ainda não sei. Só estou preocupada porque...

— Então não vamos perder tempo — ele interrompeu. — Precisamos ir atrás dela. Agora!

— Tem certeza de que você já está bem para andar? — ela perguntou.

— Claro que sim — ele garantiu. — Consigo até correr uma maratona se precisar. Ou empurrar um carro. Ou atravessar um riacho infestado de mosquitos da malária. — Ele saltitou um pouco para comprovar o que dizia. — Está vendo?

E então, Dak desabou nos braços de Kisa.



Os dois saíram da caverna, Dak apoiando o braço sobre o ombro de Kisa.

— Quando acordou, você disse alguma coisa sobre resolver um enigma — ela comentou. — O que você quis dizer com isso?

— Você já ouviu falar dos Guardiões da História? — perguntou Dak.

— Só sei o que você e Riq falaram.

— E dos Guardiões do Tempo?

Kisa sacudiu a cabeça.

— É porque eles ainda não existem por aqui. Nesta época não havia nenhum membro desses grupos nas Américas. Pelo menos é isso que eu acho.

— O que são as Américas? — Kisa quis saber.

Dak tirou o braço de cima do ombro dela.

— Já estou me sentindo melhor. Acho que consigo andar sozinho. — Ele alongou outra vez o pescoço e passou a mão pelo galo na parte de trás da cabeça. — Enfim, os detalhes não importam muito. O importante é saber por que fomos mandados para cá. E foi isso que eu descobri.

— E...?

— Nós estamos aqui para proteger o códice. Para garantir que ele não seja destruído pelos conquistadores espanhóis que mais tarde vão invadir sua terra e tentar converter vocês à ideologia deles. É assim que funciona a censura, Kisa. Eles manipulam as massas controlando o acesso à informação. O códice de vocês é o “tesouro que nunca existiu”.

— Não entendi quase nada do que você falou.

— Não tem problema, minha cara. O que interessa é que não existem Guardiões da História entre os maias, então ninguém está habilitado a proteger o códice, que eu acredito ser um documento importantíssimo. É aí que entramos eu, Sera e Riq.

— Então nós precisamos de Guardiões da História por aqui — disse Kisa.

— Pois é, minha amiga. E como!

— Mas foi exatamente por isso que fui procurar você, Dak. Apareceram uns homens aqui na aldeia hoje, e Itchik...

— Um grande cara, o Atchim — interrompeu Dak. — Como ele está? Ele não me liga, nem escreve...

— Ele está bem — respondeu Kisa, já começando a ficar irritada. — Itchik achava que esses homens queriam estudar o códice, mas na minha opinião eles vieram aqui para roubá-lo. O povo de Calakmul pensa que pode sair por aí pegando o que quiser.

Dak se deteve e virou para Kisa.

— Confie em mim, nós não vamos deixar isso acontecer.

— Que bom — ela falou.

Quando estavam na metade da trilha cercada por uma exuberante vegetação tropical, Dak ouviu vozes. Ele parou de novo e segurou Kisa pelo braço. Colocou o indicador sobre o lábio em um pedido de silêncio e depois deu mais alguns passos até avistar um homem baixo e atarracado que ficava o tempo todo olhando para trás, como se estivesse vigiando alguma coisa. Dak chegou um pouco mais perto e notou que havia mais duas cabeças escondidas nos arbustos. Um homem e uma menina de cabelos castanhos...

O coração de Dak foi parar na boca.

O homem estava segurando uma faca junto ao pescoço da garota: Sera.

Já o vigia tinha nas mãos o Anel do Infinito. Era quase uma espécie de déjà-vu. Na última vez em que contemplara uma cena assim, Dak tinha saído correndo e atacado o homem que segurava o Anel. E foi uma tremenda bobagem. No entanto, ao observar com atenção o que acontecia, Dak percebeu que sempre iria ao socorro de Sera quando ela estivesse em perigo. Não importava quantas vezes ele errasse. Não havia como ficar parado e deixar que algo acontecesse a ela. De jeito nenhum. Não diante dos olhos dele.

Dak se levantou, sentiu as pernas cambalearem um pouco e saiu correndo na direção do homem que segurava o Anel, como tinha feito no dia da tempestade, gritando:

— Mexeu com meus amigos, mexeu comigo!

Só que dessa vez ele se esquivou do alvo original no último instante e mergulhou na direção do homem que ameaçava Sera com a faca. A lâmina saiu voando pelos ares, assim como Dak e o sujeito.

— Dak! — gritou Sera.

— Dak! — gritou Kisa.

Dak e o homem saíram rolando pelo mato, e a parte de trás de sua cabeça, já ferida, acabou se chocando contra uma árvore.

Ele ficou tonto.

A selva inteira começou a girar ao seu redor.

Ele conseguia ouvir sons em que jamais havia reparado antes: o zunido dos mosquitos, o vento quente agitando as folhas das árvores, o canto dos pássaros, os galhos quebrando enquanto ele se levantava sem nem se dar conta de que estava em movimento. Quando Dak percebeu, já estava cara a cara com o homem que tinha acabado de derrubar.

O homem estava sorrindo.

— Que bom que você veio — ele falou.

Por cima dos ombros de seu oponente, Dak viu Sera e Kisa tentando dominar o outro sujeito. O Anel do Infinito estava caído ali perto.

Ele se lançou sobre o maia de novo, mas o homem se esquivou e jogou Dak no chão. Ele olhou para cima e viu que seu oponente ainda estava sorrindo, ciente de que Dak não era capaz de enfrentá-lo, principalmente nas condições em que se encontrava. Além disso, percebeu que o outro sujeito tinha imobilizado Sera e Kisa, segurando-as com força pelo pescoço.

Era o fim.

O homem diante de Dak se dirigiu ao comparsa:

— Solte a menina mais nova — ele mandou.

O outro obedeceu, e Sera se levantou, com uma expressão de hesitação no rosto.

— Dak — ela falou. — Você está bem!

— Bom, tecnicamente, agora nem tanto — ele respondeu, apontando para o homem parado à sua frente. — Mas, pois é, não estou mais de cama. O que está acontecendo aqui?

— Vou dizer o que está acontecendo — anunciou o homem. — Nós viemos aqui buscar um códice, mas acabamos encontrando uma coisa que parece muito melhor. Essa coisa de metal da sua amiga.

— Nosso rei, Yuknoom, o Grande, vai ficar muito contente — acrescentou o outro homem.

— E vai ficar ainda mais satisfeito se nós soubermos como usar isso. — O homem que estava perto de Dak se agachou para pegar a faca de obsidiana. Ele apoiou um dos joelhos nas costas do viajante do tempo e encostou a faca em seu pescoço. — Vamos deixar tudo bem claro — ele disse para Sera. — Você me explica como a ferramenta funciona, ou corto seu amiguinho em pedaços.

— Vamos parar com essa história de “amiguinho” — disse Dak. — Além disso, a tal ferramenta nem funciona mais. Conta para ele, Sera.

Sera lançou um olhar apreensivo para ele.

— Como assim, você consertou? — perguntou Dak.

— Mais ou menos.

— Como você fez isso?!

— Silêncio! — ordenou o homem que mantinha Dak imobilizado. — Se não parar de falar, vou cortar você em pedacinhos só para ter um pouco de sossego. Agora, vai logo! — Ele fez um sinal para que Sera pegasse o Anel.

Sera se agachou lentamente, apanhando o aparelho de cima da grama.

— Em primeiro lugar — quis saber o homem —, o que é isso?

Mente para ele, pensou Dak. Invente alguma coisa. Diz que é um abridor de latas.

— É um dispositivo de viagem no tempo — respondeu Sera.

Dak afundou a cabeça na grama.

— Com ele você pode viajar para qualquer época — ela continuou. — Nós viemos do futuro.

O homem que mantinha Dak no chão olhou para o comparsa e falou:

— Está ouvindo? Vamos virar lendas em Calakmul!

— Yuknoom vai construir templos em nossa homenagem! — o outro respondeu.

Dak ergueu a cabeça. Sera estava mostrando o dispositivo para os dois. Kisa mantinha os olhos fechados, como se estivesse com dor.

— Como você faz para viajar para outra época? — perguntou o agressor de Dak.

— É bem simples — garantiu Sera. — É só programar...

— Hã, Sera? — interrompeu Dak. — Que tal uma explicação um pouco menos detalhada?

— Como eu ia dizendo — disse Sera, sem tirar os olhos do homem —, é só programar o ano

e a localização geográfica, e a máquina leva você até lá. Mas tem um porém.

— E qual é?

— A máquina só funciona se nós três — ela fez um gesto que incluía a si mesma, Dak e Kisa — estivermos em contato físico com ela. O dispositivo foi programado para obedecer apenas ao nosso DNA.

O homem atarracado olhou para o comparsa.

— O que é DNA?

Kisa começou a cantarolar de um jeito estranho, como se isso a distraísse da dor. E seus olhos continuavam fechados com força.

O outro deu de ombros.

— Quem se importa? Vamos levar a máquina e deixar que o rei cuide do resto.

— DNA — continuou Sera — é um ácido nucleico que contém o código genético específico de cada organismo. Resumindo, é um jeito de saber que eu sou eu e você é você. Não existem duas pessoas com o mesmo DNA. E a máquina, como eu expliquei, só vai funcionar se estiver em contato direto com o DNA de nós três.

— Essa menina é maluca — comentou o atarracado.

— Ah, eu não acho — disse o homem que estava sobre Dak. — Na verdade, ela me deu uma ideia. Se essa coisa precisa estar em contato com eles para funcionar, então é só cortar uma mão de cada um. Vamos levar para Calakmul o códice, a máquina e as três mãos.

— Genial! — concordou o outro.

O agressor posicionou a faca de obsidiana sobre o pulso de Dak e começou a serrar. Dak deu um grito.

— Dak! — Sera berrou.

O homem continuou serrando, e Dak estava imobilizado em uma posição tão desfavorável que não conseguia mexer membro nenhum.

De repente, o homem entrou em desespero.

— Não! Por favor!

Ele largou Dak e ficou de pé em um pulo. O outro homem também estava aos gritos.

Dak se virou para ver o que estava acontecendo. Ele viu serpentes enormes saindo da mata fechada, pondo a língua rapidamente para fora e para dentro.

Dak e Sera começaram a berrar também.

Kisa permaneceu deitada no chão, contorcida de dor.

E o mais estranho aconteceu logo em seguida. As serpentes passaram direto por Kisa. Pareciam determinadas a avançar sobre os homens, ignorando completamente o trio.

— É feitiçaria! — gritou o homem com a faca.

— Corre! — disse o outro.

Assim que os dois desapareceram em meio às árvores, as serpentes se dispersaram. Não dava para dizer se tinham ido atrás dos homens ou apenas continuado seu caminho.

Dak ficou de pé, segurando o pulso.

— Mas o que foi que aconteceu?

Sera apontou para Kisa, que também começava a sentar.

— Foi ela que salvou nossa vida?

Dak se virou para Kisa, que acariciava um pingente no pescoço.

— Às vezes, quando estou entediada, venho aqui e canto para elas. Mas isso nunca aconteceu antes.

Dak se virou para Sera.

— Ela é tipo um daqueles caras que tocam flautas para as cobras dançarem.

— Pode ser — respondeu Sera. — Ou então elas estavam só... migrando. As serpentes são animais migratórios?

— Vocês precisam encontrar Riq agora mesmo — avisou Kisa.

— Mas e você? — perguntou Dak.

— Tenho que ficar alguns minutos sozinha. Vou daqui a pouco.

Dak se virou para Sera e encolheu os ombros.

— Vamos lá — chamou Sera. — Acho que sei para onde Riq foi.



Pega ladrão

— CALMA, PESSOAL — pediu Itchik, com o peito ofegante. — Já estamos quase lá.

Riq, porém, percebeu que a respiração do rei de Izamal estava tão alterada e ruidosa quanto a de todos os outros. Eles haviam corrido vários quilômetros pela mata quente e úmida — saindo da aldeia pelo “caminho mais longo”, nas palavras de Itchik. Riq sentia o suor escorrer pelo rosto, salgando os lábios, fazendo os olhos arderem. Apesar de tudo, ele tentou seguir a ordem e respirar mais devagar.

A ideia era avançar por uma rota diferente daquela tomada pelos homens de Calakmul e pegá-los de frente. Assim que os primeiros oponentes surgissem na trilha, Riq entraria em ação. Seu papel no plano de Itchik era o mais perigoso, mas ele não hesitaria em colocá-lo em prática. Aquele era seu novo objetivo: ajudar o povo da aldeia de Kisa. Se para isso tivesse de colocar a própria vida em risco, era exatamente o que faria.

— Mantenham a tranquilidade — disse Itchik, recobrando o fôlego.

Enquanto esperavam, Riq começou a pensar em sua nova vida, no quanto ela seria diferente. Poucos dias antes, ele estava cem por cento comprometido com sua missão como Guardiã da História. Estava no seu sangue... e sempre estaria. Naquele momento, porém, ele estava deixando de lado a luta dos Guardiões da História. Sua lealdade seria apenas ao povo de Izamal. E a Kisa. Seu coração palpitava dentro do peito só de pensar em acordar naquela selva todos os dias pelo resto da vida.

Itchik se virou para Riq e perguntou:

— Está pronto, filho?

— Estou pronto, senhor — garantiu Riq.

— Lembre-se, é só jogar o códice para cima quando conseguir pôr as mãos nele. Huracan vai estar lá para pegá-lo.

— Sim, senhor.

Riq olhou para Huracan, que carregava o códice de ensaio, e os dois trocaram um aceno. O objeto estava dentro de uma bolsa de couro, que ele pendurou atravessada no peito.

Riq jogou a cabeça para trás quando ouviu vozes se aproximarem. Os homens de Calakmul vinham chegando. Ele se agachou e se preparou para partir em meio à folhagem espessa e ganhar a trilha. Itchik, porém, o segurou pelo cotovelo e sacudiu a cabeça, pedindo que esperasse.

Riq viu seis homens caminhando em uma formação cerrada. Mas nenhum deles estivera no templo com Pacal. Não havia nem sinal do códice.

— Eles disseram a verdade — Itchik sussurrou para os homens. — Vieram com reforços.

Depois que os homens passaram, Itchik continuou:

— Já vi essa tática antes. Eles mandam um grupo na frente, para reconhecer o terreno. Mais adiante vem um grupo intermediário, que deve estar com o códice. E depois um terceiro grupo, cobrindo a retaguarda. Precisamos agir rápido, homens, antes que o último grupo apareça.

Riq achou que o segundo grupo viria logo em seguida, mas teve que esperar. E quanto mais esperava, mais questionamentos surgiam em sua cabeça. E se ele não conseguisse arrancar o códice das mãos de quem o estivesse carregando? E se falhasse em sua primeira missão como membro da comunidade de Kisa? E se os homens que roubaram o códice tivessem seguido por outro caminho? Ele limpou o suor da testa e engoliu em seco. Caso houvesse mesmo um segundo grupo, por que estava demorando tanto?

Instantes depois, ele ouviu o som de gravetos sendo esmagados na mata logo atrás e se virou. O restante dos homens fez o mesmo, alguns deles brandindo as facas. Para surpresa de Riq, quem apareceu foi Sera... junto com Dak! Um dos guerreiros fez um sinal para eles ficarem calados.

Mesmo assim, Dak foi até Riq e se ajoelhou a seu lado.

— Você precisa vir com a gente — ele murmurou.

— Você já está andando por aí de novo? — Riq perguntou.

— Já estou fazendo muito mais que isso. — Dak se levantou, fez uma dancinha ridícula por uns cinco segundos e se agachou de novo. — Mas, falando sério, você precisa vir com a gente.

— Não dá — respondeu Riq.

Sera se inclinou sobre os dois e começou a cochichar em espanhol, obrigando os dispositivos de tradução a se reprogramarem e permitindo um momento de privacidade entre os três.

— Nós solucionamos o enigma, Riq. Precisamos levar o códice embora. E eu descobri qual é a segunda data. É 1562, nossa próxima parada!

Riq sacudiu a cabeça.

— Levar o códice por quê?

Itchik olhou feio para os três. Riq sabia que ele não estava entendendo a conversa, mas reconheceu o pedido de silêncio.

— Hã, para protegê-lo? — sussurrou Dak. — Sera me contou que uns caras tentaram roubar o códice. Nós dois achamos que é essa a Fratura que precisamos corrigir. E a gente tem que seguir em frente o quanto antes.

Riq olhou para Sera, que acenou com a cabeça, e depois se virou de novo para Dak, que insistiu:

— Vamos lá, cara, precisamos trabalhar em equipe.

— Se você não parar de me atormentar — ele sussurrou de volta —, nós nunca vamos recuperar o códice. Estamos esperando os ladrões passarem por aqui. Agora se manda. Xô!

— Entendi — disse Dak, esfregando as mãos. — Finalmente vamos ter um pouquinho de ação com os guerreiros maias.

Riq sacudiu a cabeça. Dak era muito mais fácil de lidar quando estava inconsciente.

— Olha só — murmurou Dak —, um de nós precisa pegar o códice, para podermos dar o fora daqui. Sera já deixou o Anel programado. A minha sugestão é a seguinte: vamos nos manter vivos para consertar outra Fratura. Esta época não foi nada fácil para mim.

Riq ficou olhando para Dak, tentando pensar na melhor maneira de contar que não iria a lugar nenhum. Porque, definitivamente, era preciso dizer isso o quanto antes.

— Eu queria falar uma coisa, Dak — ele começou. — Andei pensando muito nos últimos dias, e...

— Estava precisando mesmo — comentou Dak.

— Ha, ha. Muito engraçado. Enfim, é melhor contar logo de uma vez. Eu não vou mais continuar na...

Riq não conseguiu terminar a frase porque Itchik o agarrou pelo cotovelo e apontou para a trilha. Cinco homens subiam o morro — inclusive os dois que estiveram no templo mais cedo. Um deles carregava o códice debaixo do braço esquerdo.

Riq fez um gesto furioso para que Dak se afastasse.

Aquele era o momento.

Itchik o segurou pelo cotovelo até o último momento possível, e depois o empurrou de trás das árvores. A adrenalina tomou conta do corpo de Riq quando ele começou a descer morro abaixo, gritando para os homens de Calakmul:

— Me levem com vocês! Por favor! Eles vão me matar!

Os homens pararam onde estavam, surpresos.

Os três da frente sacaram suas facas.

Itchik e alguns de seus guerreiros foram atrás de Riq, gritando:

— Detenham esse garoto! Ele é um criminoso!

Riq passou pela primeira fileira de homens e se agarrou ao que segurava o códice.

— Por favor! — ele continuou a gritar. — Eles vão me matar!

— Tire as mãos dele! — alertaram os homens com as facas.

Um deles esfaqueou a bochecha de Dak, fazendo o sangue escorrer pelo rosto e o pescoço. Mas Riq não fez nada a respeito. Ele tinha um plano a executar. Ainda pedindo ajuda, arrancou o códice das mãos do homem e o jogou por cima do ombro.

Riq olhou para trás e viu Huracan apanhar o códice e fingir que entregava para Itchik. O rei de Izamal ergueu o códice de ensaio acima da cabeça e gritou:

— Homens, isso é de vocês! Peguem o códice de volta e mostrem para todo o império! Só o que eu peço em retribuição é que nos entreguem esse ladrão!

Os homens de Calakmul estavam ocupados agredindo Riq com socos e pontapés nas costas e na cabeça. Riq se encolheu e fechou os olhos. Ele ouviu Dak e Sera pedirem para os homens pararem, mas a surra só acabou quando Itchik interferiu e afastou todo mundo. Ele entregou o códice de ensaio e ajudou Riq a se levantar... mas logo em seguida lhe deu um murro no queixo.

Quando se deu conta, Riq estava de novo deitado de cara no chão, sem ao menos saber por que tinha caído.

— Prendam-no! — Itchik gritou para seus guerreiros.

Enquanto seus homens erguiam Riq pelos braços, o rei de Izamal anunciava:

— Esse rapaz foi pego saqueando cabanas logo depois da tempestade! Ele será punido em praça pública!

Riq ainda estava tonto por causa da surra, mas lúcido a ponto de vibrar em silêncio. O plano estava funcionando perfeitamente. Os homens de Calakmul recuaram. Huracan foi correndo para a aldeia com o códice verdadeiro. O homem que ficou com o falso deu uma rápida olhada nas folhas, mas não pareceu notar nenhuma diferença.

Itchik ordenou a seus homens:

— Podem levá-lo! Agora mesmo!

No entanto, antes que eles pudessem conduzir Riq de volta, um dos homens de Calakmul falou:

— Por que não acabam com ele aqui mesmo? Não é isso que os ladrões merecem?

— É, acabem com ele agora! — outro homem gritou. — Para a gente poder assistir!

— Não! — alguém gritou.

Riq viu Kisa emergir do meio da vegetação e aparecer na trilha.

— Ele não roubou nada! — ela berrou, empurrando um dos homens que seguravam Riq. O homem caiu na risada, sem soltar seu prisioneiro nem por um instante.

— Está tudo bem — Riq disse baixinho para Kisa.

Kisa o ignorou e começou a gritar com Itchik:

— Ele não roubou nada! Isso é tudo mentira!

Muitos dos homens de Calakmul estavam rindo. O que significava, concluiu Riq, que não queriam mais derramar seu sangue ali mesmo. Itchik respondeu aos apelos de Kisa:

— Vamos resolver tudo isso na aldeia. O julgamento dos roubos será feito hoje à noite, com a bênção dos deuses — ele explicou antes de se virar para os visitantes e dizer: — Homens, agradeço pela captura do prisioneiro. Mandem meus cumprimentos a Yuknoom, o Grande.

Os homens balançaram a cabeça, e um deles falou:

— Dois dos nossos homens estão desaparecidos. Se vocês encontrarem aqueles imbecis...

— Podem julgá-los também, sob a bênção dos deuses — concluiu outro.

O primeiro continuou:

— ... digam que já estamos a caminho da aldeia vizinha.

— Claro — garantiu Itchik.

Riq não conseguia acreditar no que estava vendo. Os homens de Calakmul deram meia-volta e seguiram viagem pela trilha na selva. O plano tinha funcionado. Os guerreiros de Itchik se cumprimentaram em silêncio, e Riq levou a mão ao rosto ferido.

— Kisa — o rei falou, sorrindo de orelha a orelha. — Acho que nunca vou entender como você consegue captar as coisas no ar dessa maneira.

— Você sabia que era tudo uma armação? — perguntou Riq.

Kisa fez que sim com a cabeça.

— Eu sei que Itchik jamais agrediria uma pessoa desarmada. Só podia ser encenação.

Riq viu que ela estava segurando uma corrente de metal com um pingente.

— Pois é, sinto muito pelo soco — disse Itchik. — Você fez um grande sacrifício pelo nosso povo, filho.

Riq sentiu um tremendo orgulho de si mesmo enquanto observava Itchik se juntar a seus homens, mas Kisa parecia preocupada.

— O que foi? — ele perguntou.

— Você não pode ficar aqui — ela afirmou.

— Como assim? Pensei que já estivesse tudo combinado.

— Mudei de ideia. É melhor você ir embora.

Riq sentiu o corpo inteiro ficar paralisado.

— Não entendo — ele insistiu. — Você mesma disse que...

— O que importa é o que estou dizendo agora — ela argumentou, bem séria. — Por favor, Riq, vá embora.

Dak e Sera passaram por entre os homens e chegaram até ele.

— Uau! — comentou Dak. — Você apanhou feio mesmo!

— Você está bem? — Sera quis saber. — A gente queria ajudar, mas os homens escondidos na mata explicaram que fazia parte do plano. Você entrou nessa por vontade própria?

Riq confirmou com a cabeça, mas na verdade mal tinha ouvido as palavras de Sera. Ele ainda estava transtornado com o discurso de Kisa, perguntando a si mesmo o que poderia ter feito com que mudasse de ideia. Por que ela não queria mais que ele ficasse?

— Precisamos partir agora mesmo — falou Dak. — Eles disseram que pode ter mais um grupo vindo aí, e prefiro não arriscar.

Sera estava ajoelhada, remexendo na bolsa onde guardava o Anel. Ela sacou o dispositivo e o ligou.

Riq olhou para Kisa. Ele decidiu ficar de qualquer forma. Com o tempo, ela se acostumaria com a ideia.

— Dak, Sera — ele começou. — Para mim é difícil demais dizer isso...

— Vocês pegaram tudo de que precisam? — interrompeu Kisa, já se preparando para ir embora.

— Acho que sim — disse Dak, se virando para Riq. — Sera e eu mudamos de ideia e achamos melhor o códice ficar aqui, sob a proteção de Kisa e Pacal. Não é, Sera? Nossa missão deveria ser só impedir que ele caísse nas mãos erradas, certo?

— Com certeza — garantiu Sera, desviando os olhos do Anel. — E só conseguimos graças a você, Riq.

— De verdade — comentou Dak. — Ótimo trabalho, cara.

Riq se preparou mais uma vez para dizer que sua intenção era ficar, porém nesse momento percebeu o olhar no rosto de Kisa. Era como se de repente eles não tivessem mais nada em comum. E logo depois os homens de Itchik começaram a apontar para a trilha, de onde vinha um terceiro grupo de homens de Calakmul. Eram pelo menos quinze, marchando em formação, a pouco menos de vinte metros de distância.

— Vamos lá! — Dak gritou para Sera. — Precisamos ir agora mesmo!

— Estou tentando! — ela berrou de volta.

Itchik e seus homens estavam recuando de volta para a mata. Riq agarrou Kisa pelo braço antes que ela se fosse e perguntou:

— Você quer mesmo que eu vá embora?

Ela o encarou com toda a firmeza e respondeu:

— Sim.

Em seguida entregou a ele o pingente. Riq olhou para a serpente entalhada nele. Depois olhou de novo para Kisa, sentindo um aperto no coração.

— Mas eu pensei que...

— Pensou errado — ela interrompeu.

Ele a deixou partir e ficou olhando enquanto ela desaparecia na mata. Não havia mais nada a fazer.

— Parados aí! — um dos homens de Calakmul gritou para Riq, Dak e Sera.

Riq se virou e viu os homens correndo em sua direção.

— Agora, Sera! — disse Dak.

— Pronto! — ela respondeu. — Podem vir!

Não sem alguma relutância, Riq segurou o anel, olhando para a árvore atrás da qual Kisa estava agachada. Seu rosto ardia e suas costas e costelas latejavam, mas nada se comparava à dor que ele sentia por dentro. Alguma coisa tinha mudado em Kisa. A presença dele não era mais bem-vinda ali.

Os homens estavam a menos de dez metros de distância quando Sera gritou:

— Lá vamos nós!

O Anel começou a brilhar, e Riq foi surpreendido de tal maneira pela pressão que se impôs sobre seu corpo que acidentalmente deixou o pingente cair no chão.

— Espera aí! — ele berrou, agachando-se para apanhá-lo de volta, mas antes que pudesse fazer isso a cauda de metal da serpente desapareceu na escuridão e fugiu de seu alcance para sempre.

O que Sera viu

SERA É SUGADA DE VOLTA DIRETAMENTE para suas lembranças do Cataclismo.

Ela está novamente no pequeno bote motorizado, percorrendo as esquinas da cidade. E gritando, implorando para que tudo aquilo acabasse. Os incêndios. A inundação. A chuva ácida que caía com toda a força. Os tremores violentos de terra.

Sera é obrigada a percorrer vários quilômetros em um cenário de destruição até se afastar da cidade e chegar à rua em que passou sua infância. Ela desliga o motor ao se aproximar de sua casa, mergulha na água e vai nadando em direção à porta. Quando estende a mão trêmula para girar a maçaneta, parte dela espera ser puxada para longe dali, ou então acordar daquela lembrança, como aconteceu todas as outras vezes em que tentou acessar suas memórias do Cataclismo.

Mas desta vez a visão segue em frente.

Ela vê a si mesma acionando lentamente o mecanismo da fechadura, empurrando a porta e entrando na única casa em que morou na vida.

— Tio Diego! — ela chama.

Nenhuma resposta.

Sera entra na sala de estar, deixando a porta aberta atrás de si. O chão de madeira está coberto por mais de meio metro de água suja. Muitos dos pertences de seu tio estão submersos ou boiando: livros, documentos, porta-retratos, velas, jornais, revistas, vasos. A maioria dos móveis está revirada. Falta uma perna da mesa de jantar. A tevê está caída, com a tela quebrada. O espelho sob o relógio está torto e estilhaçado. Parece que o lugar foi revirado em busca de algo, mas o quê?

A cozinha está ainda pior. A geladeira está aberta e quase vazia, a porta, arrancada do batente. Os armários estão cheios de pratos e copos quebrados. Sera sente um frio na barriga ao ver o porta-facas vazio. Os garfos e as colheres ainda estão nas gavetas, mas as facas sumiram. Onde podem estar?

— Tio Diego! — ela chama de novo.

Nada.

Sera sai da cozinha, mas logo em seguida solta um grito. Parado na escada, ela vê um homem magérrimo usando a capa de chuva de seu tio. Com cabelos longos e despenteados, a barba por fazer. Olhos arregalados. Quase um cadáver ambulante.

O coração de Sera está quase na boca quando ela pergunta:

— Quem é você?

Em vez de responder, o homem desce o restante dos degraus e sai chapinhando pela água na direção da sala.

— Parado aí! — Sera grita, mas ele já está saindo porta afora.

Ela começa a subir a escada inundada, seu corpo dominado pelo medo. E se alguma coisa tiver acontecido com seu tio? Ela vai até o próprio quarto primeiro. Alguns objetos estão espalhados pelo chão. Fora isso, está da maneira como ela havia deixado. Ela segue até o quarto do tio e estende a mão para girar a maçaneta, preparando-se para o pior.

Ela empurra a porta devagar e olha à sua volta.

Um saco de dormir está estendido no meio do quarto. Há uma pilha de lixo em um canto. Nada de extraordinário — aquele homem devia estar morando lá. Mas por quanto tempo? E onde estava o tio dela?

Sera de repente se dá conta de algo.

Ela precisa ir até o celeiro.



A água já está batendo na cintura de Sera quando ela chega à porta do celeiro. Ela precisa manter as pernas afastadas e curvar o corpo para não ser levada pela correnteza. Antes de abrir a porta alta e pesada, ela relembra todas as Reminiscências que teve ao longo dos anos, muitas das quais envolvendo aquele celeiro. Ela sempre soube que aquele lugar era importante. Mas está com medo de descobrir por quê.

Sera se esforça para abrir a porta e, assim que consegue afastá-la um pouco, enfia a cabeça para dentro e vê um corpo flutuando na água.

Ela imediatamente cai de joelhos, aos prantos.

Seu tio Diego.

A única família que ela já teve.

Com o rosto estranhamente contorcido, os olhos arregalados.

Ela leva as mãos ao rosto, mas logo em seguida dá um tapa na água e se levanta. Além de seu tio há mais quatro corpos, boiando com a cabeça enfiada na água.

Ela vai até eles, soluçando e ofegando, com o rosto banhado em lágrimas. Com a mão direita toda trêmula, segura o braço frio do cadáver e o vira de barriga para cima. Era um rosto que ela nunca tinha visto antes. Ao mesmo tempo, porém, parecia estranhamente familiar. Ela desvira também o corpo da mulher ao lado, e tem a mesma sensação. Não consegue descobrir de onde vem aquela familiaridade. Mas é uma impressão fortíssima.

Quando reconhece os outros dois corpos, Sera cai de joelhos de novo, estapeando a água e gritando:

— Não! Por favor!

São os pais de Dak.

Sera esconde o rosto entre as mãos e chora com tanta intensidade que sua garganta começa a

emitir ruídos animais, e ela mal consegue respirar.

Neste momento, um pensamento aterrador passa por sua mente, e ela examina os dois outros corpos de novo. Observa bem o rosto dos dois. E depois os pais de Dak, e mais uma vez seu tio. As feições dos desconhecidos são estranhamente parecidas com as suas.

— Não — ela murmura, voltando a analisar o homem, a forma dos olhos e da boca. — Não.

Ela enfia a mão no bolso da calça dele e encontra sua carteira, onde há um documento com o nome Daniel Froste.

O nome do pai dela.

Sera continua olhando para o homem sem conseguir chorar nem respirar, e depois passa para a mulher. Sua mãe. Em seguida, ergue a cabeça para o teto e grita com tanta força que seus ouvidos continuam zumbindo um bom tempo, mesmo depois de ela fechar a boca.

Os pais que Sera nunca conheceu tinham voltado para ela.

E agora estão mortos.

Ela agarra os próprios cabelos e afunda a cabeça dentro da água, encostando o lado direito do rosto no chão lamacento. Fica nessa posição até seus pulmões começarem a arder e seus pensamentos perderem consistência e se desfazerem. Chega um momento em que a dor no peito se torna insuportável.

Mesmo assim, Sera se recusa a se levantar, e nesse instante a visão se dissipa e ela se vê totalmente perdida.

Mil anos depois

SERA ABRIU OS OLHOS, tremendo descontroladamente.

Depois de ter acesso às memórias reprimidas do Cataclismo, seu corpo não parecia mais o mesmo. Era como se sua existência fosse surreal. Artificial. Não havia dúvidas de que ela estava sentada sobre o chão de terra diante de uma construção enorme; ainda assim, tinha a sensação de estar flutuando. Rumo ao céu. Em direção ao nada.

Todo mundo ia morrer.

Inclusive os pais com quem ela sempre sonhara. Eles morreriam tentando voltar para Sera. Ela os encontraria no celeiro da casa do tio.

Suas Reminiscências nunca mais teriam o mesmo significado.

Ela se virou e viu Dak e Riq olhando ao redor, observando o novo ambiente, que não era exatamente uma novidade, e sim uma atualização do anterior. Eles apareceram no mesmo lugar da última viagem no tempo. No território maia. Izamal. Em um campo com mato alto e espesso. A única diferença era que, onde antes jaziam as ruínas do antigo observatório, havia um outro, novinho, com o dobro do tamanho do original. Itchik tinha cumprido sua promessa. Além disso, o templo onde Sera observou Pacal desenhar uma mafumeira no códice havia sido transformado em uma igreja.

A julgar pela posição do sol, já era fim de tarde. As pessoas que passavam pela trilha branca eram uma mistura de maias tradicionais e europeus vestidos em trajes religiosos. Sera soube imediatamente que eram os frades franciscanos sobre os quais tinha lido, que se instalaram nas aldeias maias e tentaram converter o povo nativo a suas crenças.

— Desta vez não vou dizer nada — Dak anunciou de repente.

Sera viu que Dak a encarava. Pobre Dak. Seu melhor amigo não fazia ideia do que ela tinha encontrado no celeiro do tio Diego.

— Não — Dak continuou, sacudindo a cabeça. — Eu me recuso inclusive a comentar que o seu rosto está cheio de lágrimas. Nada disso. A minha boca é um túmulo.

Sera não tinha coragem de contar a respeito dos pais dele. Era triste demais. E ainda faltava muito tempo. Por outro lado, Dak estava preocupadíssimo com o fato de seus pais estarem perdidos. Não seria bom se ele soubesse que eles conseguiriam voltar?

Ela olhou bem para Dak, tentando decidir se ele deveria saber a verdade ou continuar vivendo na alegria da ignorância.

— Sabe por que não vou falar nada? — disse Dak. — Porque não é da minha conta. Quem sou eu para dizer que você está soluçando que nem um bêbado na chuva?

— Foi só a viagem no tempo, de novo — Sera conseguiu dizer.

Dak jogou as mãos para o alto.

— Opa, não precisa se justificar, Sera. Daqui para a frente não vou mais me meter no seu ataque de nervos. — Ele se virou para Riq e falou: — E estou vendo que o namorador aqui decidiu adotar a mesma estratégia.

Riq sequer olhou para ele.

— Uau — comentou Dak, e se virou para Sera. — Qual é a de vocês dois? Até onde eu sei, não foram vocês que quase morreram com a cabeça esmagada por uma parede de pedra.

Sera tentou pensar em algo divertido para dizer, pelo menos para fingir que estava tudo normal, mas sua mente meio que parou de funcionar. Toda vez que olhava para Dak, ela se lembrava dos corpos dos pais dele. E isso a lembrava do rosto de seus próprios pais. E do tio Diego.

Dak pegou o SQuare da bolsa de Riq, sacudindo a cabeça, e ligou o aparelho.

— Ninguém mais tem senso de humor por aqui — ele comentou, enquanto digitava alguma coisa. — O que estamos fazendo não é nada fácil. Eu sei disso muito bem. Mas precisamos manter a calma, certo? Quer dizer, estamos fazendo uma coisa importante. — Ele olhou para Sera. — Nossa missão é salvar o mundo!

Sera enxugou as lágrimas na manga do *huipil* e respondeu:

— A gente sabe disso, Dak. Vê se dá um tempo.

Dak apontou para Riq com o polegar e falou:

— Eu vi o que aconteceu com nosso amigo aqui. A namorada dele, ou o que quer que fosse, deu um presentinho de despedida, um pingente, sei lá, e ele deixou cair. Não foi isso, Riq?

Riq se virou para Dak, franzindo a testa.

Dak nem percebeu, obviamente.

— É por isso que eu sempre vou dizer para os meus amigos fugirem desse tipo de encrenca, cara. Quer um conselho? Se você tem *mesmo* que interagir com o sexo oposto, escolha alguém que possa ser tratado como um dos caras. Tipo a Sera.

Ele a cutucou com um dos pés.

— Uau — comentou Sera. — Você é tão... fofo.

Se Sera não tivesse acabado de lembrar que encontrara seus pais boiando na enchente do Cataclismo, teria dado um chute nas costelas de Dak.

Riq se levantou de repente e saiu andando sem falar nada.

— Ei! — Dak gritou. — Você não pode ir embora assim! Já vai escurecer! A gente não pode se separar.

Riq seguiu em frente sem olhar para trás.

— Riq! — Sera chamou, mas ele já tinha contornado a parede do laboratório e desaparecido. Ela se virou para Dak. — Está contente agora?

— Foi alguma coisa que eu falei?

Sera revirou os olhos.

— Quando *não é* por causa de alguma coisa que você falou?

— Eu só estava oferecendo um conselho amoroso para o cara! — Dak sacudiu a cabeça. — Tem gente que é sensível demais.

— É melhor a gente ir atrás dele — Sera falou. Ela levantou e olhou ao redor para tentar se localizar. Era estranho ver o quanto as coisas tinham mudado. O estilo diferente das cabanas, as novas árvores, o calçamento das ruas. Ao mesmo tempo, porém, tudo parecia bem familiar.

— Tudo bem — concordou Dak. — Mas antes vamos ver esse novo enigma que eu acessei.

Dak virou o SQuare para que Sera pudesse ler:

Para salvar a reprodução da verdade do
tesouro, façam o seguinte:
Procurem a ajuda daqueles que seguem “a
coisa mais importante do mundo”
Depois cavem fundo, cada vez mais
fundo, destrancando uma porta há muito
trancada
Será preciso um poliglota para
compreender a sabedoria dos glifos e a
fabricação da maldição

Sera leu a mensagem duas vezes, deu um passo para trás e sacudiu a cabeça.

— Não entendi.

— Nem eu.

Ela não ficou surpresa com fato de que o nível de dificuldade dos enigmas estava aumentando. Ela sabia que os Guardiões da História não tiveram tempo de fazer uma programação completa no SQuare. As coisas estavam ficando cada vez mais vagas. Quanto mais eles avançassem na correção das Fraturas, menos informações teriam.

— O que pode ser “a coisa mais importante do mundo”? — Dak perguntou.

Sera balançou a cabeça.

— Não faço ideia.

— Parece ser uma continuação do enigma anterior — comentou Dak. — Os dois falam de um tesouro e de uma maldição.

— O tesouro é o códice — afirmou Sera. — Isso nós sabemos.

— E a maldição é o Cataclismo descrito nele.

Sera encarou Dak por um longo instante.

— Pacal disse que não tem Cataclismo nenhum no códice.

— Sério?

Sera fez que sim com a cabeça, tentando esquecer o que ela própria sabia sobre o Cataclismo.

— E o que é essa tal “reprodução” mencionada no enigma? — perguntou Dak. — Será que a gente devia ter trazido o códice de Pacal com a gente?

Sera não estava mais conseguindo se concentrar. Quando bateu os olhos nas palavras

“destrancando uma porta há muito trancada”, ela começou a reviver mentalmente o Cataclismo. O celeiro alagado. Os corpos que ela teve de virar com as próprias mãos.

— E “poliglota” tem a ver com saber várias línguas, né? — perguntou Dak.

— Acho que é — concordou Sera. — Mas eu conheço alguém que tem certeza. A gente precisa encontrar o Riq. E fazer tudo isso juntos. O que significa que você vai precisar pegar leve com ele por uns tempos.

— Acho que você tem razão — concordou Dak, e se levantou. Ele olhou para Sera. — Mas, sabe, eu realmente vi ele derrubar uma joia que a menina das serpentes deu.

Sera já tinha notado a maneira como Riq olhava para Kisa. Aquela despedida não devia ter sido fácil para ele.

— Você perdeu algumas coisas quando ficou inconsciente na caverna — ela disse.

— Imaginei.

Quando eles contornaram a parede do observatório, seguindo o caminho tomado por Riq, Sera quase trombou com um adolescente que passava por lá. Não era Riq, e sim um garoto maia que carregava uma bolsa enorme no ombro esquerdo e usava uma roupa parecida com a de Dak.

— Desculpa — ele falou.

— Tudo bem — ela respondeu, sentindo que seu dispositivo de tradução estava tendo dificuldades para acertar na pronúncia do dialeto.

Ele ajustou a bolsa no ombro e disse:

— Bom, tenham uma boa noite.

Ele fez menção de ir embora, mas se virou e ficou olhando para Sera e Dak por alguns segundos, observando a maneira como estavam vestidos, e então recomeçou a falar:

— Eu e uns amigos vamos nos encontrar na caverna daqui a pouco. Se vocês estiverem interessados nas práticas antigas...

— Talvez a gente vá — respondeu Dak.

O garoto tomou o caminho que levava para fora da aldeia, até a caverna no alto do morro. Dak cutucou o ombro de Sera e falou:

— Um monte de maias indo para uma caverna. Não foi exatamente assim que tudo começou da outra vez?

— Pois é — concordou Sera. Mas por algum motivo ela achava que, em 1562, a caverna tinha uma função bem diferente.

Isso é o que somos

A VIAGEM NO TEMPO, que parecia fazer tão mal aos outros, teve um efeito quase terapêutico para Dak. Ele mal conseguia acreditar em quão bem estava se sentindo quando saiu com Sera pela aldeia atrás de Riq. Poucos dias antes — na verdade, alguns dias e mais um milênio —, uma parede de pedra havia desabado sobre sua cabeça. Quantas pessoas poderiam dizer que tiveram essa experiência? Uma parede de pedra, literalmente? Pouquíssima gente, com certeza. E Dak já estava perambulando por toda parte como se não tivesse sido nada. Era um feito digno de super-herói, ele precisava admitir.

— Estou de volta, baby — ele murmurou consigo mesmo.

E estar de volta significava corrigir as Fraturas e salvar o mundo — e no fim ainda esperar por um caloroso reencontro com seus pais, que seria mostrado ao vivo em algum programa de auditório da televisão. E, não, ele não apareceria de tanga em rede nacional.

— Não estou vendo Riq em lugar nenhum — Sera comentou quando eles seguiram para um canto mais afastado da aldeia, a cerca de cem metros do observatório.

Dak parou e olhou ao redor. As cabanas agora eram mais modernas, e um pouco maiores. Além disso, eram mais próximas umas das outras. Ele se virou para Sera.

— Cara, a gente precisa pensar como ele. Para onde você iria se estivesse apaixonada por uma encantadora de serpentes que morreu há uns mil anos?

Sera lhe lançou um olhar de censura.

— Que foi? — questionou Dak. — Só estou tentando me colocar no lugar do desaparecido.

— Não tem graça nenhuma.

Sera começou a andar de novo.

— Você tem que admitir... — continuou Dak, caminhando atrás dela. — O que ela fez com as serpentes foi muito louco.

Sera apanhou uma pedra e a atirou no caminho na frente deles.

— Só sei que tivemos sorte de sair de lá vivos.

— Isso é verdade.

Dak viu mais um grupinho de maias passar apressado com bolsas nos ombros — todos eles se viraram para olhá-los, como se os dois estivessem fazendo alguma coisa suspeita. Foi quando Dak parou para pensar no quanto a vida daquele povo havia mudado depois da chegada dos espanhóis. Por outro lado, uma coisa era certa: Dak não enxergava mais os maias

como pessoas indignas de confiança. A história não tinha sido nem um pouco justa com eles — o que o levou a imaginar: sobre o que mais os livros de história poderiam estar errados?

— O que você acha que essa escultura simboliza? — perguntou Sera, apontando para uma estátua diante de um muro de pedra que cercava um pequeno conjunto de cabanas. Parecia um rosto parcialmente coberto por uma rede ou por escamas. — Já vi em um monte de lugares.

— Eu também — disse Dak. — Meu palpite é que ela diz: “Em homenagem a Dak Smyth, nosso eterno herói”.

— É, deve ser isso mesmo — ironizou Sera.

— Porque, como você lembra, eu salvei aquela garotinha e tal. Você viu as flores que o pessoal deixou para mim, né?

Sera revirou os olhos.

Mais um grupo de maias, um pouco maior que o anterior, passou por eles.

— Com licença — Sera falou para a jovem que fechava a fila. Ela apontou para a escultura. — Você sabe o que isso significa?

— Claro — disse a moça, voltando alguns passos para falar com Sera. — É o símbolo secreto da amizade.

— Símbolo secreto da amizade? — repetiu Dak. — Que estranho. Se é tão secreto assim, por que está em todo lugar?

A moça mediu Dak de cima a baixo. Ela claramente não tinha notado a presença dele quando parou para falar com Sera.

— Sinto muito, mas estou com um pouco de pressa — ela explicou, virou as costas e correu alguns passos para alcançar o grupo.

Dak encarou Sera.

— Deu para ver que ela ficou intimidada com meu físico imponente.

— Vai ver foi isso mesmo — Sera disse. — Por que você não deixa eu falar com as pessoas daqui para a frente?

Dak encolheu os ombros. Ele era obrigado a admitir que Sera tinha uma capacidade muito maior que a dele de se misturar com os nativos por ali.

— Fique à vontade. Bom, parece que tem um montão de gente indo para a caverna. Você está pensando o mesmo que eu?

— O quê?

— Que a gente deveria ir até lá ver o que está acontecendo.

Sera pôs as mãos na cintura e desviou os olhos de Dak por alguns instantes. Ele viu que ela estava observando dois frades franciscanos que caminhavam lado a lado com suas largas batinas.

— Nós não podemos deixar Riq sozinho.

— E não vamos — justificou Dak. — Só estamos interrompendo momentaneamente as buscas. Além disso, a missão não é mais importante que as pessoas envolvidas? É isso que o Riq sempre diz. Só porque ele resolveu se esconder em algum lugar para chorar pela Medusa dele não quer dizer que a gente precisa esquecer nosso trabalho.

Sera o encarou com uma expressão de tristeza no rosto. Como se sentisse pena dele. Não era

a primeira vez que Dak reparava nisso. Ele não estava entendendo nada. Por que Sera sentiria dó dele? Por causa de seus pais? De fato, era muito azar eles terem se perdido na corrente do tempo, mas eles ainda iam se reencontrar. E enquanto isso Dak estava ocupado vivenciando a história e fazendo as correções necessárias em seu curso.

— Escuta — Dak falou, desviando os olhos —, prometo que a gente volta rapidinho. A não ser que você queira ficar para falar com aqueles caras ali — ele completou, apontando para os frades.

— Tudo bem — concordou Sera. — Vamos até lá ver e depois voltamos para encontrar o Riq.

Dak deu alguns socos no ar e acenou para que Sera o seguisse. Ele não sabia o que esperar do encontro secreto dos maias, mas achava que era algo que valeria a pena testemunhar.



Dak e Sera escalaram as rochas na frente da caverna e entraram. O odor de musgo no lugar imediatamente despertou lembranças em Dak. Ele se lembrou de ter acordado em um leito improvisado e ter visto um homem coberto de penas queimando ervas sobre seu peito. E também dos lábios de Sera se movendo, dizendo palavras que ele não conseguia ouvir. Mas, acima de tudo, ele se lembrou das estranhas visões que teve enquanto se recuperava. Como se estivesse preso em um poço. Ou então em um túnel apertado que parecia não ter fim. A mais estranha delas, porém, era uma em que Sera vinha até ele e dizia que Itchik era pai dela.

Dak deu uma espiada em Sera, que observava atentamente a concentração de dezenas de maias dentro da caverna. Ele desconfiava que, se Sera traçasse sua árvore genealógica até aquele tempo, encontraria familiares ali na aldeia.

— Muito bem, meu querido povo — um jovem Maia exclamou de repente. — Cheguem mais perto, por favor.

Os presentes foram mais para dentro da caverna, alguns carregando velas, máscaras e alimentos.

Sera conduziu Dak e os dois se esconderam atrás de uma estátua de calcário.

— Vamos escutar uns minutinhos — ela murmurou —, mas depois precisamos voltar para procurar Riq.

— Certo — Dak cochichou de volta.

— Como vocês sabem — continuou o rapaz —, estão circulando boatos de que Diego de Landa vai impor castigos físicos a quem for flagrado prestando homenagens aos espíritos de nossos ancestrais. Começamos a nos encontrar nas cavernas porque os frades acreditam que elas são amaldiçoadas. Isso nos dá uma certa segurança. Aos novatos, informo que vocês hoje estão se juntando a nós em nome de Ah Mun, Chan K'uh, Chaac, K'inich Ajaw e muitos outros. Para honrá-los da maneira tradicional. Porque isso é o que somos, certo?

Dak viu que todos concordaram com a cabeça e repetiram:

— Isso é o que somos.

Ele nunca tinha visto nada do tipo.

— Ótimo — disse o rapaz. — Agora peguem o que trouxeram e vamos começar.

Todos os que traziam bolsas tiraram lá de dentro algum tipo de artefato. Dak viu códices, máscaras, estatuetas, roupas típicas, cocares, incensos e tapeçarias.

— Eles podem até mudar nossas crenças lá fora — falou o rapaz, apontando para a entrada da caverna —, mas nunca vão mexer no que acreditamos aqui dentro — ele concluiu, batendo com o polegar no peito várias vezes e repetindo: — Aqui dentro nunca.

Sem que nenhuma ordem fosse dada, os maias começaram a cantar e dançar. Alguns puseram máscaras no rosto e fizeram reverências para as pessoas ao redor.

Dak se virou para Sera e sussurrou:

— Você ouviu o que ele disse que está acontecendo? Diego de Landa é um frade franciscano conhecido por ter visitado até mesmo as aldeias maias mais remotas e tentado converter os povos nativos ao cristianismo. De acordo com várias fontes, ele foi a figura mais influente na supressão da cultura dos...

— Quietos, Dak — interrompeu Sera. — Fica em silêncio. Quem sabe assim você não aprende alguma coisa?

Dak abriu um sorriso.

— Olha só quem aprendeu a admirar a cultura maia — ele comentou.

Eles se viraram rápido ao ouvir vozes vindas da entrada da caverna. Dak viu cinco grandalhões, vestidos de maneira bem distinta dos maias, espiando a cerimônia, sem parecer notar a presença dos dois atrás da estátua. Um dos homens apontou para os maias e balançou a cabeça, e então todos entraram juntos na caverna.

Dak abaixou a cabeça de Sera e se agachou bem para que eles não fossem vistos.

Um dos espanhóis gritou para os maias:

— Todos vocês, venham conosco. Não adianta tentarem fugir.

Os cinco sacaram suas bestas e mosquetes.

O canto e a dança cessaram imediatamente.

Muitos maias ergueram as mãos em sinal de rendição pacífica, enquanto outros saíram correndo na direção da entrada da caverna, empurrando e derrubando os espanhóis que estavam em seu caminho. Um jovem maia levou uma flechada nas costas. Ele ficou de pé e deu mais alguns passos cambaleantes, porém desabou logo em seguida.

Os maias já rendidos prenderam a respiração ao ver seu companheiro inerte no chão.

Sera fez menção de socorrê-lo, mas Dak a agarrou pelo braço e a puxou de volta para trás.

— Eles não podem saber que estamos aqui — ele sussurrou em um tom mais alto.

Sera voltou seus olhos cheios de lágrimas para Dak, mas não disse nada.

— Vamos facilitar as coisas, pessoal — pediu um dos espanhóis. — Não queremos que mais ninguém se machuque.

Os maias foram acorrentados uns aos outros e conduzidos, com a cabeça baixa, para fora da caverna. A injustiça da situação provocou um nó no estômago de Dak. Eles só estavam celebrando a própria história. Isso Dak era capaz de entender perfeitamente — a história significava tudo para ele também. E se alguém atirasse nele só por estudar o segundo Império Romano?

Ele viu um dos espanhóis empurrar os últimos maias para fora da caverna, e então não havia mais ninguém por ali. Eles foram deixados para trás, junto com o cadáver.

— Ele foi assassinado! — gritou Sera, saindo de trás da escultura de calcário. — E nós não fizemos nada!

— O que a gente poderia ter feito? — questionou Dak.

Sera se ajoelhou ao lado do homem caído e fechou suas pálpebras.

— E por quê? — ela falou, com a voz embargada. — Pelo que ele morreu?

Dak se ajoelhou ao lado dela.

— Isso não é justo — ele falou. — Talvez seja por isso que a gente esteja aqui, Sera. Para impedir que os maias continuem sendo tratados desse jeito. Ou então para mudar o jeito como eles vão ser vistos pelas gerações futuras.

Sera não disse nada. Ela se limitou a olhar para o jovem maia e sacudir a cabeça.

Dak caminhou para o fundo da caverna, apanhou uma das máscaras coloridas e a observou atentamente. Depois se ajoelhou e recolheu vários códices que estavam espalhados pelo chão. Nenhum deles tinha o desenho de uma mafumeira. Ele foi até uma caixa de madeira cheia de máscaras menores, estatuetas e joias que pareciam artesanais. Ele pegou um pincel, uma cerâmica colorida e um antigo pingente parecido com o que Kisa tentou dar para Riq. Encontrou ainda diversos instrumentos de barro que pareciam tambores e flautas.

— Me larga! — Sera gritou de repente.

Dak se virou e viu que um espanhol grandalhão estava algemando as mãos dela atrás do corpo. O homem olhou para Dak e falou:

— Vamos, garoto. Você não vai querer piorar ainda mais as coisas.

Sera tentou escapar do homem, mas ele a acertou com uma cotovelada na nuca e apertou as algemas.

— Não encosta nela! — gritou Dak

— Então venha já para cá! — o homem berrou de volta.

Dak remexeu na caixa, procurando o pingente. Quando o encontrou, ele o guardou na tanga e ficou de pé.

O espanhol empurrava Sera em sua direção, já preparando outro par de algemas.

Sabedoria na prisão

— ENTREM AÍ! — gritou um guarda espanhol, empurrando Sera e Dak para uma cela onde já havia dezenas de outros maias, muitos dos quais ela reconheceu da cerimônia na caverna.

— Você matou meu irmão! — berrou uma menina maia, correndo na direção da porta aberta.

— Eu, não — respondeu o homem, abrindo um sorriso. — Talvez um dos meus colegas.

Outro guarda usou um porrete para obrigar a menina a se afastar.

— O irmão De Landa avisou que não era mais para praticar essa feitiçaria de vocês. Mas alguém escutou? Não! — Ele bateu e trancou a porta, depois gritou pela portinhola de vigia:

— Quem escolhe o caminho do diabo precisa pagar o preço!

Os guardas foram embora, e o jovem líder maia da caverna amparou a menina que estava aos prantos e a conduziu até um banco que havia na cela. Ele afastou as pessoas sentadas lá e fez a menina se deitar, depois se ajoelhou, agarrou suas mãos e começou a falar com ela tão baixinho que Sera não conseguiu ouvir.

Sera observou o ambiente ao redor. A cela ficava um pouco abaixo do nível do chão. Havia janelas com grades em três das paredes, mas acima da linha de visão dos prisioneiros, o que significava que ela só conseguia ver parcialmente o céu, que já estava escurecendo.

Um homem mais velho se aproximou de Dak e Sera e parou diante deles com os braços cruzados.

— Qual é a coisa mais importante do mundo? — ele perguntou.

— Quê? — surpreendeu-se Dak. Ele se virou para Sera e falou baixinho: — O enigma!

— Eu sei! — ela sussurrou de volta.

— Bem como eu desconfiei — o maia comentou. — Vocês não sabem a resposta.

— Não, nós sabemos, sim! — gritou Dak. — A coisa mais importante do mundo é... milho?

O homem fechou a cara e se afastou de Dak e Sera.

— Tortilhas assimétricas? — Dak arriscou.

O homem permaneceu impassível.

Sera conduziu Dak até um canto vazio da cela.

— Aquela pergunta fazia parte do enigma — Dak repetiu. — Se conseguirmos descobrir a resposta, vai ser um grande passo.

Sera se recostou contra a parede imunda da prisão e foi arrastando as costas por ela até se sentar, escondendo o rosto entre as mãos. Ela nunca havia se sentido tão derrotada. Nem tão

deprimida. Ela só tinha onze anos. Não era cedo demais para viver as circunstâncias com que havia se deparado naquelas vinte e quatro horas? A revelação de que encontraria seus pais boiando de bruços no celeiro inundado. Testemunhar o assassinato de um homem inocente. Ser atirada na prisão. Ela não se conformava com a maneira como os maias eram tratados pelos frades. Por que aqueles estrangeiros se sentiam no direito de invadir a aldeia dos outros e querer impor seu modo de vida? Para piorar, os maias não confiavam nela e em Dak, já que os dois não sabiam sua senha secreta.

Dak sentou ao seu lado.

— Vai dar tudo certo, Sera.

Ela o encarou.

— Vai mesmo, Dak? Eu não tenho mais tanta certeza assim.

Ele apontou para a bolsa em que ficava o Anel do Infinito.

— Você ainda está com o Anel, e eu, com o SQuare. Podemos usar nosso tempo aqui para tentar desvendar o enigma.

Sera sacudiu a cabeça.

— De que adianta, Dak? Nossa missão ainda faz alguma diferença?

— Claro que faz! O que está acontecendo? Esse pessimismo não combina com você.

Sera ficou em silêncio, tentando desatar o nó na garganta.

— Andei pensando muito ultimamente, Dak. Nós não estamos *corrigindo* o rumo da história coisa nenhuma. Não estamos trazendo benefício para ninguém. — Ela apontou para os maias.

— Eles só querem viver a própria vida, compreender melhor o mundo e seguir suas tradições. E para isso precisavam se esconder em uma caverna? Por isso um deles tinha que ser morto?

— Nós já conversamos sobre isso — afirmou Dak. Ele desviou os olhos de Sera por alguns instantes, como se estivesse refletindo. Por cima do ombro do amigo, Sera viu que o jovem líder maia tinha começado a andar de um lado para o outro na cela. — A razão para corrigir as Fraturas — ele explicou — não é deixar a história moralmente mais correta.

— E por que não? Por que não tentamos transformar o mundo em um lugar melhor?

Dak encolheu os ombros.

— Não sei, Sera. Às vezes até acho que estamos fazendo isso. Mas nós somos só duas crianças. Duas e meia, se contarmos o namorado também. Enfim, o que importa é que nós fomos mandados para esses lugares para corrigir as Fraturas, e não a humanidade.

— Então não vale a pena nem questionar?

— Não é isso que estou dizendo — respondeu Dak. — Só acho que, no fundo, no fundo, eu confio nos Guardiões da História. Eles vêm lutando para evitar o Cataclismo e para derrotar a SQ desde muito antes de a gente existir.

Sera ficou olhando para Dak. Sua vontade era contar tudo para ele — que ela tinha visto o indescritível Cataclismo. Mas não podia fazer isso. Aquela era uma informação corrosiva que, para o bem de todos, era melhor guardar só para si.

Ela começou a puxar os próprios cabelos e falou:

— Não sei mais se consigo continuar, Dak. Não sei mesmo.

— Mas você não pode desistir — argumentou o líder maia. — E não vai desistir.

Sera olhou para cima e viu o jovem em pé diante dela e de Dak, com os punhos cerrados.

— A injustiça sempre vai existir — ele continuou. — Em todos os lugares. E muitas vezes nós não somos capazes de mudar isso. Mas *sempre* podemos erguer a cabeça e seguir em frente. Essa parte só depende de nós.

Sera ficou envergonhada pelo fato de o homem ter testemunhado seu momento de fraqueza. Ela se sentiu uma menininha mimada.

— Eles podem nos trancar aqui entre essas paredes — o maia prosseguiu, sacudindo as grades da janela à esquerda de Sera e Dak. — Todos nós. A aldeia toda. Mas, na nossa mente, nós sempre seremos livres. Nunca se esqueça disso. — Ele estendeu a mão e ajudou Sera a se levantar, dizendo: — Eu sou Bacab.

— Sera — ela respondeu, tentando transmitir o máximo de respeito possível, pois aquele jovem tinha conquistado sua admiração. Na caverna também havia pessoas mais velhas, e mesmo elas davam grande importância às palavras dele.

Dak cutucou Sera com o cotovelo e limpou a garganta.

— Ah — ela falou —, e esse é meu amigo Dak.

— Olá — cumprimentou Dak.

— É um prazer conhecer vocês — afirmou Bacab. — Sei que não são daqui, isso está na cara. Mas de onde vocês vêm não é da minha conta. O que importa é que estão aqui com a gente.

Sera olhou para o restante dos maias. Alguns não pareciam muito dispostos a aceitar a presença dela e de Dak — provavelmente porque os dois não sabiam a resposta para a pergunta feita no enigma.

— Então, como vamos sair daqui? — perguntou Dak.

— Nós temos nossos métodos — garantiu Bacab. — É a minha quarta vez nesta cela. O que eles ainda não entenderam é que eu tenho uma chave no meu quarto. Quando cair a noite, meu irmão mais novo vai perceber que não cheguei em casa. Ele sabe que o primeiro lugar a procurar é aqui. E com certeza vai trazer a chave.

— Espera um pouco... você tem a chave daqui? — perguntou Dak.

Bacab abriu um sorriso.

— Quando não estou organizando nossas cerimônias, trabalho como chaveiro.

O sorriso do jovem fez Sera se sentir melhor. Ela também queria ser do tipo que sorria diante dos problemas.

— Não podemos ficar muito tempo aqui — comentou outro maia. — Se a grande tempestade vier, como previsto, a cela vai alagar, e eles vão deixar todo mundo morrer afogado.

— Ninguém aqui vai morrer afogado — garantiu Bacab. Ele se virou para Dak e Sera e falou: — Esse é K'inich, meu primo mais novo. Ele é um ótimo assistente e já viajou para muitos lugares, mas tem o defeito de se preocupar demais.

— Espera aí, então quer dizer que vai ter outra grande tempestade? — perguntou Dak. Ele bateu na parede de pedra com a mão espalmada. — Espero que essas paredes sejam mais resistentes do que costumavam ser.

Bacab ergueu o queixo de Sera com a mão para olhar em seus olhos.

— Irmãzinha — ele falou —, vejo em seus olhos que está cheia de dúvidas.

— Não entendo — ela respondeu, envergonhada por parecer tão insegura. — Por que eles estão fazendo isso? Vocês não estavam fazendo mal a ninguém lá na caverna!

— Os frades estão frustrados. A ideia deles era dominar todas as aldeias, de costa a costa, mas, para fazer isso de forma eficiente e sem violência, precisam converter o meu povo à sua religião. Assim poderiam dizer que esta terra pertence a eles por direito divino, entende?

— Então foi por isso que vocês se reuniram na caverna — comentou Sera.

— Por isso e porque a acústica de lá favorece a minha voz — Bacab completou, abrindo um sorriso.

— Nós estávamos sendo ameaçados — contou K'inich. — Diego de Landa, um dos líderes franciscanos, disse que se não os obedecermos eles vão destruir tudo o que consideramos sagrado.

— Uau! — exclamou Dak. — Eu li a respeito disso. De Landa ficou furioso e ordenou um auto de fé, em que ele...

Sera pisou no pé de Dak para que ele se calasse.

— *Ai!*

— Isso é só especulação, claro — disse Sera, olhando feio para ele.

— Ah, sim. Claro. — Dak se virou para Bacab. — O que eu quis dizer foi: vocês não têm medo de que algo ruim aconteça com seus códices e o resto das coisas?

Sera percebeu que K'inich olhava desconfiado para Dak.

— Como você pode saber de uma coisa que ainda não aconteceu? — ele questionou.

— Mas eu não sei — respondeu Dak. — É que às vezes... às vezes eu me confundo com os tempos verbais.

— A minha esperança é que um homem espiritualizado como De Landa não se rebaixe a ponto de confiscar nossa história — disse Bacab.

— Bom, eu não contaria muito com isso — Dak falou baixinho, para que apenas Sera ouvisse.

K'inich cochichou algo no ouvido de Bacab. Sera puxou Dak de lado e falou:

— Quem sabe não é essa a Fratura que precisamos corrigir?

Depois de conversar com Bacab, ela estava se sentindo reenergizada, pronta para a luta novamente. Talvez fosse essa a marca de um grande líder.

— Isso mesmo — respondeu Dak, quase aos berros. — Precisamos impedir o auto de fé de Diego de Landa!

Sera pôs o dedo na frente dos lábios, pedindo que Dak falasse mais baixo.

— E você por acaso pretende me explicar que negócio é esse de auto de fé? — ela questionou. — Ou só está falando isso porque acha as palavras bacanas?

— Auto de fé. Auto de fé. Auto de fé — Dak ficou repetindo. — Brincadeira. Um auto de fé é...

Antes que ele pudesse terminar, alguns maias se levantaram de repente e começaram a se aglomerar em torno da janela na parede oposta. Bacab e K'inich foram correndo até lá.

Na ponta dos pés, Sera e Dak tentaram ver o que estava acontecendo. Tudo o que Sera

conseguia enxergar pela janela era um pedaço de batina de frade. Havia alguém parado ali, e estava se agachando para espiar dentro da cela.

Sera arregalou os olhos.

Era Riq.

Vestido como um frade franciscano.

— O que você quer? — um dos maias rosnou para ele.

— Falar com Dak e Sera — respondeu Riq. — Não sou realmente um frade, juro para vocês.

— Riq! — Sera gritou.

— E por que nós acreditaríamos em você? — perguntou outro maia.

Sera começou a abrir caminho até a janela aos empurrões. Se conseguisse chegar até ele, poderia explicar tudo. Dak foi mais rápido e logo chegou à janela, segurando uma joia na mão. Riq estendeu a mão por entre as grades e pegou.

— Parece com aquela que você perdeu! — disse Dak. — Pensei que talvez você fosse gostar!

— Valeu — agradeceu Riq, enfiando o pingente na bolsa pendurada sobre a batina.

— O que você está fazendo aqui? — uma mulher gritou para Riq. — Seu povo já não causou estragos suficientes por uma noite?

Vários outros maias começaram a bombardear Riq com perguntas, o que obrigou Bacab a dar um grito:

— Silêncio!

Todos na cela se calaram.

— Obrigado — disse Bacab. — Antes de mais nada, vamos fazer a nossa pergunta ao garoto. — Os maias concordaram com a cabeça e abriram caminho para que Bacab se dirigisse até a janela. Ele se agarrou às grades, olhou para Riq e perguntou: — Qual é a coisa mais importante do mundo, meu jovem?

Sera notou que Riq voltou os olhos para o chão, confuso. Ela estava prestes a explicar que eles não eram dali, quando de repente Riq levantou os olhos e respondeu:

— A amizade.

Os maias se entreolharam, balançando a cabeça em sinal afirmativo, e começaram a estender as mãos por entre as grades para cumprimentar Riq.

Sera se virou para Dak, que a encarava com uma expressão de interrogação no rosto. Ele apontou para Riq e perguntou:

— Mas como é que...?

Sera encolheu os ombros e respondeu:

— Você tirou as palavras da minha boca.

Um desvio de rota necessário

QUANDO SE AFASTOU DA JANELA DA PRISÃO, Riq continuou repetindo para si mesmo o nome da pessoa que lhe pediram para encontrar — um menino que, segundo Bacab, teria uma cópia da chave da cela:

— Okib. Okib. Okib.

Ele não podia esquecer.

Ao mesmo tempo, porém, pensava no pingente antigo que Dak havia lhe entregado através das grades da prisão. Foi só por isso que ele acertou a resposta da estranha pergunta de Bacab. Ele se lembrou de ter dito, em uma conversa com Kisa, que a coisa mais importante do mundo era ter amigos. Por isso dera aquela resposta para Bacab. O fato de estar certa, no entanto, foi um choque.

Riq sacou o pingente da bolsa enquanto caminhava pela aldeia em busca do menino. Havia enferrujado, o que impedia que fosse aberto, e estava amassado nas laterais. Não tinha como aquele ser o pingente que Kisa tentara lhe dar antes de sua última viagem no tempo. E, mesmo se fosse, ele ainda o queria? Tudo o que aquela garota fez por ele foi deixá-lo confuso. Em um momento, parecia contente com a ideia de Riq viver em sua aldeia. No instante seguinte, estava pedindo que ele fosse embora.

Riq ficou tentado a arremessar o pingente no mato.

Mas no fim não fez isso.

Ele o guardou de volta na bolsa e continuou repetindo mentalmente o nome do menino: *Okib. Okib. Okib.*



Riq já estava andando há meia hora quando viu um grupo de meninos maias jogando bola em um campo. Ele os chamou:

— Por acaso vocês conhecem o Okib?

Os meninos se entreolharam e sacudiram a cabeça.

— Têm certeza? — insistiu Riq. — Não sou realmente um frade, juro para vocês. Tenho uma mensagem importante de Bacab.

Ele gostaria de poder se livrar da batina que estava usando. Deixava as crianças assustadas.

— Ele deve estar tirando as coisas da caverna — um dos meninos sugeriu.

— Aconteceu alguma coisa? — outro perguntou.

— Acho que não — respondeu Riq, com receio de deixá-los alarmados. — Bacab só me pediu para encontrar Okib.

— Dê uma olhada na caverna — disse o primeiro menino.

Riq agradeceu e partiu na direção da caverna. Ele olhou para a batina que vestia, se sentindo totalmente deslocado. Quando se afastou de Dak e Sera, um pouco mais cedo, entrou em uma igreja para ficar sozinho e viu a batina largada em um dos bancos. Riq se trocou sem pensar muito a respeito... só queria se livrar das roupas que usava quando conheceu Kisa. Um novo visual, Riq pensou, ajudaria a colocar as coisas em perspectiva.

Mas não ajudou, claro. Ele saiu da igreja mais confuso do que nunca.

Kisa devia ter descoberto alguma coisa horrível sobre ele para ter mudado de ideia tão rápido. Riq pegou o pingente outra vez. Ele precisava se livrar daquela coisa, que só trazia lembranças desagradáveis.

Em vez de atirá-lo no mato, porém, ele o arremessou contra o chão, com o máximo de força que podia. Depois sentou em uma pedra e olhou para o céu. A lua e as estrelas estavam lá, as mesmas que brilhavam sobre Izamal quase mil anos antes. O céu não precisava de uma máquina do tempo para testemunhar tudo o que acontecia no mundo, inclusive o tempo que Riq passou com Kisa.

O ar estava quente e úmido. Bem distantes, ao leste, ele viu nuvens carregadas. Riq as observou por alguns instantes, para tentar determinar com que velocidade se aproximavam, mas logo sua atenção se voltou para o pingente caído.

Ele ficou surpreso ao ver que estava partido em dois.

Riq foi até o objeto e apanhou os pedaços, notando na parte de dentro a presença de um único glifo, que significava “observatório”. A caligrafia o fez se lembrar da mensagem que Kisa tinha escavado na rocha quando lhe deu o bracelete de serpente.

Riq sentiu um frio na barriga e olhou para o topo do observatório.

Seria possível que Kisa estivesse tentando mandar uma mensagem para ele?

O caminho que levava à caverna passava pelo observatório. Caso Riq se apressasse, poderia dar uma olhada lá dentro antes de subir o morro.

Ele enfiou os pedaços do pingente de volta na bolsa e saiu correndo.



Os dois frades parados na entrada do enorme observatório não deram atenção a Riq, provavelmente por causa da batina. Ele pôde entrar sem problemas e examinar tudo. O lugar era bem antigo, mas ainda estava em funcionamento. As paredes estavam rachadas e se desmanchando em alguns pontos. O chão era plano no centro, e havia uma abertura no telhado para que fosse possível contemplar o céu. Em torno do observatório havia diversas portas, talvez mais de dez.

Riq sabia que estava fazendo uma loucura — tentar decifrar uma pista que era um único glifo

escrito quase mil anos antes. E que podia não ser pista nenhuma. Poderia ter sido algo escrito por outra pessoa que não Kisa. Além disso, e se Kisa tivesse deixado a tal pista para outra pessoa? Aquela versão do observatório nem existia quando ela lhe deu o pingente.

Outra pergunta começou a rondar sua mente: por que uma garota deixaria uma pista para alguém que ela nem queria por perto?

Riq vasculhou o interior do observatório mesmo assim, abrindo cada porta e espiando dentro. A maior parte dava em salinhas pequenas com mesas e cadeiras novas. Três estavam trancadas. Uma levava a uma escadaria. Riq subiu os degraus estreitos e olhou lá para baixo, tentando entender o que poderia ser importante ali, mas não reparou em nada digno de nota.

Havia uma passarela estreita que levava até perto da cúpula. Ele caminhou por ela, medindo cada passo com cuidado, em busca de algum sinal. No fim, era só uma passarela mesmo, nada mais. Ele desceu as escadas até o porão, abriu a porta e foi tateando pelo corredor escuro, sem desgrudar a mão da parede. Havia uma porta, mas estava trancada. Foi quando ele notou que havia uma sala mais adiante... que parecia estar iluminada pela luz de uma vela.

Riq apertou o passo para chegar ao fim do corredor e enfiou a cabeça lá dentro. Havia três mulheres sentadas em cadeiras rústicas de madeira, remexendo em alguns caixotes do mesmo material. Uma delas encarou Riq com olhos arregalados de susto.

— Quem é você? — ela quis saber, deixando o que parecia ser outro pingente cair no caixote. — E o que está fazendo aqui?

As três mulheres pegaram seus bordados e se levantaram, afastando os caixotes com os pés.

— O irmão De Landa nos deixou vir bordar aqui — disse a mais baixa.

— É para a igreja — a primeira acrescentou.

— Não se preocupem — Riq as tranquilizou. — Não sou realmente um frade. Só estou procurando uma menina.

Estava na cara que o que elas estavam fazendo não era para a igreja.

— Uma menina? — repetiu a mulher. — Ninguém mais tem permissão para descer aqui a não ser nós três, para bordar.

— Uma mulher, foi o que quis dizer — Riq corrigiu. — Ela viveu aqui há muito, muito tempo. Seu nome era Kisa.

As mulheres se entreolharam, sacudindo a cabeça.

— Ela era sobrinha do rei Itchik — continuou Riq. — Acho que foi ele quem construiu este observatório.

— Nunca ouvi falar de nenhuma Kisa — disse a baixinha. — E nem de um rei chamado Itchik, aliás. Vocês já? — ela perguntou às demais.

— Nunca — ambas falaram.

A mais alta olhou para o caixote atrás de si. Depois se virou para Riq e baixou os olhos. Ele viu que a mulher tinha uma marca de nascença no lado direito do rosto.

Riq balançou a cabeça.

— Obrigado pela ajuda...

— De onde você é? — perguntou a mulher com a marca de nascença, interrompendo seu agradecimento.

— Eu? — Ele não sabia o que responder. — Bom, eu sou... de uma aldeia distante.

A mulher continuou a encará-lo.

— E qual é o nome da sua aldeia?

Riq se recostou na parede atrás de si antes de responder:

— Ah, é um lugar muito pequeno. A maioria das pessoas nunca ouviu falar.

As outras duas se viraram para a mulher com a marca de nascença.

— Enfim — continuou Riq, se afastando da parede. — Sinto muito pelo incômodo.

As mulheres continuaram de pé na frente dos caixotes até que Riq saísse.

Ele subiu correndo as escadas e deixou o observatório, tentando esquecer a mensagem codificada dentro do pingente, aquelas mulheres e o fato de haver outros pingentes naqueles caixotes, que elas tinham feito questão de esconder. Ele precisava se concentrar na busca pelo menino que Bacab havia mandado chamar.

Riq seguiu pelo caminho escuro que levava à caverna e acabou se chocando contra alguém que vinha correndo na direção contrária.

Ambos caíram sobre os arbustos.

Um pouco tonto, Riq ergueu a cabeça e viu um menino deitado a seu lado.

— Okib? — ele perguntou, um tanto hesitante.

O menino sentou e o encarou.

Riq lembrou que estava de batina e foi logo dizendo:

— Não se preocupe. Não sou realmente um frade. É você mesmo, Okib?

O menino encolheu os ombros e olhou ao redor.

Riq se levantou com alguma dificuldade, e se inclinou para falar com o garoto.

— Um homem chamado Bacab me pediu para encontrar você. Ele está na prisão da aldeia com dois amigos meus e disse que você sabe o que fazer nesses casos.

O menino se pôs de pé. Parecia ter a idade de Dak.

— Eu sabia! — ele gritou.

— O quê? — perguntou Riq.

— Não tinha mais nada na caverna. — O menino esfregou o rosto com as mãos. — Eles levaram tudo. Não tem mais nada.

— Alguém roubou as suas coisas? — perguntou Riq.

— Os frades — contou o menino. — Por que eles não nos deixam em paz? Nós não estamos fazendo mal a ninguém.

Riq sentiu um aperto no peito diante de tamanha injustiça.

— Vamos lá — ele disse para o garoto. — Vou levar você até Bacab.

— Não — contestou Okib. — Meu irmão sempre diz para eu ir de madrugada, quando todo mundo estiver dormindo. Aí eu levo a chave.

Riq passou os olhos pela aldeia de Izamal. Pela primeira vez desde que chegara àquela época, se perguntou qual seria a Fratura que eles precisavam corrigir. Ele já tinha se lamentado o bastante. Estava na hora de retomar sua missão de vida: ser um Guardião da História.

— Venha comigo — ele disse para Okib, com sua determinação renovada. — Nós podemos

esperar lá no observatório. Quando estiver na hora de libertar seu povo, é só me avisar que eu vou com você.

Okib assentiu.

Eles voltaram juntos para a aldeia. Riq segurou os pedaços do pingente dentro da bolsa e prometeu a si mesmo que se concentraria totalmente na missão.

Os outros Guardiões da História

DAK ESTAVA APENAS SEMIADORMECIDO E CIENTE DISSO, mas era um sonho tão bom que ele decidiu fechar os olhos e deixar rolar. Ele estava na festa de aniversário de Sera, perto do celeiro, e o tio dela o havia vendado e colocado um porrete em suas mãos. Depois de ser girado várias vezes, Dak saiu cambaleando, meio tonto, e começou a dar pauladas a esmo tentando acertar a *piñata* que estava pendurada em algum lugar à sua frente.

Ele errou duas vezes, mas na terceira acertou.

Na quarta, ele atingiu a *piñata* com todas as forças, e sentiu ter aberto um buraco na lateral. Ele ouviu os doces começarem a cair.

Quando tirou a venda, porém, Dak viu que não eram doces. Eram pedaços de queijo de altíssima qualidade. Dos mais diferentes tipos e tamanhos. De uma beleza incomparável, se esparramando sobre a grama alta e verde do verão. As outras crianças estavam lá, usando fronhas como sacos de pano para guardar os pedaços que apanhavam do chão. Dak gritou:

— Ei, esperem por mim! Vou buscar minha fronha!

No entanto, ele não conseguia encontrar sua fronha em lugar nenhum, e cada vez mais crianças apareciam para avançar sobre o conteúdo da *piñata* que *ele* tinha aberto.

— Acorda — Sera sussurrou no ouvido dele.

— Mas eles estão levando o meu queijo — ele resmungou.

— Acorda, Dak! — ela murmurou um pouco mais alto.

Ele abriu os olhos e viu que todos os maias estavam saindo de fininho pela porta da cela. Sera o ajudou a se levantar e os dois entraram na fila. Pouco depois, já estavam passando na ponta dos pés por dois frades adormecidos, e depois deixando a prisão e ganhando as ruas no meio da noite.

Dak seguiu Sera até onde estava Riq, que apontou para o observatório. Sem trocar uma palavra, os três se afastaram dos demais e foram naquela direção.

Enquanto corria, Dak continuava olhando ao redor, com medo de que alguém saltasse de alguma moita e os aprisionasse. Ele viu diversos frades circulando pela praça, apesar de estar escuro demais para identificar o que estavam fazendo. Notou também uma enorme cruz de madeira encostada em uma das cabanas e percebeu que algumas nuvens escuras estavam se acumulando no horizonte.

Riq abriu as portas do observatório, fez um sinal para que Dak e Sera entrassem e os levou

até o fundo do recinto, de onde Dak olhou o céu pela abertura no telhado. Os três ficaram em silêncio por um bom tempo, com as mãos apoiadas nos joelhos, tentando recuperar o fôlego e ao mesmo tempo examinar o ambiente.

Sera foi a primeira a endireitar de novo o corpo. Ela respirou fundo e perguntou para Riq: — Como você sabia que a resposta era “amizade”?

Riq também retomou a postura.

— Foi uma conversa que tive com Kisa — ele falou, enlaçando os dedos no alto da cabeça e inspirando algumas vezes.

Dak sacou o SQuare da bolsa e falou:

— Cara, isso foi quase mil anos atrás. Como pode ainda servir para alguma coisa?

Riq sacudiu a cabeça.

— Pode acreditar que estou tão surpreso quanto vocês.

Dak ligou o SQuare, abriu o enigma, que Riq ainda não tinha visto, e disse:

— Antes de começarmos, queria dizer uma coisa. Ao que parece, está acontecendo algo muito errado por aqui. Além da Fratura. — Ele olhou para Sera. — Depois que corrigirmos o que é preciso, se vocês estiverem a fim de ajudar esse pessoal de outras maneiras, podem contar comigo.

Sera abriu um sorriso e falou:

— Obrigada, Dak. Mas primeiro vamos nos concentrar no enigma. Depois conversamos sobre o resto.

Dak se deu conta de que era a primeira vez em muito tempo que Sera sorria.

— Sei que isso é importante para você — ele disse.

— É mesmo.

Riq limpou a garganta.

— Também queria dizer uma coisa. Não foi legal da minha parte sumir daquele jeito. Me desculpem. Garanto que estou absolutamente comprometido com o sucesso da missão.

— A gente sabe que sim — respondeu Sera.

Dak deu um tapinha no ombro de Riq.

— Tudo bem, cara. Só não esquece que esse lance de amor é um negócio complicado...

— Então, como a gente ia dizendo — interrompeu Sera, apontando para o SQuare na mão de Dak.

— Ah. Certo. — Dak virou a tela para que Riq e Sera pudessem ver. — A gente acha que você pode ajudar na segunda parte, Riq.

Dak leu em silêncio aquelas frases, que para ele estavam de cabeça para baixo:

Para salvar a reprodução da verdade do tesouro, façam o seguinte:

Procurem a ajuda daqueles que seguem “a coisa mais importante do mundo”

Depois cavem fundo, cada vez mais

fundo, destrancando uma porta há muito trancada

Será preciso um poliglota para
compreender a sabedoria dos glifos e a
fabricação da maldição

— Então precisamos encontrar pessoas que seguem o conceito da amizade — comentou Riq.
— Pelo jeito, isso já conseguimos — disse Dak. — Todo mundo lá na cela sabia a resposta para essa pergunta. Quer dizer, todo mundo menos a Sera.

— Ha, ha — ironizou Sera, revirando os olhos. — Todos os maias que foram presos com a gente estiveram antes na caverna também. O que significa que têm orgulho de suas raízes, certo?

— Exatamente. — Dak se virou para Riq e falou: — Bacab contou que os frades causaram uma cisão no povo daqui. Parte das pessoas está absorvendo a influência espanhola. Outros querem permanecer leais às tradições maias.

— Então, esta Fratura — disse Sera — deve ter a ver com alguma coisa que eles guardavam naquela caverna. Muito provavelmente...

— O códice de Pacal — completou Dak.

— Que não está mais na caverna — informou Riq. — De acordo com o irmãozinho de Bacab, os frades confiscaram tudo o que estava lá.

Dak bateu na testa com a mão aberta.

— Cara, acabei de perceber uma coisa. Vocês viram aqueles frades lá na praça no caminho para cá?

Riq e Sera fizeram que sim com a cabeça.

Dak se virou para Riq.

— Lá na prisão, Bacab explicou que, em cada cabana com uma escultura secreta da amizade, existem artefatos maias guardados. O problema é que, nas últimas semanas, os maias começaram a levar tudo para a caverna. Acharam que as coisas estariam mais seguras por lá.

Sera arregalou os olhos.

— Os frades estão empilhando tudo lá na praça! — ela gritou. — Para depois pôr fogo!

— Pois é — respondeu Dak. — E essa fogueira, minha amiga, também é conhecida como “auto de fé”.

Eles ficaram olhando um para o outro, com o queixo caído, até Dak voltar a falar:

— Nós precisamos impedir isso. O códice de Pacal tem que ser preservado. A Fratura deve ser essa, certo? O que significa que a versão da história que sobreviveu é uma fraude!

Sera tomou o Square das mãos de Dak e o mostrou a Riq.

— O que mais você entendeu nesse enigma?

— Um poliglota é alguém que fala várias línguas — ele explicou, olhando para Sera.

— Que nem você, cara — comentou Dak.

Riq concordou com a cabeça.

— Então vamos precisar dos conhecimentos linguísticos do Riq — continuou Sera — “para compreender a sabedoria dos glifos e a fabricação da maldição”. — Ela deu um tapinha nas costas de Riq. — Ainda bem que você voltou.

Dak percebeu que Riq estava se sentindo o máximo naquele momento. Ele abriu a boca para fazer um comentário sarcástico, mas no mesmo instante ouviu alguém entrar no observatório. Então puxou o Square das mãos de Sera e enfiou de volta na tanga.

— Depressa — cochichou Riq. — Venham comigo!

Ele tirou uma vela do suporte da parede e disparou na direção de uma das portas.

Dak e Sera seguiram Riq porta adentro, passando por uma escadaria estreita. Os três atravessaram lentamente um corredor apertado, Riq iluminando o caminho com a vela. Dak achava que o porão não era um bom lugar para se esconder, mas então viu uma porta aberta no fim do corredor.

Riq parou diante dela e esperou que Dak e Sera o alcançassem. Os três olharam juntos lá para dentro. Havia uma mulher maia sentada em uma cadeira, segurando um caixote de madeira no colo e sorrindo. Dak notou uma marca de nascença em seu rosto.

— Eu estava esperando vocês — ela falou.



Dak deixou que Riq e Sera se sentassem nas duas cadeiras vazias e ficou de pé atrás dos dois, observando a mulher e o caixote de madeira em seu colo. Havia inúmeros artefatos maias antigos lá dentro — inclusive vários pingentes como o que Riq tinha ganhado. A mulher se levantou para fechar a porta e depois se sentou de novo, dizendo:

— Vou direto ao assunto: vocês são do futuro?

Dak, Sera e Riq se entreolharam. Foi Dak quem se virou de novo para a mulher e respondeu:

— Somos, sim, senhora.

A mulher pôs a mão na frente da boca, e seus olhos ficaram marejados.

— Eu sabia — ela falou, apontando para Riq. — Quando você apareceu aqui mais cedo, usando essa batina mal arrumada, senti um frio na barriga. — Ela sacudiu a cabeça e completou: — Uau. Eu não esperava ter *essa* conversa hoje.

— Agora é a minha vez de perguntar — falou Dak. — Você é uma Guardiã da História?

— Sou.

— E as outras duas? — questionou Riq. — As mulheres que estavam aqui mais cedo?

— Não, sou só eu. — Ela cobriu a boca de novo, e respirou fundo antes de continuar: — Perdão. É que... jamais imaginei que fosse viver para ver isso.

— Finalmente — disse Dak, virando-se para Sera e Riq. — Estava começando a pensar que não havia nenhum Guardiã da História na Mesoamérica.

— Ah, não — esclareceu a mulher. — Nós estamos por aqui. Só que bem distantes uns dos outros. Na verdade, foi a partir desta região que os Guardiões da História se espalharam pelas Américas.

— O primeiro Guardiã da História nas Américas foi um maia? — perguntou Sera. — Quem? Quando?

— Uma mulher incrível, conhecida como Akna. Há muito, muito tempo. Meu nome é María, por falar nisso.

— María? — questionou Dak. — Esse não é um nome maia.

— Não mesmo. Meus pais morreram quando eu ainda era criança, e fui criada pelas freiras espanholas. Foram elas que escolheram meu nome. Quando cresci e comecei a pesquisar minhas raízes maias, descobri por acaso as atividades secretas dos Guardiões da História. Me juntei ao movimento imediatamente, querendo transformar o mundo em um lugar mais seguro e agradável no futuro.

Dak, Sera e Riq se apresentaram a María, e em seguida Riq tirou os pedaços do pingente da bolsa amarrada na cintura.

— Foi por causa disso que vim até aqui antes.

— Cara, você quebrou meu presente — comentou Dak. — Magoei.

— Viu o que está escrito aqui dentro? — perguntou Riq, mostrando a peça para Dak.

— Que tal uma ajudinha com isso? — pediu Dak. — Você sabe que eu não sei ler esses glifos.

Riq entregou as duas metades do pingente para María, que disse uma única palavra:

— Observatório.

— Nós estivemos aqui na aldeia muito tempo atrás — contou Riq — e eu conheci uma menina chamada Kisa. Ela tentou me dar um pingente como esse de presente quando estávamos indo embora, mas eu deixei cair no chão. Foi por isso que perguntei sobre ela. Você nunca ouviu falar nela mesmo?

María sacudiu a cabeça, e logo em seguida falou:

— Mas preciso mostrar uma coisa a vocês. — Ela remexeu no caixote de madeira e pegou vários pingentes parecidos, todos tão antigos quanto o dele. — Peguem um cada um e depois abram — ela pediu.

Dak abriu o seu e olhou para o glifo lá dentro. Era o mesmo que Riq havia acabado de mostrar.

Riq e Sera abriram os seus.

— Todos dizem “observatório” — comentou Riq.

— Nós encontramos mais e mais a cada dia — revelou María. — E todos têm a mesma palavra entalhada. Eu nunca entendi por quê.

Sera guardou seu pingente de volta.

— Kisa tinha mesmo algo importante para dizer a você, Riq.

Ele encolheu os ombros, mas não disse nada. Dak notou que ele estava ficando todo sensível de novo, e fez uma anotação mental para dar a Riq uma boa lição sobre o amor assim que surgisse um tempinho.

— Nós sempre pensamos que essas mensagens fossem de Akna — revelou María. — Foi por isso que os Guardiões da História escolheram o observatório como sede. Segundo a lenda, Akna era tão comprometida com a causa que continuou trabalhando aqui até morrer, bem velhinha.

— Quem quer que tenha escrito isso... — começou Dak — por que foi tão vago assim?

— Ela devia estar com medo de que as informações caíssem em mãos erradas — presumiu Sera. — Onde existem Guardiões da História também existem Guardiões do Tempo.

— É óbvio — concordou María, e se levantou. — Venham comigo. Quero mostrar outra coisa a vocês.

Dak, Sera e Riq seguiram María até mais ou menos metade do corredor. Ela parou, se ajoelhou e iluminou com uma vela a parte mais baixa da parede, onde começou a tatear até encontrar uma pequena fechadura.

— Nunca contei isso a ninguém — ela falou, olhando para eles. — Tem uma porta trancada aqui. Não sei há quanto tempo está assim. Mas acredito que exista uma sala secreta atrás dessa parede. Diz a lenda que o primeiro encontro dos Guardiões da História neste continente foi aqui, organizado por nossa notável fundadora Akna.

Dak viu duas pequenas serpentes entalhadas na pedra perto do buraco da fechadura.

— Dá uma olhada nisso — ele falou.

Sera se virou para Riq, que estava todo tenso.

— Quais as chances de existirem duas pessoas no mundo que gostassem tanto de serpentes? — ela perguntou.

— Nós precisamos entrar aí.

Sera concordou com a cabeça.

— O enigma diz que precisamos abrir uma porta há muito trancada — ela comentou. — Deve ser essa.

Dak empurrou a pequena porta de pedra, depois tentou sacudi-la.

— “Fundo, cada vez mais fundo” — ele disse para si mesmo. Estava ficando empolgadíssimo só de pensar na quantidade de informações sobre os Guardiões da História que poderia haver do outro lado daquela parede. — Conta para a gente, María: o que precisamos fazer para abrir essa coisa?

— Ninguém tem a chave — afirmou María. — Muitas gerações de Guardiões da História tentaram descobrir a qualquer custo o que havia do outro lado. Mas nós preferimos manter ela fechada.

— Bacab! — gritou Dak, levantando-se em um pulo. — Nós precisamos ir atrás dele agora mesmo. Ele é chaveiro!



Como as coisas aconteceram

NÃO DEMOROU MUITO PARA SERA PERCEBER o tipo de perigo que o povo maia estava enfrentando.

Quando ela, Dak e Riq saíram do observatório, passaram pela praça da aldeia, onde os frades franciscanos arremessavam artefatos maias em uma pilha enorme. Já estava amanhecendo, e Sera pôde ver tudo com bastante clareza. Alguns frades punham lenha em torno da pilha. Mais de vinte espanhóis armados cercavam os frades, preparados para conter qualquer interferência dos locais. Sera notou que todos os guardas que tinha visto na prisão, e também os que haviam expulsado os maias da caverna, estavam lá.

Parecia que a operação inteira estava sendo supervisionada por um único frade.

Sera o observou atentamente enquanto passava. Ela sabia que aquele era o famigerado Diego de Landa.



Bacab não estava em sua cabana.

Eles o encontraram em um campo ali perto, reunido com vários outros homens, inclusive seu primo K'inich.

— Bacab — Sera chamou, meio esbaforida — você viu o que os frades estão fazendo lá na praça?

— Sei o que eles estão fazendo, irmãzinha. — Ele se virou, revelando que empunhava uma besta. — É por isso que estamos nos preparando para a batalha.

— Mas é justamente isso que eles esperam! — gritou Sera.

— E estão armados até os dentes — acrescentou Riq.

— Se tentarem queimar nossa história, vamos para cima deles — afirmou Bacab. Ele sorriu para Sera. — Não tenho medo de arriscar minha vida lutando pelo que é certo.

Depois disso, se virou para seus homens e começou a dar instruções.

Sera se voltou para Dak e Riq.

— Eu preciso ajudar — ela falou.

— Sera, nós precisamos de você — argumentou Riq.

— A melhor ajuda que podemos dar a eles — disse Dak — é corrigir a Fratura. A maneira

como o mundo vê os maias nunca mais será a mesma.

Sera estava confusa. Ela sentia uma estranha e inexplicável lealdade para com aquele povo — como se eles fossem membros de sua família. E, se eles iriam arriscar a própria vida, ela sentia que deveria fazer o mesmo. O lado racional de Sera, porém, sabia que Dak estava certo. Se eles corrigissem a Fratura, salvando o códice de Pacal, os maias nunca ficariam conhecidos como o povo que declarou que a SQ salvaria o mundo. Em vez disso, talvez todos passassem a celebrar sua sabedoria e... seus conhecimentos científicos. Sera jamais imaginara que consideraria aquele povo detentor de uma ciência avançada, mas eles eram exatamente isso.

Ela se virou para Bacab.

— Precisamos da sua ajuda para entrar em uma sala lá no observatório.

— Não dá para esperar até depois da batalha na praça? — perguntou K'inich, franzindo a testa. — Caso você não tenha percebido, Bacab está meio ocupado no momento.

— Desculpa, mas não dá para esperar — Sera respondeu, impassível. — Bacab, você tem chaves para as portas no porão do observatório?

— Eu tenho a chave para todas as fechaduras desta aldeia — disse Bacab.

— E o que tem lá no porão? — K'inich quis saber.

— Tem uma sala que nós achamos que pode ser muito importante — explicou Dak.

Bacab permanecia imóvel, observando o horizonte.

— Seria bem melhor se isso pudesse esperar.

— Ou você pode nos entregar as chaves — sugeriu Dak. — Nós trazemos de volta assim que terminarmos de usar.

— Só um chaveiro pode usar as próprias chaves — rebateu Bacab.

— Eu vou com eles — ofereceu-se K'inich, largando o rolo de corda que segurava. Ele apanhou sua besta e falou: — Pode ficar aqui cuidando dos preparativos, Bacab. Volto logo.

— Sério mesmo? — questionou Dak.

— Está na cara que vocês estão desesperados — justificou K'inich. — Então vamos lá.

— Você sabe onde estão as chaves — disse Bacab. — Volte assim que puder. Precisaremos de todos os homens a postos.

K'inich saiu correndo na direção da cabana de Bacab.

Sera, Dak e Riq foram logo atrás.



K'inich era um sujeito tranquilo e contido. Foi isso o que mais chamou a atenção de Sera quando eles passaram de novo pela praça a caminho do observatório. Dak e Riq vinham alguns passos atrás, conversando, e ela estava livre para observar o maia enquanto ele olhava para os espanhóis que protegiam a pilha de artefatos. K'inich não demonstrou nenhuma emoção.

— Isso não incomoda você? — questionou Sera.

— Sim, me incomoda demais — respondeu K'inich. — Porque é uma coisa injusta, feita por

pura ignorância. Eles não conseguem tolerar o que não entendem.

Sera sacudiu a cabeça.

— Se eu estivesse com essa sua besta, não resistiria a atirar algumas flechas.

K'inich sorriu para ela.

Quando a praça ficou para trás, ele falou:

— Queria contar para você a história de dois meninos.

Parecia um momento estranho para contar uma história, mas Sera considerava K'inich uma pessoa intrigante, por isso respondeu:

— Eu adoraria ouvir.

— Espera aí — falou Dak. — Que história? Nós queremos ouvir também.

— Muitos anos atrás — começou K'inich — dois meninos entraram em uma canoa com um dos anciãos mais respeitados da aldeia. Era a primeira vez que os meninos iam pescar. Um deles era filho do rei. O outro era um garoto comum da aldeia, de quem o filho do rei gostava bastante. Eles foram até as águas profundas, onde os peixes sempre mordiam a isca. O menino da aldeia aprendeu a pescar em um instante. Pegou três peixes em uma hora. Já o filho do rei não se deu tão bem. Não conseguia jogar a linha no lugar certo. O ancião disse a ele que era só uma questão de sorte. Pouco depois, o tempo começou a mudar.

K'inich parou de falar e abriu a porta do observatório. Ele esperou que Sera, Dak e Riq entrassem.

— E depois, o que aconteceu? — Dak quis saber assim que todos entraram.

Sera não fazia a menor ideia do que aquela história tinha a ver com qualquer coisa que ela tivesse dito, mas estava curiosa.

— O ancião falou para eles voltarem imediatamente — continuou K'inich. — Mas o filho do rei tinha outros planos. Ele exigiu que todos ficassem no mar até que ele também pegasse um peixe. Ameaçou contar ao pai se o ancião contrariasse seu desejo. “Você perderia o prestígio que tem na aldeia”, ele falou. O ancião apontou para o céu carregado, alertando ao filho do rei que estavam correndo perigo, e começou a remar de volta para a praia.

Eles chegaram aos degraus que levavam ao porão, e K'inich desceu lentamente.

— Enquanto voltavam — ele continuou — o mar ficou agitado. Uma onda enorme se ergueu e arrebentou sobre a canoa de madeira. Os peixes do menino da aldeia foram devolvidos ao oceano. Logo surgiu uma segunda onda, maior e mais forte. Ela ergueu a canoa e a arremessou. A canoa se despedaçou, deixando os dois meninos e o ancião à deriva, sem nada que pudessem agarrar para se manter à tona. Para o ancião, era uma situação desesperadora. Nenhum dos meninos sabia nadar, e ele só tinha forças para salvar um deles. Ele se virou e viu os dois se debatendo, lutando para manter a cabeça acima do nível da água. Era um dilema insolúvel. Ele gostava dos dois meninos igualmente. Mas, quando outra onda se ergueu no mar, o ancião teve que se decidir. Ele agarrou o menino da aldeia pela camisa e o segurou com força quando a onda quebrou, afundando-os. Ele lutou contra a corrente e conseguiu emergir e segurar o rosto do menino acima da água. Depois disso foi nadando com o braço que estava livre e conseguiu chegar até a praia.

Ao descer o último degrau, Sera se deteve.

— O que aconteceu com o filho do rei? Ele morreu?

— Acaba logo com esse suspense — pediu Dak.

Sera percebeu que Riq não parecia muito interessado. Ela o cutucou com o cotovelo e perguntou baixinho:

— Está tudo bem?

Ele fez que sim com a cabeça.

— O filho do rei só apareceu na praia vários minutos depois — contou K'inich. — Ele tinha se afogado. Quando o rei o procurou naquela noite, o ancião contou a verdade. Disse que percebeu que só conseguiria salvar um dos dois, e que escolheu o menino da aldeia. O rei ordenou que o ancião fosse executado na manhã seguinte. Pouco antes da execução, o menino da aldeia foi até a cela do ancião, aos prantos, e implorou que ele dissesse por que não havia escolhido o filho do rei. Sabem o que o ancião falou?

— O quê? — Dak quis saber. — Conta logo.

K'inich olhou para Sera e sorriu.

— Ele disse que sabia que sua escolha seria prejudicial a curto prazo e que a pagaria com a própria vida. Mas ele achava que, a longo prazo, a decisão seria benéfica. “Como isso é possível?”, perguntou o menino. “Porque amanhã”, explicou o ancião, “você vai se encontrar com um grupo de pessoas muito importantes para mim. E vai ouvir o que eles têm a dizer. E, se meus instintos estiverem certos, vai transmitir essa mensagem para as futuras gerações.”

María veio correndo da sala no fim do corredor, com uma vela na mão.

— Vocês conseguiram a chave? — ela perguntou.

K'inich ergueu o enorme molho de chaves para ela e começou a procurar pela que abriria aquela porta.

Sera assistiu angustiada as duas primeiras tentativas falharem.

— Acho que tem alguma coisa que eu não entendi — Dak disse a ela. — Por que ele contou essa história?

— Ele está bem aqui — ela respondeu. — Por que não pergunta para ele?

— E então, K'inich? — questionou Dak.

K'inich estava ocupado demais para responder. A terceira e a quarta tentativas também falharam. A quinta chave, porém, se encaixou na fechadura e girou com facilidade. K'inich empurrou a porta pesada de pedra e falou:

— Depois de vocês, amigos.

Sera foi a primeira a entrar. Esperava ver todo tipo de artefato maia ali dentro, mas a sala estava vazia. Ela caminhou até a parede oposta, olhando para o chão, onde parecia haver pegadas recentes.

— Não entendo — disse María. — De acordo com os registros, a sala é esta aqui.

— Pelo jeito alguém forneceu uma pista falsa a você — arriscou Dak.

Riq cutucou o braço de Sera e apontou para K'inich, que ainda estava parado na porta.

— Tem certeza de que podemos confiar...

— Vou contar a vocês o que significa essa história — interrompeu K'inich, se apoiando na borda superior da porta.

Todos se viraram para ele.

— Às vezes precisamos fazer coisas que são prejudiciais a curto prazo, mas que depois se mostram vantajosas. Não sobrou mais nada nesta sala porque eu tirei tudo o que estava aí. Os artefatos que vocês procuram estão lá na fogueira da praça.

María desabou de joelhos.

— O que você está dizendo, K'inich? — ela perguntou, aos prantos.

Sera ficou atordoada ao se dar conta do que estava acontecendo.

— Ele é um Guardiã do Tempo — ela afirmou.

Dak fez menção de caminhar até K'inich, com os punhos cerrados, mas o outro se limitou a sorrir e sacar uma flecha da aljava em seu ombro. Ele carregou a besta e a apontou para Dak, que parou onde estava.

— Tenho orgulho de ser maia — K'inich argumentou. — E a curto prazo sei que vai ser difícil ver o legado do meu povo virar cinzas. Diego de Landa vai deixar que apenas um códice sobreviva e entre para a história. Vai ser a única herança deixada pelo meu povo. Ele escolheu um códice antigo de Izamal, de um escriba lendário chamado Pacal. Mas nós o substituímos por um códice nosso, revelando que a SQ vai salvar o mundo. É a oportunidade perfeita para espalhar nossa mensagem. A longo prazo, é isso que precisa ser feito.

— Você está traíndo o seu povo! — gritou Sera.

— Estou promovendo uma ideologia — rebateu K'inich. — Agora, por favor, entregue o que você tem aí na sua bolsa. Desde o instante em que vi vocês entrarem na prisão, imaginei que fossem do futuro.

— Diego de Landa também é um Guardiã do Tempo? — Dak quis saber.

K'inich pareceu ofendido.

— Aquele homem jamais poderia fazer parte do nosso movimento. Ele está cego pelo próprio fanatismo religioso. Mas vai servir como uma ótima ferramenta. — Ele se virou de novo para Sera. — Agora me entregue o dispositivo de viagem no tempo.

— Isso nunca — Sera falou por entre os dentes cerrados.

K'inich apontou a arma para a testa dela.

— Você tem três segundos — ele falou, depois de armar a besta.

Riq abriu a bolsa de Sera, sacou o Anel e o pôs no chão diante dela.

— Não! — protestou Sera quando K'inich se agachou e apanhou o dispositivo.

Ele voltou para a porta e baixou a besta.

— Caso vocês estejam se perguntando — ele falou —, sim, o menino da aldeia da história sou eu. Às vezes é o destino que encontra o homem, e não o contrário. Se o ancião que salvou minha vida fosse um Guardiã da História e não um Guardiã do Tempo, quem sabe? Eu poderia estar do lado de vocês. Mas não foi assim que as coisas aconteceram.

K'inich fechou a porta de pedra, e Sera ouviu o barulho da fechadura sendo trancada.

Sigam as serpentes

RIQ PRAGUEJOU CONTRA SI MESMO quando viu Sera socar a parede de pedra com o punho fechado. Por que ele não tinha seguido seus instintos? Desde o momento em que K'inich se ofereceu para acompanhá-los, Riq já desconfiava de suas intenções. Mesmo antes, quando o maia perguntou o que estavam procurando no porão do observatório. E aquela história sobre os dois meninos à deriva no mar... Riq sentiu que havia algo errado. Mas não fez nada a respeito. Nada. E por isso eles estavam ali trancados.

Ele olhou para María, que andava de um lado para o outro com a vela na mão, e para Dak, sentado com as costas apoiadas na parede, com o rosto escondido entre as mãos. Sera se virou com uma expressão de pânico no rosto e falou:

— E agora? Nós nunca vamos conseguir sair daqui! — Ela olhou para Riq. — Por que você entregou o Anel?

— Eu não podia deixar ele atirar em você.

— Prefiro levar uma flechada no peito a ficar trancada aqui para sempre — ela respondeu.

— Eles devem estar incendiando o códice de Pacal agora mesmo — comentou Dak. — Sabem aquele que a gente precisava proteger?

— Eu sempre soube que a SQ tinha gente aqui — afirmou María. — Mas nunca imaginei que fosse o primo de Bacab.

— E então, o que vamos fazer? — perguntou Sera. — Ficar aqui sentados, esperando o ar acabar? Porque é isso que vai acontecer, provavelmente.

Enquanto Dak, Sera e María continuavam suas lamentações, Riq começou a perambular pela sala, observando atentamente cada centímetro das paredes escuras. A vela de María iluminava apenas o suficiente para que ele pudesse enxergar. Depois de alguns minutos, ele encontrou algo que fez os pelos de seus braços se arrepiarem: uma pequena serpente entalhada em uma das pedras.

Depois outra, ainda menor, na pedra de baixo.

— E *você*, por que está tão quieto? — Dak gritou para Riq. — Para você não faz diferença se a gente morrer aqui nesta tumba?

Riq ignorou a provocação e continuou examinando a parede. Ele encontrou uma terceira serpente. E depois a quarta.

— Eu sei que você está me ouvindo, namorado!

— Para com isso, Dak — pediu Sera. — Por favor, tenta ficar quieto pelo menos uma vez na vida.

— O que foi que eu fiz para você? — Dak rebateu.

María foi até Riq e aproximou a vela da parede, para que ele pudesse enxergar melhor.

— O que você está vendo aí? — ela perguntou.

— Encontrei um padrão de pequenas figuras entalhadas na parede — contou Riq. — Elas vão até o chão.

Sera foi até lá para olhar também.

— São serpentes — ela falou. — Espera um pouco. Dak, me dá aqui o SQuare.

— Ah, e nem um “por favor” eu mereço mais?

Riq se virou e viu Sera tomar o SQuare da mão do outro, ligar e acessar o enigma.

— “Cavem fundo, cada vez mais fundo” — ela leu, e depois olhou para Riq e Dak. — E se este não for o ponto mais fundo do observatório?

— Kisa está tentando nos passar alguma mensagem — Riq falou, examinando a parede outra vez. As serpentes entalhadas claramente desciam até o chão. A pedra mais baixa, porém, tinha duas delas. Talvez aquela pedra fosse a mais importante. Ele se ajoelhou e começou a tatear, mas nada ali parecia diferente do restante da parede.

— E então? — perguntou Dak.

— Ainda não sei — respondeu Riq. Ele se levantou e observou todas as pedras com serpentes entalhadas, a começar por uma perto do teto. Era preciso entender do se tratava aquilo. O que Kisa estava tentando dizer? Só o que ele conseguia enxergar era uma parede de pedra.

— Será que é uma porta secreta ou coisa do tipo? — especulou Sera.

— O que não estou conseguindo ver? — Riq murmurou consigo mesmo. Ele tateou as pedras posicionadas ao lado das que estavam marcadas. Depois analisou os entalhes em si. Nada em especial chamou sua atenção. Ele ficou irritado a ponto de se levantar e dar um murro na parede, o que doeu um bocado e o fez dar um chute na pedra com duas serpentes.

Foi quando uma coisa estranha aconteceu.

A pedra que ele chutou afundou alguns centímetros na parede.

Riq se virou para Dak e Sera e viu seus olhos arregalados de ansiedade.

Então se ajoelhou e empurrou a pedra na parede até que se revelasse um pequeno trinco metálico. Ele o abriu, empurrou para o lado um pedaço de couro grosso e notou a presença de uma alavanca, que puxou com todas as forças. De repente, uma porção do piso se elevou, revelando uma abertura estreita que dava acesso a uma escadaria escura.

Eles se entreolharam, e Sera repetiu:

— “Cavem fundo, cada vez mais fundo”.

— Isso é incrível! — gritou Dak. — Acho que vou querer ser arquiteto!

Os quatro desceram pelos degraus estreitos, um por vez, com Riq segurando a vela para iluminar o caminho. Quando chegaram lá embaixo, ele ergueu a chama e examinou o pequeno cômodo. Havia uma mesa e uma cadeira antigas. As paredes estavam cobertas de glifos. Nas prateleiras ao redor, eles viram dezenas de pingentes enferrujados e alguns pincéis antigos.

— Uau! — exclamou Sera atrás deles.

— O que foi? — perguntou Dak.

Riq seguiu o olhar de Sera, que estava voltado para o chão debaixo da mesa, onde havia um esqueleto humano completo. Ele arregalou os olhos e foi até lá examinar melhor à luz da vela. Havia um pingente aberto junto à mão do esqueleto. Dentro dele, o glifo que indica a palavra “observatório” estava escrito pela metade. Ele caiu de joelhos, segurando as lágrimas. Aquela era Kisa, ele tinha certeza.

— Pessoal! — gritou Dak.

Riq se virou e viu que Dak segurava um códice nas mãos.

— Isso é o que eu estou pensando? — perguntou Sera.

Riq fez força para se controlar, ficou de pé e caminhou até Dak. Ele olhou para a primeira página do códice e lá estava o símbolo da mafumeira. A caligrafia era um pouco diferente, o que indicou para Riq que se tratava de uma cópia do trabalho de Pacal. Ele olhou para Sera e citou um trecho do enigma:

— “Para salvar a reprodução da verdade do tesouro”...

— Uma cópia do códice de Pacal. Nós conseguimos! — Dak falou. Ele tomou a vela da mão de Riq e deu uma volta pela sala. — Dá para acreditar no quanto isso é incrível? Este lugar não foi visitado por absolutamente ninguém durante centenas e centenas de anos. Pelo menos desde que ela bateu as botas, né? — ele comentou, apontando para o esqueleto. — Acho que, se ela tivesse sido encontrada, pelo menos teria sido enterrada como se deve.

— Não consigo acreditar — comentou María. — Durante todo esse tempo, tudo isso esteve debaixo dos meus pés.

Riq pegou a vela de volta e pôs em um suporte na parede, iluminando a sala com a luz fraca da chama.

— Hã, pessoal? — disse Sera, apontando para a parede oposta. — Tem um glifo entalhado na pedra perto desta maçaneta. Você consegue ler, Riq?

Riq chegou mais perto e decifrou o glifo.

— É uma saída! — ele anunciou.

— Está falando sério? — Dak começou a pular de alegria. — Existe outra forma de sair daqui! A menina das serpentes era um gênio!

— Vamos com calma — alertou Sera. — Saímos primeiro e comemoramos depois. Além disso, ainda precisamos trocar o códice que está com os frades.

— Qual é, Sera? — rebateu Dak. — Cadê a atitude positiva?

Dak, Sera e María tentaram girar a maçaneta encravada na parede, mas mal conseguiram fazê-la se mover.

— Riq, vem aqui ajudar — chamou Sera. — Essa coisa está mais do que emperrada.

Riq a ignorou, pois tinha acabado de encontrar uma tábua de madeira com uma série de glifos pintados. Parecia uma carta, colocada em cima da mesa em um lugar fácil de encontrar. Riq a apanhou e começou a ler, sentindo o coração disparar dentro do peito.

Querido Guardiã da História do futuro,

Se está lendo isto, é porque encontrou o berço do movimento entre o nosso povo. Quando eu era menina, o rei de Izamal me prometeu uma sala secreta sob o observatório, para que eu pudesse organizar a ação dos Guardiões da História. Mas ele não parou por aí: construiu uma sala secreta sob a nossa sala secreta. Muitas discussões importantes foram realizadas entre estas paredes. Mas agora já estou velha, sinto que o fim está próximo. Peço sua ajuda para fazer esta mensagem chegar aos viajantes do tempo que podem passar por nossa aldeia uma segunda vez.

Eu iniciei o movimento dos Guardiões da História aqui porque, quando era jovem, cruzei o caminho de três viajantes do tempo, e esse encontro mudou minha vida. Eles apareceram durante a grande tempestade e ajudaram o rei a manter a posse de nossa ferramenta de aprendizado mais preciosa, o códice de Pacal. Dezenas de estudantes aprenderam com esse códice durante o período de minha vida. Não consigo imaginar nossa aldeia sem ele.

Riq sentiu um nó na garganta. Ele olhou para o lado e viu Dak, Sera e María tentando mover a maçaneta emperrada. Depois examinou a sala inteira de novo, e também o esqueleto. Tudo parecia tão surreal. A presença de Kisa. Os ossos dela sob a mesa. Ele se lembrou da garota com quem ficou sentado na entrada da caverna. Ela era linda e inteligente, e o fez ter vontade de ser alguém. E então, num estalar de dedos, Riq tinha viajado para outra época, em que a menina de Izamal já tinha cumprido seu papel no mundo, envelhecido e morrido. Ele voltou a ler a carta, sentindo-se dominado pela emoção.

Durante toda a minha vida, desejei poder fazer algo especial. Quando era jovem, acreditava que isso seria possível por meio da arte e da ourivesaria. Mas tudo mudou quando conheci os viajantes do tempo. Eles vieram aqui com uma missão: salvar o mundo. E um dia eu percebi que poderia ajudá-los em sua tarefa. Sempre acreditei no valor do estudo, e fui eu mesma uma estudiosa. Viajei por aldeias distantes levando uma mensagem de paz e cooperação. Alertei os maias para que ficassem atentos e se opusessem à SQ desde o momento em que seus membros desembarcassem em nossa costa.

Instruí meu pequeno grupo de jovens seguidores a me chamarem de Akna, em homenagem à deusa da maternidade. Apesar de eu nunca ter sido mãe, o nome pegou. A maioria desses seguidores emigrou para outras aldeias e ampliou nossa presença. Já venho fazendo isso há mais de cinquenta anos. E devo minha experiência como Guardiã da História a um jovem e belo viajante do tempo que um dia entrou na cabana do meu tio em uma noite de tempestade.

— Riq, vamos lá! — Sera gritou.

— Nós conseguimos abrir! — contou Dak. — Apesar da sua má vontade!

Riq desviou os olhos da carta e viu Dak, Sera e María fazendo força para empurrar a porta. Logo atrás, havia outra escadaria de degraus estreitos.

— Só um segundo — ele disse apressado, e se virou para ler o último parágrafo da carta.

Por favor, Guardião da História do futuro, se por acaso cruzar o caminho dos três viajantes do tempo, entregue esta mensagem para o viajante chamado Riq. Diga que minha vida nunca poderia ter sido o que foi sem os três dias que passamos juntos. Diga que foi ele quem me fez acreditar que poderia ser o que quisesse. Diga que foi do exemplo dele que tirei forças para insistir que ele partisse de Izamal e continuasse sua missão. Apesar de eu ter passado as seis semanas seguintes chorando, com o coração partido, foi a decisão mais importante que tomei na vida, porque o mundo não poderia ser salvo sem ele. Por fim, Guardião da História do futuro, se Riq algum dia voltar a Izamal, diga que Kisa sempre se lembrará dele, mesmo depois de deixar este mundo. Se não fosse a nossa amizade, eu jamais teria cumprido meu destino como Guardiã da História.

— Vamos logo, Riq! — Sera gritou de novo.

Riq olhou para ela e sentiu que seu peito estava prestes a explodir. A porta estava aberta, e Dak e María já subiam as escadas.

— Qual é o seu problema? — perguntou Sera. — Precisamos trocar o códice que está com a

SQ e pegar o Anel de volta!

Riq assentiu, pôs a tábua de madeira de volta na mesa e foi correndo atrás de Sera. Antes de começar a subir os degraus, deu uma última olhada na sala secreta. Ele se lembrou da primeira vez em que viu Kisa, na cabana de Itchik. O estranho frio na barriga que sentiu quando seus olhares se cruzaram. Finalmente, ele entendeu o que aquilo significava.

Riq se virou e correu escada acima, sabendo que nada no mundo era capaz de detê-lo naquele momento. Ele era um Guardiã da História. Assim como Kisa tinha sido.

E, a partir daquele instante, seria tão dedicado à sua missão quanto ela.

O namorador contra-ataca

COM UM GRANDE ESFORÇO, Dak abriu o pesado alçapão de metal, ergueu a cabeça por cima do mato alto e inspirou uma boa lufada de ar fresco. A primeira coisa que ele viu foi uma coluna de fumaça subindo pelo ar. Os frades já tinham tratado de queimar tudo. Ele notou que o céu estava cinzento e carregado de nuvens ameaçadoras.

A escada subterrânea secreta levava até um ponto próximo ao lugar em que eles chegaram depois da viagem no tempo: atrás do observatório, em um campo de mato alto. Dak lembrou que, ao chegar ali, ele mal reparou no matagal; nem imaginava que aquele local escondia a passagem secreta que salvaria sua vida. Ele passou o códice para a mão esquerda e ajudou María a subir pelo alçapão. E depois Sera. Então contemplou a escuridão por alguns instantes, com a mão direita estendida, à espera de Riq. Os degraus, no entanto, continuavam sem ninguém.

Ele se virou para Sera.

— Cadê o namorador?

Nesse exato momento, Riq surgiu da escuridão.

Havia uma expressão de determinação renovada no rosto dele. Provavelmente porque tinha fuçado nas coisas da menina das serpentes. Dak fez outra anotação mental para a aula sobre amor que pretendia oferecer a Riq.

— Eles já começaram — disse Sera, apontando para a fumaça.

— Vamos lá corrigir essa Fratura — falou Dak, e saiu correndo para a praça com o códice debaixo do braço. Quando olhou para trás alguns segundos depois, viu que Sera, Riq e María o seguiam.



Quando chegaram à praça da aldeia, Dak se escondeu atrás de uma árvore para recobrar o fôlego e observar o que estava acontecendo. Os outros se agacharam atrás dele.

Havia uma enorme fogueira queimando, lançando chamas a mais de cinco metros de altura. Muitos maias estavam por lá, vendo a própria história virar fumaça. Alguns se abraçavam e choravam. Outros gritavam com os frades. Outros ainda estavam sendo levados da praça, algemados.

Havia um frade posicionado bem no centro do espetáculo, brandindo um códice e gritando a respeito do céu, do inferno e do caráter traiçoeiro do diabo. Dak mal conseguia acreditar no quão surreal era aquilo. A fúria das chamas e a fumaça sufocante. O sermão exaltado de Diego de Landa. As nuvens carregadas pairando ameaçadoramente sobre tudo, de quando em quando iluminadas pelo brilho de um raio.

Quando vivia no conforto da casa dos pais, Dak sempre se sentiu atraído pelos momentos mais tenebrosos da história. Ele subia em sua árvore favorita e ficava lendo durante horas sobre execuções, guerras e golpes. Ainda se lembrava do dia em que descobriu um artigo sobre o auto de fé de Diego de Landa, que destruiu pelo menos quarenta códices maias e mais de vinte mil objetos de culto. Dak ficou impressionado pelo fato de um simples frade poder destruir a história de uma civilização inteira. Só naquele instante, porém, ele foi capaz de entender a dimensão desse ato. Bastava ver a expressão no rosto dos maias ao redor. O estômago de Dak ficou embrulhado.

— Eles estão ali — disse Sera, apontando para um local à direita da fogueira. — Bacab e seus homens. Eles estão vindo.

Dak observou a marcha dos homens em direção à praça, com algumas armas antiquadas prontas para a batalha. Eles não seriam páreo para os espanhóis. Dak notou que K'inich vinha caminhando lado a lado com os corajosos maias, que nem imaginavam que ele estava usando aquele genocídio cultural para benefício da SQ.

Dak se virou para os outros e gritou bem alto, para ser ouvido em meio ao alvoroço.

— O frade que está pregando é Diego de Landa, claro!

— E agora tudo vai queimar! — gritou De Landa para a multidão. — E suas almas ficarão livres do mal, e vocês poderão enxergar a verdade. Não existe outra maneira. Eu preservarei este único documento, para que os futuros líderes da igreja possam entender o que levou uma civilização inteira a viver nas trevas!

— Ele não faz ideia de que está com um códice falso — comentou Sera.

Dak brandiu a reprodução do códice de Pacal.

— Precisamos fazer a troca. Sem que o frade saiba, claro, porque ele jamais acreditaria em nós.

— Pode deixar comigo — disse Riq. — Sou o único que está vestido de frade.

Um tiro ressoou no ar.

Dak se virou e viu um dos homens de Bacab ir ao chão, com a mão no peito, sufocando com o próprio sangue. Mais um tiro foi disparado. Outro homem tombou.

— Eles estão atirando nas pessoas! — gritou Sera.

Bacab e seus homens se dispersaram, procurando esconderijo atrás de árvores, pedras e cabanas próximas. O barulho dos disparos se intensificou com os gritos e os trovões retumbando no céu.

Dak se virou para os amigos.

— Escutem! — ele berrou. — Riq, o plano é o mesmo de 638! Esconde o códice na batina. Eu vou roubar o que está na mão do De Landa. Vem correndo atrás de mim, fingindo que é um deles, e nós fazemos a troca, certo?

Riq assentiu.

— Eles vão atirar em você, Dak! — gritou Sera.

— É perigoso demais! — berrou María.

Dak olhou para cima quando sentiu que começava a cair uma chuva leve.

— Kisa fez a parte dela — ele falou. — Agora é hora de fazermos a nossa.

Ele piscou para Riq e saiu de trás da árvore.

Um trovão retumbou no céu enquanto Dak corria até De Landa e sua fogueira. O calor do fogo começou a incomodar sua pele. Assim que o frade se virou para o outro lado, ainda pregando a respeito do diabo, Dak correu na direção dele.

Um dos espanhóis gritou com Dak. Outro se virou e atirou uma flecha, que passou zunindo pela orelha esquerda do viajante do tempo. Diego de Landa se esquivou no momento em que Dak chegou até ele, mas o garoto foi mais rápido: arrancou o códice de sua mão e fugiu correndo.

Duas outras flechas passaram bem perto de sua cabeça.

Foi quando ele ouviu os gritos de Riq, proferidos em espanhol:

— Consegui! Eu peguei o ladrãozinho!

Riq pulou sobre Dak, derrubando-o no chão e enterrando o rosto dele na lama perto da fogueira.

— Você vai pagar pelo seu crime! — Riq gritou no ouvido do amigo, e ao mesmo tempo sacou de dentro da batina o códice de Pacal. Ainda berrando com Dak, Riq trocou sorrateiramente os códices, e depois lhe deu um soco no queixo.

Dak perdeu os sentidos por alguns instantes, e quando voltou a si levou a mão ao rosto e começou a gritar em inglês:

— Cara, isso não estava no plano!

Quando olhou para cima, porém, deu de cara com três espanhóis apontando flechas para sua cabeça.

Riq deu uma chave de braço em Dak e arrancou o códice de Pacal das mãos dele.

— Peguei! — ele berrou para os outros frades. — Aqui está! Devolvam para o irmão De Landa! Vou garantir que esse bandido pague com a vida!

Um dos espanhóis pegou o códice e seguiu em direção ao líder franciscano. Os demais voltaram a atenção para outras coisas.

Enquanto Riq arrastava Dak para longe, eles olharam para trás e viram que De Landa já estava com o códice de Pacal e tinha recomeçado sua pregação.

— Você não precisava ter dado um murro na minha cara — Dak falou para Riq.

— Não tinha outro jeito — Riq rebateu. Depois encarou Dak, abrindo um sorrisinho, e acrescentou: — Ah, e seria bom se você parasse de se referir a mim como “namorador”.

Dak revirou os olhos e pediu que Riq o levasse para mais perto do fogo, para que ele lançasse o códice da SQ nas chamas.

— Ninguém nunca mais vai ler essas mentiras — ele falou.

Eles só conseguiram se aproximar um pouco, no entanto, antes de serem atacados. Dak teve o rosto enfiado na lama outra vez. Quando olhou para cima, viu a expressão furiosa de

K'inich, que gritou:

— Eu vi o que vocês fizeram!

O códice da SQ escorregou da batina de Riq e também caiu na lama, e os três começaram a brigar para pegá-lo de volta.

— Me deem isso aqui! — berrou K'inich. — Agora!

K'inich deu um soco no rosto de Riq e estendeu a mão para apanhar o códice, mas Dak foi mais rápido. Ele se atirou sobre o objeto, agarrou-o junto ao peito e encolheu o corpo todo. K'inich o socou nos rins e na nuca, porém Riq agarrou os braços do agressor e o imobilizou.

A chuva começou a cair com mais força.

Um trovão cortou o céu bem acima da cabeça deles.

Dak se abraçou ao códice quando Riq e K'inich desabaram sobre ele, lutando e arranhando-se no rosto.

Então um frade apareceu correndo com uma arma em punho, gritando:

— Pare com isso! Pare com isso! Saia de cima dele!

Dak relaxou um pouco, imaginando que o frade estava ordenando que K'inich saísse de cima de Riq, mas, quando olhou para cima, viu o franciscano golpear a nuca do viajante do tempo.

K'inich ficou de pé e entregou o Anel do Infinito para o frade, gritando:

— Joga isso na fogueira! Eu cuido do códice! — Ele tomou a arma do frade e colou o cano na orelha de Dak. — Isso mesmo! A SQ tem homens dos *dois* lados!

K'inich algemou os pulsos de Dak e Riq e os levou para longe da praça.

Enquanto os dois eram puxados, Dak olhou para trás e viu o frade correr com o Anel para a fogueira.

— Sera! — ele berrou.

Ela estava lado a lado com Bacab, que mirava sua besta em De Landa. O líder maia lançou a primeira flecha e errou por pouco. Dois frades foram até De Landa imediatamente, baixando sua cabeça e o abrigando na cabana mais próxima. Dak viu que De Landa ainda estava com o códice de Pacal.

Um relâmpago iluminou as nuvens carregadas.

Um trovão retumbou com tanta força que fez a terra tremer sob os pés de Dak.

Para todo lugar que olhava, ele só via espanhóis algemando maias. A fogueira rugia alto, e em pouco tempo toda a história de Izamal virava cinzas. Ele notou que o frade que carregava o Anel ainda não tinha chegado até as chamas.

— Sera! — Dak gritou de novo.

K'inich parou de puxar Riq e encostou a arma na têmpora de Dak.

— Quietos! — ele ordenou. — Não sei como conseguiram escapar, mas vou me livrar de vocês de uma vez por todas! Ninguém vai atrapalhar nossa missão!

Sera deu um berro.

Dak se virou e viu que ela havia saltado sobre as costas do frade da SQ que carregava o Anel do Infinito. Ele a derrubou com uma cotovelada e chutou sua barriga.

— Não! — Dak gritou.

K'inich o golpeou na orelha. Dak se encolheu de dor. Quando abriu os olhos, viu o frade

arremessar o Anel no meio das chamas ardentes.

Bacab largou a besta e se arremessou no fogo para salvá-lo. Ele ficou encoberto pelas chamas por vários segundos antes de lançar o Anel para um local seguro. Depois mergulhou na lama e começou a rolar de um lado para o outro, para apagar o fogo que o consumia. Ficou em pé logo em seguida, todo queimado, e apanhou o Anel.

— Cuidado! — berrou Sera, ainda caída.

Um espanhol saiu de trás de uma pedra, mirando uma besta bem na direção de Bacab. Ele disparou, e a flecha cravou nas costas do líder maia.

Bacab caiu de joelhos, arqueando o corpo, e levou a mão às costas, tentando alcançar a flecha.

— Bacab! — gritou Sera, se esforçando para ficar de pé.

O frade carregou a arma outra vez e lançou uma segunda flecha, que atingiu Bacab na coxa direita.

Dak viu quando outro maia enfim avançou sobre o frade, arrancando a besta de suas mãos. E assistiu enquanto Sera corria até Bacab, ajudando-o a se levantar e colocando o braço dele sobre seu ombro. Com dificuldade, ela começou a afastá-lo daquele caos.

Mais um relâmpago iluminou o céu.

Dak estava completamente indefeso.

K'inich empurrou Dak e Riq para trás de uma cabana e os jogou no chão. Então ergueu a arma e gritou:

— Vocês vão morrer!

Dak fechou os olhos com força e esperou pelo estampido do tiro que daria fim à sua vida.

Em vez disso, ouviu o som de um baque forte, e quando olhou para cima viu María de pé ao lado do corpo inerte de K'inich, segurando uma pedra grande e pontuda. Com os olhos cheios de lágrimas, ela se virou para Dak e Riq e falou:

— O trabalho de Akna não pode ter sido em vão.

Dak olhou para Riq e depois viu María arrancar a arma e as chaves de K'inich e correr na direção deles para abrir as algemas. Ela experimentou diversas chaves antes de encontrar a correta e os libertar. Dak ficou abrindo e fechando as mãos por uns instantes, depois tirou o códice da SQ das mãos imóveis de K'inich e correu na direção da fogueira.

As chamas não eram mais tão intensas, pois a chuva já estava forte, mas Dak sabia que ainda eram suficientes para incinerar as mentiras da SQ. Ao arremessar o códice na fogueira, Dak escorregou e caiu na lama. De joelhos, observou enquanto o falso documento queimava. Algumas páginas se dobraram sob o calor intenso, e logo em seguida se inflamaram em tons de vermelho e preto, e o vento espalhou suas brasas pelo céu tempestuoso.

O mundo jamais conheceria a propaganda ideológica contida no códice da SQ. Em vez disso, seria preservada a verdade a respeito dos maias. Ou pelo menos parte dela.

Dak respirou fundo e continuou observando a fogueira.

Mais um trovão retumbou lá no alto, e os céus se abriram.

A chuva caía pesada sobre a cabeça de Dak, encharcando o terreno ao seu redor, forçando os poucos frades que ainda estavam presentes a correr em busca de abrigo. Dak, porém, não

conseguia tirar os olhos do fogo. Eles tinham corrigido a Fratura, mas não impediram o auto de fê de Diego de Landa. E Dak não se conformava com aquela perda. Ele agora sentia na própria pele a crueldade e a violência de um ato como a destruição da história de uma cultura. Era quase um assassinato.

Mais um raio iluminou as nuvens negras no céu.

Um trovão rugiu.

Dak sentiu que algo se aproximava e, quando olhou para cima, deu de cara com Riq, encharcado, estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar.

Debaixo da mafumeira

— POR FAVOR, FALE COMIGO — disse Bacab para Sera.

As lágrimas escorriam pelo rosto dela, mas Sera não fez questão nenhuma de esconder. Bacab estava gravemente ferido. Disse que sabia que não ia sobreviver, e se recusou a deixar que ela o levasse até o curandeiro da aldeia.

— Falar o quê? — perguntou Sera, limpando o rosto com as costas da mão.

— Não importa, irmãzinha. Me fale da sua vida. Da sua família.

Sera observou a maneira violenta como o corpo dele estremecia, apesar do ar quente e úmido. Ela olhou para o outro lado da enorme mafumeira sob a qual estavam agachados, tentando pensar no que dizer para um homem à beira da morte. A chuva caía com pingos grossos, que às vezes se infiltravam por entre a folhagem espessa da árvore e caía na cabeça dos dois. Ela tentou abrir a cabana logo em frente, mas estava trancada. Ninguém atendeu quando ela bateu, apesar dos sinais claros de que havia gente lá dentro.

— Por favor — ele pediu, fechando os olhos e apoiando a cabeça no tronco da árvore. — Qualquer coisa.

Sera apertou a mão gelada de Bacab até que ele abrisse os olhos novamente.

— Minha família somos só eu e o meu tio Diego — ela contou.

— E os seus pais? — Bacab perguntou com um fio de voz.

Sera sacudiu a cabeça.

— Nunca conheci.

O vento ficou mais forte, soprando com força em torno de Sera, de Bacab e da árvore. As folhas sacudiam freneticamente. Sera ouviu um galho se partir, mas quando olhou para cima não viu nada.

— Me conta mais — falou Bacab.

— Sonhei com eles uma vez — revelou ela, removendo a lama que sujava a testa de Bacab.

— Com os meus pais. Eu estava no futuro. Milhares de anos no futuro, perto do fim do mundo. Fui até o celeiro do meu tio e abri a porta. E lá estavam eles, sentadinhos, me esperando.

— Certo — disse Bacab.

Sera limpou as lágrimas mais uma vez e continuou:

— Eles voltaram porque se importam comigo.

— Claro que sim — Bacab concordou antes de tossir e levar a mão à flecha encravada na

coxa. — Vocês ainda vão se encontrar.

Sera soluçou bem alto, mas logo depois se conteve.

— Sinto muito, Bacab. Foi tudo culpa minha. Você só estava tentando me ajudar.

— Desde que era menino — ele disse em um sussurro — eu queria ser um líder. Um líder do meu povo. — Ele tossiu e limpou a boca. — Mas meu pai sempre dizia: “Bacab, se você quiser ser alguém especial, precisa suportar uma carga muito pesada”. Eu nunca entendi isso. Ou melhor, não tinha entendido, até agora.

O coração de Sera disparou. Aquelas eram praticamente as mesmas palavras que seu avô havia lhe dito na única vez em que se encontraram. Ela olhou para Bacab, sentindo um nó na garganta.

Um raio poderoso iluminou o céu.

O trovão ressoou bem acima da cabeça deles.

— E você, irmãzinha? — Bacab perguntou. — Você consegue suportar?

Sera soluçou de novo, e desta vez nem tentou se conter, pois sabia que não seria capaz. Ela deixou o choro correr solto.

— Acho que consegue, sim — ele afirmou, abrindo um breve sorriso. — E eu costumo acertar nesse assunto. — Ele tossiu e respirou fundo. — Em relação às pessoas.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Sera, e ela tentou respirar fundo também, mas era impossível. Estava abalada demais.

— Bacab... — ela começou. Sera queria poder dizer alguma coisa relevante, que fosse ao mesmo tempo profunda e tranquilizadora. No entanto, só o que passou por sua cabeça foi dizer o nome dele de novo. — Bacab.

Ele não respondeu, e ela escondeu o rosto para chorar.

Porque ela sabia.

Ele não estava mais lá.

Alguns minutos depois, apoiou a cabeça dele de volta no tronco da mafumeira e fechou seus olhos.

— Tenho muito orgulho de ser sua descendente — ela falou.

Em seguida, encostou a própria cabeça na árvore e viu que a tempestade parecia ainda mais ameaçadora.



Alguns minutos depois, chegaram Riq e Dak, o último com o Anel do Infinito nas mãos. Riq estava mexendo em seu bracelete.

Sera olhou para os dois, ambos encharcados. Ela enxugou o rosto e se levantou.

— Sera... — começou Dak, mas então notou a presença de Bacab e disse: — Ah.

Riq afagou o ombro dela.

— O pessoal lá da aldeia falou que a tempestade vai ficar ainda mais feia — ele contou. — Mas podemos ficar mais um pouco se você quiser.

— É uma tempestade, claro — concordou Dak. — Mas acho que não vai piorar, como eles

estão dizendo.

Sera pegou o Anel do Infinito da mão de Dak e começou a programar as novas coordenadas. Riq mostrou a ela os dizeres do SQuare.

— Se os maias estão dizendo que uma grande tempestade está chegando, é porque uma grande tempestade está chegando — Sera disse.

Eles concordaram com a cabeça.

— É melhor segurarem aqui se quiserem vir comigo — ela falou.

Dak e Riq agarraram o Anel, e ela apertou o botão que os faria viajar no tempo outra vez. O Anel começou a vibrar, e o líquido dentro dele se acendeu e começou a se agitar. Sera deu uma última olhada na paisagem maia que se desfazia diante de si, sentindo uma ponta de tristeza, mas também uma incrível satisfação. Depois se virou para Bacab e pensou que, da próxima vez que alguém na escola afirmasse que os maias eram seus ancestrais, ela não se sentiria envergonhada, e sim orgulhosa.

Tudo ao redor deles pareceu ficar borrado. Dak disse para Riq:

— Mostra para ela.

Riq estava segurando um pingente aberto. Sera esperava ver um glifo maia no segundo antes que a viagem do tempo começasse. O que ela viu, no entanto, era outra coisa.

— Isso é... chinês? — ela perguntou.

Quando Dak abriu a boca para responder, eles foram tragados pela escuridão.

MATT DE LA PEÑA é autor de diversos livros para jovens, entre eles *Ball Don't Lie*, *Mexican WhiteBoy*, *We Were Here*, e *I Will Save You*, todos selecionados entre os Melhores Livros para Jovens Adultos da YALSA (Young Adult Library Services Association). Ele mora no Brooklyn, em Nova York, e dá aulas de escrita criativa.

Copyright © 2013 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITYRING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Curse of the Ancients

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Chris Nurse e Cheung Tai

DESIGN DE CAPA E MIOLO Keirsten Geise

PREPARAÇÃO Bárbara Prince

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

ISBN 978-85-438-0025-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

1 Alertas de Tempestade

2 Elegantemente adiantados

3 O alívio em meio à tempestade

4 A ira de Chaac

5 Uma noite sem dormir

6 O símbolo da mafumeira

7 Um novo objetivo

8 A importância daquele dia

9 Voltando à tona

10 Pega ladrão

11 O que Sera viu

12 Mil anos depois

13 Isso é o que somos

14 Sabedoria na prisão

15 Um desvio de rota necessário

16 Os outros Guardiões da História

17 Como as coisas aconteceram

18 Sigam as serpentes

19 O namorador contra-ataca

20 Debaixo da mafumeira

Sobre o autor